

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS  
VICE-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA  
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

TERCEIRA IDADE E PRÁTICAS RELIGIOSAS COMO  
EXPRESSÃO DE SOLIDARIEDADE

LUIZ ALBERTO VIEIRA RODRIGUES

GOIÂNIA, AGOSTO 2001

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS  
VICE-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA  
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

TERCEIRA IDADE E PRÁTICAS RELIGIOSAS COMO  
EXPRESSÃO DE SOLIDARIEDADE

Dissertação apresentada ao Curso de  
Mestrado em Ciências da Religião  
como requisito para a obtenção do  
Grau de Mestre.

ORIENTADOR: Professor Dr. Sérgio de Araújo

LUIZ ALBERTO VIEIRA RODRIGUES

GOIÂNIA, AGOSTO DE 2001

# TERCEIRA IDADE E PRÁTICAS RELIGIOSAS COMO EXPRESSÃO DE SOLIDARIEDADE

LUIZ ALBERTO VIEIRA RODRIGUES

Dissertação defendida e aprovada, com nota \_\_\_\_\_, em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_, pela banca examinadora composta pelos seguintes professores:

Banca Examinadora

\_\_\_\_\_ Prof. Dr. Sérgio de Araújo - (orientador presidente)

\_\_\_\_\_ Prof. Dr. Valmor da Silva - (professor membro)

\_\_\_\_\_ Prof. Dr. Pietro Sassatelli - (professor membro)

## Dedicatória

*Aos paroquianos da Paróquia Jesus de Nazaré pela oportunidade que me deram, para que eu pudesse concluir o mestrado, em especial à Ir. Maria Heidemann e ao Conselho Econômico Paroquial;*

*Aos meus colegas do mestrado, em especial a Pe. Francisco Prim, e aos amigos que sempre me apoiaram nesta batalha, especialmente ao grupo de Amigos Patetas: Cirino da Cunha, Arildo Rafael, Evaldo da Silva e Martinho Araújo;*

*Aos professores do mestrado, que não mediram esforços em transmitir conhecimentos durante o curso;*

*Aos meus sobrinhos e irmãos que convivem comigo, sempre me dando a força nas horas críticas do tempo;*

*De maneira especial ao Pe. Milton Alves da Silva, que muito influenciou para que eu fizesse o mestrado.*

## Agradecimentos

*A Deus, o grande criador, que me deu inteligência, saúde e vontade de crescer;*

*A minha mãe, Deuzila Maria Vieira, que me gerou no seu ventre materno com as minhas qualidades e dom, a meu pai, Alonso Rodrigues (in memoriam) co-participante da minha vida;*

*Ao Grupo Recanto da Alegria, onde tive a oportunidade de trabalhar a monografia através das entrevistas com as idosas, em especial, a Irmã Álida;*

*À Sociedade Goiana de Cultura – SGC, que me favoreceu com a bolsa de estudos, durante todo mestrado, na pessoa do Pe. José Pereira de Maria.*

*Ao Professor Sérgio de Araújo pela sua dedicação no acompanhamento e orientação da dissertação.*

*Ao Professor Pietro Sassatelli, que não mediu esforços encontrando tempo para colaborar com sua presença na banca.*

*Ao Professor Valmor da Silva, que se colocou sempre à disposição em colaborar e participar na banca.*

## SER COMO VINHO VELHO NA BUSCA DE NOVOS CAMINHOS

*“Na busca de sua alma e do sentido de sua vida, o homem descobre novos caminhos que o levam para a sua interioridade: o seu próprio espaço interior torna-se um lugar novo de experiência” Prétat (1997, p. 5).*

*“Agora que a velhice começa preciso aprender com o vinho a melhorar envelhecendo e sobretudo a escapar do perigo terrível de, envelhecendo, virar vinagre.*

*É tão importante saber envelhecer! Saber descobrir encanto de cada idade sem dúvida, há limitações que a velhice traz. Mas feliz de quem envelhece como frutas que amadurecem sem travo...*

*Feliz de quem envelhece por fora, conservando-se em compreensão para com tudo e para com todos, caminhando, sempre mais no amor de Deus e no amor ao próximo...*

*Quem conserva acesa a sua chama, quem mantém entusiasmo pelo que faz, quem sente razões para viver, pode ter o rosto cheio de rugas, e a cabeça toda branca, é jovem!*

*Quem não entende a vida, e não descobre a razão para viver e não vibra, não se empolga, pode ter vinte anos, mas já envelheceu.*

*...qualquer que seja sua idade, guarde estes pensamentos:*

*- o importante não é viver muito ou pouco, mas realizar na vida o plano para o qual Deus nos criou. As rosas, a rigor, vivem um dia. Mas vivem plenamente porque realizam o destino de graça e de beleza que vêm trazer à Terra.*

*- se sentirem que os anos passam, e a mocidade se vai, peçam, a Deus, para si e para os que se tornam menos jovens, a graça, de envelhecendo, não azedar, não virar vinagre”.*

D. Helder Câmara

# SUMÁRIO

## INTRODUÇÃO

1.1. O problema.....	11
1.2. Justificativa.....	12
1.3. Objetivo Geral.....	12
1.3.1. Objetivos específicos.....	13
1.4. Metodologia.....	13
1.4.1. Trabalho de campo.....	13
1.4.2. Técnicas.....	15
a). Entrevistas.....	15
b). História oral.....	15
1.4.3. Estrutura da dissertação.....	18

## CAPÍTULO I

1. A RELIGIÃO COMO EXPRESSÃO DE SOLIDARIEDADE.....	23
1.1. Catolicismo popular urbano.....	32
1.2. Dimensões religiosas.....	38
1.3. Experiência religiosa e sua expressão.....	41
1.4. O processo ritual e suas implicações grupais e sociais.....	44
1.4.1. A ritualidade.....	47
1.4.2. Implicações do processo ritual.....	48

## CAPÍTULO II

2. A VELHICE, A SOLIDÃO E A DEPRESSÃO.....	56
2.1. A velhice.....	56
2.2. A Solidão.....	60

2.4. Depressão.....	64
CAPÍTULO III	
3. O GRUPO RECANTO DA ALEGRIA, SUAS PRÁTICAS RELIGIOSAS E SEUS DESAFIOS SOCIAIS.....	70
3.1. Os idosos no Brasil.....	70
3.2. As idosas no Setor Urias Magalhães.....	76
3.2.1. O grupo de mulheres.....	80
3.2.2. Idade das idosas.....	82
3.2.3. Satisfação e dúvidas das idosas.....	85
3.2.4. A vida das idosas antes do grupo.....	86
3.2.5. Um grupo religioso.....	90
CAPÍTULO IV	
4. AS IDOSAS DEPOIS DE SUA PARTICIPAÇÃO NO GRUPO.....	96
4.1. Práticas Religiosas.....	102
4.1.1. As missas.....	103
4.1.2. As rezas.....	105
4.1.3. Água benta.....	106
4.1.4. Os ramos.....	109
4.1.5. Apostolado da Oração.....	111
4.2. Práticas sociais das idosas no grupo.....	113
4.2.1. As visitas aos doentes e idosos.....	113
4.2.2. Os trabalhos manuais.....	117
CONCLUSÃO.....	118
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	123
ANEXOS.....	128



## RESUMO

RODRIGUES, Luiz Alberto Vieira. *Terceira idade e práticas religiosas como expressão de solidariedade*. Goiânia, Universidade Católica de Goiás, 2001.

Esta dissertação tem como objeto de pesquisa o grupo “Recanto da Alegria”. É um grupo de mulheres idosas católicas, que se reúnem no âmbito das práticas religiosas como expressão de solidariedade. O grupo é de periferia da cidade e conta com 60 participantes, sendo a maioria pobre, pensionistas ou vivem de uma mísera aposentadoria, umas casadas e outras viúvas. Esta pesquisa tentou apreender os aspectos principais dessa complexa situação, a partir das investigações e observações das entrevistadas idosas integrantes do grupo. A pesquisa é de natureza descritiva e desenvolvida segundo o método etnográfico de investigação, tendo como principais técnicas de coleta de dados a entrevista semidirigida e a observação participante. Os resultados obtidos pela importante integração das idosas no grupo foram os seguintes: Através das práticas religiosas e sociais no grupo as idosas são influenciadas pela expressão de solidariedade; esta as ajuda a sentir-se importantes e úteis ao mundo e à sociedade. Através da religião e do grupo as idosas sentem-se protegidas, diminuindo o risco de sofrerem a depressão, a solidão, para saber aceitar a velhice. Entre as idosas algumas características/virtudes: a sensibilidade, compreensão, paciência, simplicidade, simpatia, atenção, interesse, compreensão sobre a pessoa humana, saber ouvir, saber deixar a outra à vontade, liberdade de falar, moderadas, amigas, cativas. Essas características/virtudes demonstram que a vivência grupal, com as práticas religiosas e sociais, estabelecem entre as pessoas laços fraternos e de descobertas. Torna-se um imperativo importante para a solidariedade, mesmo que ainda estas pessoas estejam com suas idades avançadas ou na terceira idade.

## ABSTRACT

This essay has as research object the group “Recanto da Alegria”. It is a group of old catholic women, that assemble for religious practice as a solidarity way. The group is from the periphery and has 60 participants, the biggest part is poor pensioner or survive with a poor retiring, some are married and others are widow. This research tried to seize the mainly aspects of this complex situation, from the investigations and observations of the people interviewed from the group. The research is characterized and developed by the ethnographic method of investigation and it has as mainly technique the collection of data’s the interview partly guided and the participant observation. The result gotten by the important integration of the old women were: by the religious and social practices in the group the old women are influenced by the solidarity way; this helps them to feel important and useful to the world and society. By the religion and the group the old women feel protected, decreasing the risk of feeling depression, loneliness but able to accept the old age. Some characteristics among the old women: sensibility, comprehension, patient, plainness, geniality, attention, interest, comprehension about the human, knowing how to listen, knowing how to let people free, freedom to speak, moderate, friends, captivated. These characteristics show the group society, with religious and social practices, establish friendship and discovery among people. Becomes important to the solidarity, no matter if these people are old age.

# 1. INTRODUÇÃO

## 1.1. O problema

As idosas do grupo são sujeitos ativos ou passivos de uma ação grupal religiosa? O grupo provoca mudanças na vida das idosas ou simplesmente tem caráter de pietismo religioso? Qual a conexão entre o mundo religioso com seus rituais e o mundo social para as idosas? Com o avanço da modernidade, das técnicas capitalistas, o que as idosas ganharam e o que elas perderam? Deixaram-se enganar ou alienar pelas ideologias religiosas? A integração no grupo valoriza, como forma de superação dos desafios sociais, sobretudo o sentimento de solidão, depressão ou da própria velhice? Qual a contribuição da experiência religiosa e da solidariedade entre as idosas para as Ciências da Religião? Os teóricos que fundamentam a problemática contribuíram em quê?

Sabe-se que há um vasto campo de pesquisa a ser feito, pois nenhuma pesquisa se limita a um pesquisador, mas que outros pesquisadores possam ter interesse por este tipo de temática sobre os idosos, em especial as idosas. Trabalhar a questão das idosas, é simplesmente abrir horizontes para outros pesquisadores contribuírem, também, com as Ciências Sociais e as Ciências da Religião.

## 1.2. Justificativa

Por que o tema Terceira Idade e as Práticas Religiosas como Expressão de Solidariedade? Há muito tempo se fazia necessário estudar e pesquisar a realidade da vida das idosas da comunidade “Recanto da Alegria” – o objeto de pesquisa por ser um grupo religioso católico de periferia da cidade, no Setor Urias Magalhães, em Goiânia. Sabe-se que na maioria das vezes, na sua organização, há ainda muito o que fazer com caminhos abertos para a solidariedade, sobretudo em virtude da problemática encontrada pelas idosas, no que se refere ao descaso social e abandono religioso. O grupo necessita de uma vivência profunda desta experiência religiosa, com sua ritualidade e suas implicações no âmbito da solidariedade.

*O tema foi escolhido em vista do crescente aumento da população no Brasil, na faixa etária acima dos 60 anos. É também a tentativa de fazer a pessoa idosa reconhecer a sua sabedoria e experiência religiosa na comunidade. Essas práticas religiosa poderão solucionar os anseios das idosas?. Requer respostas à problemática da velhice que será levantada a seguir:*

### *1.3. Objetivo Geral*

- Pesquisar e analisar a influência da religião como expressão de solidariedade no grupo de terceira idade – “Recanto da Alegria”, no Setor Urias Magalhães, por ser um grupo pequeno e de periferia de Goiânia.

#### 1.3.1. Objetivos específicos

- Compreender de que maneira as práticas e ritos religiosos se apresentam como instrumento de solidariedade para as idosas,
- Analisar as possíveis contribuições que as idosas dão à sociedade, com sua sabedoria e experiência de vida,

- Ver as possibilidades de resgatar o poder de força das idosas, assim como suas qualidades para a vida,
- Qual a experiência religiosa vivenciada pelas idosas neste grupo de terceira idade.

## 1.4. Metodologia

### 1.4.1. Trabalho de campo

Por quê o trabalho de campo? O trabalho de campo será feito com uma etnografia densa e observação participante. Da Matta (1987) diz que se faz uma pesquisa de campo com método característico de coleta de dados, para uma reflexão teórica, numa visão empírica laboratorial e etnográfica experimental. Da Matta (idem) diz que o aparato instrumental do etnógrafo é a vivência longa e profunda, numa observação como é o modo de viver dos outros, com seus valores e relações sociais. Trata-se da base do trabalho de campo, uma técnica de pesquisa mais fácil de justificar o que está abstrato. Buscar novos dados sem outra intermediação de consciências, sejam elas as dos cronistas, dos viajantes, dos historiadores, dos cientistas ou dos missionários que andaram antes pela mesma área ou região

Na consideração de Deslandes (1994), a pesquisa de campo é um recorte para o pesquisador, em termos de espaço, representa uma realidade empírica a ser estudada a partir das concepções teóricas que fundamentam o objeto da investigação. Numa outra consideração vê-se a importância do trabalho de campo, Deslandes (1994 p.64):

“O trabalho de campo, em síntese, é fruto de um momento relacional e prático: as inquietações que nos levam ao desenvolvimento de uma pesquisa nascem no universo do cotidiano. O que atrai na produção do conhecimento é a existência do desconhecido, é o sentido da novidade e o confronto com o que nos é estranho. Essa produção, por sua vez, requer sucessivas aproximações em direção ao que se quer conhecer. E o pesquisador, ao se empenhar em gerar conhecimentos, não pode reduzir a pesquisa à denúncia, nem substituir os grupos estudados em suas tarefas político-sociais”.

A grande preocupação para o pesquisador, não é deixar para traz as riquezas antropológicas, mas como o novo é sistematizado em vista das experiências empíricas de cada geração numa perspectiva altamente pessoal e autêntica de um problema (Da Matta,1987). As ciências necessitam de compreender o que os praticantes da ciência fazem para suas descobertas. Geertz C. (1978 p. 15) diz:

“Praticar a etnografia é estabelecer relações, selecionar informações, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário. Mas não são essas coisas, as técnicas e os processos determinados, que definem o empreendimento. O que o define é o tipo de esforço intelectual que ele apresenta”.

## 1.4.2. Técnicas

### a). Entrevistas

Será utilizada uma pesquisa com 27 pessoas idosas que participam do grupo, acima dos 60 anos de idade, escolaridade e poder econômico variado. As entrevistadas são do grupo “Recanto da Alegria” no setor Urias Magalhães, em Goiânia, Goiás, que se reúnem semanalmente. Com as entrevistas, a construção da dissertação será bem mais rica, pois conhecerá a realidade do grupo e das pessoas que serão trabalhadas (conf. anexo). Serão trabalhadas no grupo as entrevistas

individuais com as participantes, observação grupal por parte do pesquisador e das entrevistadas. Sabendo que está no velho a arte de narrar, assim diz Bosi (1994, p. 44),

“A arte da narração não está confinada nos livros, seu veio épico é oral. O narrador tira o que narra da própria experiência e a transforma em experiência dos que o escutam. No romance moderno, o herói sofre as vicissitudes do isolamento e, se não consegue expressá-las de forma exemplar para nós, é porque ele mesmo está sem conselho e não pode dá-lo aos outros”.

A entrevista é uma característica importante para o trabalho de campo. No entender de Bom Meihy (1996) a entrevista é uma das etapas da dissertação. A entrevista possui degraus: pré-entrevista, entrevista e pós-entrevista.

A relevância empírica da pesquisa etnográfica se dá pela capacidade de captar a realidade vivida, aliada a um compromisso teórico-metodológico. Cardoso (1986) diz que a coleta de material não é acumular informações, mas descobrir pistas, que são elaboradas em novas entrevistas. O pesquisador, com as investigações, é o mediador entre a análise e a produção da informação como elo necessário.

A coleta de dados será feita por entrevistas, para melhor conhecer a realidade das pessoas e do grupo, bem como sua organização e objetivos. Bom Meihy (1996 p. 67) escreve: “entrevistas trabalhadas de maneira a sintetizar as idéias e feitas em soluções formais adequadas à boa recepção evidenciam a necessidade de interferência do autor no trabalho”.

Segundo Bom Meihy (1996), a entrevista equivale a tirar os andaimes de uma construção quando esta fica pronta. Para Deslandes (1996) a entrevista é o procedimento mais usual no trabalho de campo. É através dela que o pesquisador busca obter informações contidas na experiência dos atores sociais. A entrevista não

deve ser uma conversa despretensiosa e neutra, uma vez que é inserida como meio de coleta dos fatos relatados pelos atores.

## b). Historia oral

Como será feito? Primeiramente, fá-se-á o levantamento da bibliografia dos autores teóricos que já trabalharam o tema em discussão; os mesmos ajudarão, de forma clara e rica, toda pesquisa oral que será feita no grupo de idosos “Recanto da Alegria”. Também será observado todo o grupo, analisando a participação de cada idosa do grupo. Será aproveitada a fala de algumas, para tentar, mediante esta pesquisa, possíveis respostas ainda não obtidas com outras pesquisas sobre o tema do idoso para as Ciências da Religião.

A história oral busca o registro da experiência de vida ou informações através da história de vida das pessoas do grupo, para compreender a realidade e a experiência dessas pessoas. Conforme Deslandes (1996 p. 59) “para muitas pesquisas, a história de vida tem tudo para ser um ponto inicial privilegiado, porque permite ao informante retomar sua vivência de forma retrospectiva, com uma exaustiva interpretação”.

Nesta etapa haverá uma observação participante do pesquisador com os integrantes do grupo porque traz uma variedade de situações, dados ou fenômenos que talvez não serão obtidos pelas entrevistas ou questionários. Segundo Deslandes (1996 p. 60) “A inserção do pesquisador no campo está relacionada com as diferentes situações da observação participante por ele desejada”.

A observação participante é uma técnica qualitativa de investigação na vivência com o outro, que possibilitará apreender significados simbólicos das



sociedades e dos grupos pelos quais os homens se identificam e se diferenciam. Segundo Cardoso (1986, p. 100), “desvendar os significados simbólicos de outras culturas... deve sempre ser completado pela observação dos comportamentos e de sua recorrência”.

Posteriormente, a observação participante passa a ser compreendida como uma participação observante, em que a pesquisa etnográfica significa um encontro de subjetividade representando o caminho da intersubjetividade do pesquisador com os atores sociais do grupo e estes com o pesquisador. Conforme Cardoso (1986), a intersubjetividade é a comunicação simbólica que supõe e repõe processos básicos responsáveis pela criação de significados e de grupos. É neste sentido que as pessoas se entrelaçam para desvendar tudo o que está oculto e explicar as relações desconhecidas.

#### 1.4.3. Estrutura da dissertação

A dissertação será estruturada em quatro capítulos, subdivididos. A bibliografia fundamentada e os 27 depoimentos das idosas serão trabalhados separados, sendo que os nomes das entrevistadas são fictícios (simbólicos).

No primeiro capítulo será descrita a religião como expressão de solidariedade de Durkheim (1996), que tem como elementos fundamentais o objeto e o sujeito, que estão interligados com o numinoso. A relação se dará por meio de práticas sagradas e das crenças individuais e sociais. Trata-se também, dos sistemas simbólicos e solidários dessas crenças e práticas sagradas; tornando a religião um eixo para que as idosas sejam solidárias entre si. A religião é o ato essencial da

sociedade, pois toda sociedade necessita de sentimentos e idéias coletivas para a unidade pessoal.

A religião se torna social pelas suas representações religiosas, que exprimem realidades coletivas como os mitos, dogmas, ritos e as cerimônias, tidos como o objeto da religião, que transcende o subjetivo em efeito social.

*As práticas religiosas como característica do catolicismo popular brasileiro urbano são refletidas por Parker (1993) e Miranda (1991). Tem-se dado ênfase à religiosidade em duas faces, de um lado, ela é moderna, fora dos prédios e das paisagens urbanas; é secularizada numa sociedade urbana. Por outro lado, a religiosidade vivenciada na sociedade urbana, prefigura milhões de pessoas vivendo em miseráveis barracos e favelas, mas com uma vigorosa religiosidade, em forma de pietismo popular religioso.*

*Os três tipos de religião: a) a religião de Igreja, relaciona e organiza as pessoas; b) a religião com a Igreja, expressões e experiências religiosas paralelas à prática religiosa oficial da Igreja; c) a religião sem Igreja é aberta, resistente ao convencional; os católicos que foram batizados, mas que não vivem a igreja.*

O catolicismo será analisado na linha de Miranda (1991) como caminho que leva à realização humana, com suas propostas de salvação e liberdade. O catolicismo em dimensões religiosas e na experiência religiosa com sua expressão, no sentido de que as manifestações religiosas estão sempre presentes no cotidiano dos indivíduos, sobretudo no âmbito sociológico.

Robertson (1980), apresenta como dimensão religiosa a fé, as práticas religiosas, a experiência religiosa, o conhecimento e as conseqüências da adesão religiosa.

Wach (1990) vai tratar da expressão religiosa, do sentir, pensar e do querer como virtudes da essência religiosa, o que será explicado em três campos, a teoria da doutrina, do culto e da sociologia, que vão se intermediar no desenvolvimento religioso no sentido coletivo. Também Turner (1974), vai falar do processo ritual e suas implicações grupais e sociais. Os ritos, com suas simbologias são os reveladores dos valores humanos, criando e recriando o entusiasmo individual e coletivo. São considerados o caminho principal para entender e compreender as sociedades humanas. Turner (idem) sintetiza os ritos como meio para colocar-se a serviço da ordem social.

Neste capítulo será tratada a liminaridade como manifestação cultural das comunidades, que se subdivide em elevação de "status" (tempo, lugar, modos de vida variados e uma ação social); reversão de "status" (os comportamentos, categorias, estrutura e a igualdade), e da "communitas", que tem a especificidade de sociedade aberta, diferenciada da sociedade fechada.

No segundo capítulo será trabalhada a temática da velhice, a solidão e a depressão na vida do ser humano. A velhice em Pintos (1997) vem caracterizar os períodos físico e mental, lento e gradual, que afetam nos aspectos biológicos e psíquicos, ou seja, um processo “catabólico” (despojamento das substâncias orgânicas). A velhice é um desafio, por vezes, há crueldade na falta de opções na vida do idoso. É um conflito entre a natureza humana e a força físico/mental. A solidão é contrária à integração da velhice ao mundo da coletividade. Ela não é eliminada e continuará operando na vida com o pavor ao medo da inutilidade futura, aborrecimentos e obstáculos aos outros. Assim como a velhice, a solidão também é gerada pelas circunstâncias biológica que impedem a liberdade humana.

A depressão e a solidão influenciam a dependência humana para um sofrimento humilhante, embora hoje nem sempre são fatores que impeçam os grandes horizontes de satisfação, saúde, lazer... existentes na sociedade para a velhice. Porém a depressão é um mal causador das ansiedades que afetam os sentimentos negativos e pessimistas para criar catástrofes e mau humor nas pessoas.

Vargas (1992) trabalhará os três estados da depressão, a pré depressão, com seu conjunto de sintomas; a depressão mascarada, que se dá pelas preocupações da saúde, aposentadoria (homens) e menopausa (mulheres) e o fator genérico familiar. A depressão endógena acontece quando há agrupamentos de sintomas unificados, um sentimento, um mau humor, a perda de alguém importante e querido.

O terceiro capítulo examina o grupo Recanto da Alegria com suas práticas religiosas e seus desafios sociais. Primeiro se faz uma análise dos idosos no Brasil, através de estatística, não em gráficos, mas inclusa no texto. Faz-se também referência à história do grupo Recanto da Alegria, com seu estatuto, criação, endereço e organização. Este capítulo especificará por que o grupo é só mulheres – a idade das idosas – dúvidas e satisfação das idosas – idosas antes do grupo: depressivas e solitárias – idosas no grupo religioso, que têm a religião como característica principal e fundamental para o grupo.

No quarto capítulo será trabalhada a vida das idosas após a integração no grupo. O grupo para elas é o habitat de solidariedade, que favorece crescimento e capacidades de transformar suas vidas. Vê-se nas práticas religiosas: as missas, rezas, água benta, ramos, o Apostolado da

Oração, o ponto alto e de significados de sentimentos, culpabilidade, acolhimento ou abandono de Deus. As práticas sociais também realizam o cotidiano das idosas, sobretudo as visitas a idosos e aos doentes, assim como as práticas de trabalhos manuais realizados no grupo.

Por fim, segue a conclusão de toda a dissertação seguida dos anexos contendo alguns depoimentos das idosas, para possível averiguação, por parte do leitor, assim como a listagem bibliográfica sugerida e fundamentada na dissertação. Os resultados desta pesquisa serão mostrados em forma de relatórios, que obviamente, serão descritos na dissertação. Segundo Bom Meihy (1996 p. 67), “a transição corresponde à finalização do texto, a sua versão pronta”, sobretudo nos casos de análises complementares da dissertação.

Sabe-se que não caberá discutir a relevância do tema, sua importância, mas sua fundamentação como resultado de uma etapa a mais do que está sendo pesquisado, e que certamente será continuado e aprofundado com outras investigações pelas Ciências da Religião, considerando-se ser um tema em aberto e de suma importância nos dias atuais. Toda pesquisa é interminável, que não objetiva dar respostas de imediato, mas abrir caminhos de consciência de todos para os valores humanos.

Bom Meihy (1996 p. 68) diz que “depois de trabalhado o texto, quando se supõe que este está em sua versão final, com hora marcada, o autor entrega a versão para ser autorizada” e que poderá se descrita em artigos, revistas, jornal, livros e outros.

## CAPÍTULO I

### 1. A RELIGIÃO COMO EXPRESSÃO DE SOLIDARIEDADE<sup>1</sup>



FOTO nº 1, confraternização entre as idosas – imagem Luiz Alberto

---

<sup>1</sup> Verificar, além da bibliografia aqui citada, outras fontes como:

GALILEA, Segundo. *O caminho da espiritualidade*. S. Paulo: Edições Paulinas, 1993.

BOFF, Leonardo. *Mística e espiritualidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

DICIONÁRIO DE ESPIRITUALIDADE. S. Paulo: Edições Paulinas, 1989.

ESPÍN, Orlando. *A fé do povo: reflexões teológicas sobre o catolicismo popular*. S. Paulo: Paulinas, 2000.

SANCHIS, Pierre. *Catolicismo: Modernidade e tradição*. S. Paulo: Loyola, 1992.

GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. S. Paulo: UNESP, 1991.

ALVES, Rubem. *O que é religião?*. 2ª Edição. S. Paulo: Edições Loyola, 1999.

MARÇANEIRO, Marcial, SCJ. *Eros & espiritualidade*. S. Paulo: Paulus, 1997.

RIBEIRO, Hércion. *A condição humana e a solidariedade cristã*. Petrópolis: Vozes, 1998.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. S. Paulo: Martins Fontes, 1996.

\_\_\_\_\_. *Tratado de história das religiões*. S. Paulo: Martins Fontes, 1998.

ODEA, Thomas. *Sociologia da religião*. S. Paulo: Paulinas, 1998.

OTTO, Rudolf. *A universalidade do religioso*. S. Paulo: Loyola, 1992.

A religião é um fenômeno ou um ato? Segundo Santridián (1996), a idéia de religião vem do termo *religio* e se impôs em todas as línguas e parece significar que algo está ligado a alguém. A religião pode prender o homem a algo em que gira e medita. Temos dois modos diferenciados de religião: por um lado, a religião seria o respeito que o indivíduo sente no mais íntimo do seu ser pelo sobrenatural, nos ritos sociais. Por outro lado, a religião é um sistema de ameaças e promessas da natureza humana tornando-a inútil e recuada.

A religião segundo Turner (1974), se ocupa extensamente com a natureza imaginativa e emocional, com os elementos incertos do conhecimento humano. A imaginação e a emoção no homem é em qualquer parte do mundo, rica e complexa. É por isso que a maioria dos pensadores, na iminência de uma posição teológica, procuram explicar ou inibir os fenômenos religiosos de características psicológicas e sociológicas, em certo ponto, negando a origem sobrenatural. Porém não se pode negar a existência das crenças e práticas religiosas, pois elas mantêm sempre a estrutura psicológica nos indivíduos.

Os elementos fundamentais da religião são o sujeito e o objeto. No sujeito, a religião começa no encontro do homem com o santo, o numinoso. Com isso, Deus e o homem são sujeitos da relação. No objeto, seria a aproximação do homem a Deus, para adorá-lo, aplacá-lo e conseguir algo em seu favor. A relação que se dá entre o homem e Deus se dá por meio dos sistemas de crenças e práticas sagradas individuais e sociais. É neste sentido que o homem se torna religioso, pois reconhece, adora, louva, suplica e faz sacrifícios.

A relação entre o homem e Deus implica que o homem se aproxima de Deus pelo gesto, palavra, um sinal, um símbolo, o mito, o rito e o sacrifício. Este conjunto de normas sagradas leva o homem a institucionalizar, muitas vezes, a

religião, o sacerdócio, lugares sagrados, textos, calendários onde o homem vai adquirindo a consciência religiosa.

A magia também em Durkheim (1989), é sinal de unidade grupal, pois ela, assim como a religião, tem seus mitos e seus dogmas, rudimentarmente, persegue fins técnicos e utilitários pois não perde tempo em especulações. As danças, cerimônias, sacrifícios, purificações, orações e cantos, também são realizados na magia. Os seres invocados pela magia são idênticos aos invocados pela religião. Assim sendo, nas sociedades, as almas dos mortos são coisas sagradas e constituem-se em objetos dos ritos religiosos.

A religião é o eixo em que as pessoas se tornam mais solidárias. As suas práticas e crenças religiosas são exercidas na vida grupal, por isso, para falar de solidariedade, crenças e práticas sagradas requer-se uma observação de modo mais geral a ser buscado em Durkheim (idem), quanto à importância dos sistemas simbólicos das sociedades e dos grupos trabalhados na sociologia da religião.

No sistema simbólico e solidário das crenças e práticas sagradas encontra-se as idéias e as atitudes rituais, que são a base das religiões arcaicas até as religiões modernas.

Entende-se na reflexão de Neri (1993), que a religião é um dos fatores mais importantes para a satisfação do ser humano, sobretudo para as pessoas na idade adulta, pois toda pessoa tem a necessidade de fazer uma aliança com Deus, a fim de ter forças para rebater contra as tentações e desafios do mundo, suas forças físicas e morais. Neri, (idem) diz que a religião seria uma maneira primitiva de entender o mundo, que tenderia a ser substituída pela ciência e pelas ideologias políticas.

A importância da experiência religiosa é bem definida e menos temerária do que tantas outras generalizações sumárias que não se baseiam nesta experiência, mas que é preciso se apoiarem numa religião em particular, para não se perder no vazio.

A religião se dá muitas vezes pelo conhecimento da Palavra de Deus, pois ela ensina a respeitar as pessoas, sobretudo as de outras religiões. Mas é através da experiência religiosa que os indivíduos se tornam animados e permanecem na fé em Deus.

A religião racional para alguns teóricos, (Apud Durkheim, 1996) é um conjunto de idéias que corresponde a um objeto, que poderá ser encontrado na natureza, infinito, incognoscível, ideal etc. Tanto as representações quanto as crenças são consideradas como elementos essenciais da religião. No tocante aos ritos, são os únicos a ter um valor intrínseco, pois neles há uma tradução exterior, contingente e material. A religião é sinal de conforto e alívio, a realização de sonhos na preparação para a vida e pode superar uma determinada rivalidade.

Durkheim (1996) afirma que a verdadeira função da religião é nos fazer agir e nos fazer enxergar. É colocar o fiel em contato com o seu deus para que ele seja um homem que pode mais. É fazer pensar e enriquecer o conhecimento humano, acrescentando às representações religiosas para que o homem possa encontrar as verdades.

A confiança no sobrenatural é sinal de ajuda mútua na superação de fatos que marcaram a vida das pessoas, isso não é por menos nas idosas. Por essa confiança no sobrenatural é que são superadas as dificuldades e restabelece-se a coragem. Assim é visto na concepção de Heiler (1972), quando fala da experiência religiosa que se identifica com todos os outros estágios, os graus superiores que se



distinguem dos graus inferiores, com fineza e diferenciação através de orações e visões como experiências individuais. A reverência ao sagrado, ao temor, o horror, a auto-humilhação, a maravilha, o amor, o desejo e o abandono, são experiências que sustentam todas as outras experiências religiosas.

Tanto a religião, a comunidade ou a Igreja podem trazer felicidade, pois há vivência solidária na tolerância e na paciência entre as idosas. Weber, (Apud Rolim 1986), destaca que a comunidade grupal tem a dimensão homogênea, onde a mensagem religiosa é encontrada pelos valores humanos já existentes. Para isso, é preciso que o aspecto religioso se torne apto ao encontro social humano. A solidariedade tem o significado de atuação, para manter e resgatar a dignidade humana contra as dominações de outros grupos que poderão existir, ou que já existiam.

A experiência religiosa está presumida na vida coletiva, onde a sociedade é a alma da religião, pois tudo que há de essencial na religião vem da sociedade, como uma fonte de energia. Durkheim (1996 p. 461):

“É a causa objetiva universal e eterna das sensações sui generis que compõe a experiência religiosa, é a sociedade. É a sociedade que a eleva acima de si mesma, é ela, inclusive, que faz. Pois o que faz o homem é um conjunto de bens intelectuais que constituem a civilização, e a civilização é obra da sociedade... É que na sociedade só pode fazer sentir sua influência se for um ato, e só será um ato se os indivíduos que a compõem se reunirem e agirem em comum. É pela ação comum que ela toma consciência de si e se afirma; ela é, acima de tudo, uma cooperação ativa... Os sentimentos coletivos só são possíveis graças às movimentações exteriores que os simbolizam”.

A sociedade é uma quimera, um sonho, onde os homens poderão sentir sua problemática numa obscuridade ao bem, ao belo e ao ideal. Diante disso é que o

homem busca as verdades, perfeições e soberania sobre as imperfeições da sociedade.

“Todo homem tem uma natureza religiosa” (Durkheim, 1996, p.469). É nesta concepção que o homem possui o conhecimento do ideal para ampliar o real que está contido pelo sagrado. É na vida coletiva, atingida pela intensidade, que o pensamento religioso é despertado, conforme suas condições psíquicas. As energias vitais são superexcitadas, as paixões mais intensas, as sensações mais fortes, o homem se sente transformado, pois transforma o meio que o cerca.

O homem busca um ideal para um fim de sua realização, o ideal é um produto natural de vida social, para que a consciência de observância social seja intensa à necessidade do sentimento de si mesma, ela depende de reunir-se e de concentrar-se. Isto se dá segundo ele, num conjunto de idéias que exprime a vida transformada e despertada. A vida grupal ajuda no alertar de opções de realizações e segurança, no que refere à celebração vital das pessoas.

A sociedade não é contida somente pelos seus indivíduos agrupados, mas também pela idéia de que está contida em si mesma. Os conflitos existentes se dão pelos ideais existentes/diferenciados, entre o passado e o presente, entre uma autoridade da tradição e entre o ideal de vir a ser.

A religião é o ato essencial da sociedade, mesmo que ela esteja no interior da vida individual, como a alma, o totem individual, o antepassado, etc (cf. Durkheim, 1996), tidos como objetos de cultos e ritos, que os indivíduos podem celebrar sozinhos, são secundários, parece que a religião é alimentada no meio social. A religião, portanto, deve estar inteiramente no interior do indivíduo. É dentro da sociedade que encontra a fonte viva, que se alimenta para a experiência religiosa. É bem verdade que a sociedade é tida como a fonte de calor que aquece a

moral dos indivíduos; forças morais que podem sustentar o crescimento das forças adquiridas dos outros. As crenças religiosas só são ativas se partilhadas, o homem de fé sente a necessidade de espalhá-la, para isso sai de isolamento para aproximar-se dos outros.

Toda sociedade carece de sentimentos coletivos, idéias coletivas de unidade pessoal, que são obtidos pelas reuniões, encontros, assembléias, onde os indivíduos reafirmam, comumente, os seus sentimentos cerimoniais. A vida das pessoas é marcada por sinais que geram sentimentos de força e vontade para continuar a vida. Por isso é que faz as pessoas viverem um eterno aprendizado dentro do grupo, com segurança, confiança em Deus e compreensão.

Os ritos, as festas e o culto não são, num todo, a religião, mas um conjunto de práticas, idéias para exprimir o valor que o mundo tem. Portanto, a religião na qual os símbolos vivenciados são desconcertantes para a razão, tudo é misterioso carece de uma reflexão mais aprofundada pelos cientistas, pois o mistério que cerca a natureza, o homem, a sociedade é carregado de superficialidade. Para isso, é preciso que as ciências tomem a liberdade e tenham interesse quanto às funções cognitivas e intelectuais, para que o mundo religioso e moral não permaneça interditado, onde a maioria dos homens continuem a crer que existe uma ordem das coisas na qual o espírito só pode penetrar por vias especiais. Daí o desafio para as ciências, que encontram resistência ao tentar explicar os fenômenos religiosos e morais. A religião existe numa palavra, num fato ou numa realidade, é a própria fé. A ciência somente pode explicar a fé supondo-a. Assim diz Durkheim (1996, p.477):

“A religião é ação, enquanto um meio de fazer viver os homens. A ciência não poderia ser considerada tal, pois, mesmo exprimindo a vida, não a cria; ela pode perfeitamente procurar explicar a fé, mas por isso mesmo, a supõe. O que a ciência contesta à religião não é o direito de existir é o direito

de dogmatizar sobre a natureza das coisas, é a espécie de competência especial que ela se atribuía para conhecer o homem e o mundo”.

Sendo a sociedade a origem da religião, também na sociedade são freqüentes as “consciências humanas”, pois o homem e a sociedade são integrantes das ciências naturais, como função do universo. A fé é impulsionada a agir, enquanto a ciência, com sua fragmentação é incompleta e inacabada e está longe da ação. Mesmo que a religião tenha os mesmos objetivos que a ciência, ela não vem a ser científica.

A religião, segundo Durkheim (1989) é uma coisa social, pois as representações religiosas são de caráter coletivo e exprimem realidades coletivas. A religião é formada de um sistema complexo de mitos, dogmas, ritos e cerimônias. Esse sistema de idéias corresponde ao objeto determinado, revelado de maneiras diferentes, natureza, infinito, incognoscível, ideal etc. As representações, as crenças são consideradas o elemento essencial da religião. A religião tem o caráter de nos fazer agir e nos ajudar a viver. Conforme Wach (1990), a religião está em toda tradição sagrada, com seus efeitos sociológicos e sensíveis. Com certeza, a experiência religiosa, no grupo, esteja em busca de novas experiências do desconhecido ou do sagrado. A religião penetra todas as famílias e está nas relações sociais. Na vida sempre há um significado religioso controlado por ritos ou proibições religiosas. A religião só transcende a subjetividade se o pensamento e emoções forem expressos e compreendidos em efeito social. A comunhão só será realizada se os indivíduos experimentarem os mesmos sentimentos, gestos, palavras e ações capazes de materializar pensamentos e atos semelhantes.

De acordo com Berger (1995), a religião mantém a realidade de um mundo constituído socialmente, onde os homens se complementam na vida cotidiana. A religião, portanto, serve para integrar as realidades diversas de um sonho, visões, avisos, profecias ou encontros decisivos com o sagrado. A religião é algo extremamente social.

As representações religiosas segundo Durkheim (1996), são linguagens e conceitos explicitamente de uma coletividade. O que importa, nesta questão, é como a sociedade vive a experiência de seus objetos e seus elementos de linguagem coletiva. Os conceitos e os elementos são representações coletivas, que não são abstrações, mas concretas, quanto as que os indivíduos e a sociedade possam pensar de sua experiência própria. As representações sendo coletivas, não podem se individualizar, ser modificadas, retocadas ou falseadas. Pelo simples fato de existir a sociedade, também nas sensações e imagens individuais há um sistema de representações que gozam de propriedades maravilhosas para que os homens possam se compreender e as inteligências se interpenetrarem, pois possuem forças de ascendência moral na imposição dos espíritos particulares.

Os conceitos das representações, na concepção de Durkheim, só tendem a ser verdadeiros se forem coletivos. Eles são extraídos da linguagem, ou seja, de uma experiência comum. As representações coletivas garantem a objetividade. O homem para ser um ser social, tem a necessidade de pensar por conceitos.

O conceito é representado na sociedade, para fornecer noções gerais, a que ele é representado. Somente um sujeito que envolve todos os sujeitos particulares é capaz de abarcar um tal objeto.

A situação a que a sociedade é envolvida domina e abrange uma variação em conseqüência das vidas elementares criadas pela própria vida coletiva. O homem usa da sensatez para fazer-se numa sensação de clareza, mas muitas vezes é incapaz de traduzir em lei as suas sensações.

As representações coletivas convivem com os elementos subjetivos, que aproximam das coisas progressivamente. A vida social compreende as representações e práticas impessoais, tanto as idéias quanto os atos.

Enfim, a sociedade é um sistema de força atuante, onde o homem é explicado e tudo que está no individuo vem da realidade social em superação à individualidade, mas pela experiência que está na sociedade. O meio social para as pessoas se dá pela integração, mesmo que seja uma forma de diversão ou passatempo, mas que para elas a liberdade e a satisfação podem suprir o individualismo e o egoísmo.

### 1.1. Catolicismo popular urbano

O catolicismo ainda permeia na maioria da população brasileira. Portanto entender-se por catolicidade neste sentido, é compreender a religiosidade católica. Parker (1993), em sua reflexão trabalha sobre três tipos de religiões: a) religião de Igreja – é a religião que relaciona as pessoas entre si e os grupos, no sentido da organização da pastoral da Igreja oficial. Os grupos que se subdividem para esse tipo de religiosidade são os agentes de pastoral, consagrados ou leigos, com sua espiritualidade; os grupos paroquiais, que são ativos e dinamizam a pastoral da juventude, da catequese, da pastoral familiar, grupos de fraternidade; as comunidades renovadas, com suas expressões populares, eclesial ou de base.

Também a apostolicidade dos movimentos leigos, do apostolado especializado, espiritualidade e carismas diferenciados. Uma religiosidade, no entanto, se conceitua numa multidimensão das crenças, atitudes, valores e de atividades individuais ou grupais.

b) A religião com a Igreja – são as expressões religiosas que se desenvolvem paralelamente à pastoral institucional ou oficial. É um conjunto de crentes que se autodenominam católicos, mas que desenvolvem suas práticas religiosas por meio das práticas eclesiais normais, sacramentos e a vida comunitária. Sem contradizer as orientações da pastoral oficial, desenvolvem suas práticas religiosas independentemente das práticas eclesiais oficiais da Igreja. Portanto, quer Parker identificar este tipo de religião com o mesmo catolicismo popular.

c) A religião sem a Igreja – é a religião extra-institucional, aberta ou verdadeiramente resistente ao convencional em matéria religiosa. Dois grupos dentro da religião sem Igreja: as elites intelectuais, os crentes sem religião – são os católicos que foram batizados, mas pouco se importam com a vivência em uma Igreja, porém não perderam sua fé, manifestada, difusa e “Sui Generis” e os grupos de jovens que buscam um sentido para sua identidade ou espiritualidade.

Vê-se a maioria das pessoas, que são subsistentes pelo sentido da fé, se avalia e discerne o sentido religioso difuso e diversificado de expressões, a partir de uma teologia ou de uma pastoral da tendência de pluralização no campo religioso como desafio para a evangelização da cultura e para a nova evangelização da sociedade.

Quanto mais dramática a situação de miséria e superexploração, maior a tendência de busca de uma saída como “escape” – como exemplo as drogas, os jogos de sorte e azar e a bebida. Não há de reconhecer que diante destas buscas

simbólicas a fé e a religião cumpram função insubstituível, pois favorece o significado de possibilitar a re-significação da vida. As novas expressões religiosas surgidas nas cidades subdesenvolvidas são o resultado de uma crise racional da modernidade, provocada pelo desenvolvimento de estruturas sociais/pós industriais, com sua seqüela de pobreza e miséria. É o resultado também da busca ativa e passiva das condições dos indivíduos de adaptar-se nas transformações das crenças e práticas religiosas.

Mas o que é mesmo a religiosidade popular urbana? – Em termos genéricos, a religiosidade popular urbana encobre uma multiplicidade heterogênea de expressões religiosas e corresponde às maiorias populares das periferias e subúrbios das grandes e médias cidades, sobretudo da América Latina. As maiorias populares são os trabalhadores urbanos, operários das indústrias, autônomos, desempregados, mães, jovens estudantes, que residem nos bairros pobres das metrópoles dos países mais urbanizados da América Latina, que continua como base do tradicionalismo. É a partir de uma situação de miséria e pobreza que surge a busca existencial para dar sentido à vida, que foi tão menosprezada e machucada. A população vai criando seu habitat urbano, se incorpora nesse modo de vida e a religiosidade também vai se transformando.

O catolicismo popular então é manifestado nas grandes peregrinações e manifestações a santuários dedicados à Virgem Maria e aos santos mais populares, que se denomina nos ritos de passagem, que vão acompanhando a vida dos fiéis desde o batismo, a primeira Eucaristia, o matrimônio, velório e a prática dominical das celebrações. Neste caso o catolicismo não é muito praticante, pois suas devoções e crenças são independentes de uma prática pastoral e sacramental.



Enfim, um outro tipo de catolicismo popular analisado, pode-se dizer que são as festas dos padroeiros (as) que vão adquirindo um outro sentido na cidade. Nos templos das grandes cidades, as práticas religiosas subsistem com maior intensidade, sobretudo as bênçãos dos ramos, que conforme a tradição do catolicismo, devem ser colocados atrás das portas das casas para se obter boa sorte e evitar males e catástrofes. Na verdade, as mediações religiosas para um operário ou para um biscateiro se dão por fatores sócio-culturais. A sobrevivência religiosa para este tipo de pessoa não depende mais de elementos imponderáveis de ciclos naturais, mas sim da obtenção de um trabalho ou de insucesso nas suas estratégias de subsistência. A sua religiosidade se torna, portanto, periódica, realimentada por momentos de passagens ou períodos críticos da vida, como o nascimento de um filho, doença, catástrofe, o desemprego, o matrimônio ou a morte.

Vê-se com relação a muitos trabalhadores ou devotos que o contato com o sagrado poderá ser feito por intermediações, isto possibilitará alimentar a vida, as tristezas, as dores e misérias, participando dos desejos de festa, alegria e de esperanças.

Assim como Parker (1993) traçou muito bem as características da religiosidade urbana, especialmente do catolicismo, Miranda (1991), quer contribuir para uma reflexão altamente esclarecedora na questão levantada sobre o catolicismo. Para ele o catolicismo é um caminho que leva à realização total da pessoas humana, oferecendo como proposta a salvação aos seus seguidores. Na concepção de Miranda (idem, ibidem), os elementos do catolicismo só terão sentido se eles representarem a incidência salvífica para o indivíduo.

O catolicismo é como uma realidade vivencial, ou seja, goza da hegemonia no campo religioso, sobretudo porque sustenta as incidências sociais de

outras instituições religiosas em minoria, em especial o poder civil e o estado. Hoje, essa realidade é pluralista, sendo a grande responsável pelo advento da modernidade, sobretudo no primeiro mundo e na América Latina.

Diante do pluralismo religioso, Neri (1993) pode contribuir com a sua reflexão quando fala que a religiosidade intrínseca caracterizaria a pessoa religiosa com suas crenças, como parte integrante da vida, e que por outro lado, a religiosidade extrínseca é vista como a resolução das necessidades pessoais, de cunho social, autoproteção, no sentido da superficialidade religiosa ou dos valores religiosos. Confirma Miranda (1991,p.292):

“O pluralismo religioso atinge fortemente a consciência do católico. Pois gradativamente os fatores responsáveis pelo advento da modernidade no primeiro mundo vão conseguindo desenvolver suas virtualidades também entre nós, constituindo a atual sociedade pluralista com a conseqüente secularização da cultura e independendo o estado, de fato, de uma legitimação religiosa”.

Conforme Miranda (1991), o grande impacto da consciência dos católicos com a pluralidade dos universos simbólicos, é a perda de uma visão amplamente católica da realidade, no que se refere à naturalidade da própria catolicidade que é inevitável, pois ela é fundamentada e subjetiva na consciência dos indivíduos e não na exterioridade do mundo. São apresentados outros fatores que problematizam a fé do católico, que se pode afirmar na consciência histórica hodierna, provoca o mal-estar nos cristãos, ao recordarem o passado; culpa-se o eurocentrismo cristão pela destruição da civilização das culturas, tradições e religiões, em nome da cultura européia e da própria religião cristã.

O sentido dialogal inter-religioso, compactua a situação atual do pluralismo religioso e tem levado os cristãos a tomarem consciência de sua grandeza

sócio-cultural e histórica, pois a experiência, que é feita com o absoluto significa que não se tem a plenitude total da mesma, mas de certo modo, em tempo definido. Pelas experiências humanas vividas e entendidas, o homem religioso tem a força e a compreensão para viver a fé cristã.

Segundo a atual situação do pluralismo cristão refletido por Miranda (idem), vem a ser um desafio, no sentido de novas descobertas vital e radical ao homem religioso. Para isso, requer releituras dentro da tradição religiosa, na qual a fé cristã se faz presente.

O catolicismo brasileiro apresenta vários componentes medievais e tridentinos do catolicismo europeu-ocidental e alguns elementos das religiões da América e cultos da África. Este catolicismo valoriza a instituição, a doutrina, a lei, os ritos e os sacramentos como mediação para chegar ao Mistério de Deus e ao Evangelho. Nisto há o perigo de ceder ao dogmatismo e ao legalismo para absolutizar a meditação do transcendente.

Enfim, o catolicismo só tem razão de ser enquanto leva o homem a um relacionamento com Deus, de salvação e de liberdade, assim os ritos, a doutrina, a moral e a organização da hierarquia poderão subsistir, pois deve dispor do relacionamento homem/Deus. Miranda (idem), diz que o catolicismo no Brasil hoje não está satisfazendo grande parte da população, visto que há um aproveitamento do pluralismo cultural e religioso criado pela sociedade moderna, facilitando assim, na emigração em parte de alguns grupos religiosos. Portanto, o catolicismo, por vezes, absolutiza o que não é absoluto, “dogmatiza o cultural” e “fetichiza o histórico”. A crise do catolicismo é decorrente do contraste entre uma ruptura das experiências estruturais, que vão perdendo suas forças, com a organização social.

## 1.2. Dimensões religiosas

As manifestações religiosas, de todas as formas, estão presentes no cotidiano dos indivíduos religiosos. É diante dessas manifestações religiosas que os adeptos e os grupos se realizam. É por isso que Robertson, (1980), em sua reflexão sociológica e religiosa apresenta cinco dimensões religiosas: a fé, práticas religiosas, a experiência religiosa, o conhecimento e as conseqüência da adesão religiosa.

A fé é a dimensão da crença e das expectativas de que a pessoa religiosa tenha certa perspectiva teológica de verdades dos dogmas da religião. É visto que a religião é um conjunto de crenças ratificadas e vivenciadas pelos adeptos.

A segunda dimensão são as práticas religiosas, que são os atos de adoração e devoção das coisas que os indivíduos criam para manifestar sua adesão religiosa. Esta dimensão tem dois aspectos: a) Ritual – tido como um conjunto de ritos, atos religiosos, formas e práticas sagradas que os adeptos realizam em torno das religiões. No cristianismo, por exemplo, essas expectativas de ritos formais são a assistência aos serviços do culto, da comunhão, do batismo e das bodas.

b) Devoção, outro aspecto das práticas religiosas, este se equipara ao ritual, pois guarda diferenças importantes, sobretudo o elemento “mantra”, que é tido como um aspecto do ritual da adesão, altamente formalizado e tipicamente público. Robertson (idem, ibidem) fala também que todas as religiões canônicas são precedidas de emoções, e valorizam os atos pessoais da adoração e contemplação, e são relativamente espontâneas, informais e tipicamente privadas.

A terceira dimensão é a da experiência religiosa – nas religiões, por imprecisas que sejam, há certas expectativas de que a pessoa devidamente religiosa

alcançará em um momento ou outro, um conhecimento direto, subjetivo, da sua realidade vigente, com alguma sensação de contato com o sobrenatural, mesmo que seja transitório. Esta dimensão contempla os sentimentos, percepções e sensações vividas por um indivíduo ou por um grupo religioso ou sociedade, implicando na comunicação da essência divina com Deus ou com autoridade transcendental. Glock y Stark, (Apud Robertson, 1980, p.231),

“na realidade há marcados contrastes nas variedades de tais experiências, que diversas tradições e instituições religiosas consideram acuidas e as religiões variam também, na medida em que estimulam qualquer tipo de encontro religioso. Cada religião confere pelo menos um valor mínimo a certa variedade de experiência religiosa subjetiva como signo de religiosidade individual”.

A quarta dimensão é a do conhecimento, esta é a dimensão onde as pessoas religiosas vivem as expectativas de informações mínimas acerca dos dogmas básicos de sua fé, ritos, escritura e tradições. Tanto a dimensão do conhecimento, quanto a da crença se relacionam claramente, pois o conhecimento da crença é a condição necessária para a aceitação, porque todo conhecimento religioso é baseado na crença, mas a crença para existir não depende do conhecimento.

A quinta e última dimensão religiosa é a das conseqüências da adesão religiosa. Esta dimensão difere das citadas anteriormente, ela serve para identificar os efeitos da crença, da prática, da experiência e conhecimento religioso sobre a vida diária. As outras quatro dimensões religiosas tornam-se o marco de referência para a evolução de uma adesão religiosa, sobretudo nos tempos atuais, isto pode ser uma suposição para o autor. A teologia e as crenças religiosas são encontradas no coração da fé, em todas as religiões. Robertson,(1980, p.222):

“É somente dentro de algum conjunto de crenças acerca da natureza última, da natureza e as intenções ao sobrenatural, onde se evoluem outros aspectos da religião. As atividades do ritual e a devoção, como a comunhão ou a palavra, resultam incompreensíveis se não ocorrem em um marco de crenças que postule a existência de um ser ou uma força digna de adoração”.

As práticas religiosas do cristianismo são tidas como o segundo aspecto mais valioso da adesão religiosa e bem mais apreciada que as outras quatro dimensões citadas anteriormente por Robertson. Enfim, a experiência religiosa tem importância para as religiões místicas e para algumas seitas protestantes; exceto as práticas religiosas, todas as outras quatro dimensões religiosas são apreciadas e vivenciadas por todas as instituições religiosas.

### 1.3. Experiência religiosa e sua expressão

Segundo Wach (1990), a experiência religiosa geralmente é sugerida por desejos de minimizar o significado de outros aspectos seus, dando ênfase sobre o instinto que provém do intelectualismo e identifica a reflexão ao irracionalismo. Na concepção feita por Neri (1993), ele reafirma o que Wach analisou, e diz que a religião é um dos fatores mais importantes na vida do homem, sobretudo na idade mais avançada. Toda pessoa, no entender dele, necessita de aliança com o sobrenatural/divino, a fim de superar as impicâncias e desafios físicos e morais.

A expressão cultural da experiência religiosa é precedida de uma expressão teórica. Enquanto nenhum ato de adoração pode existir sem a concepção do sobrenatural, a religião também não pode funcionar sem a expressão cultural.

Os três campos para explicar a expressão religiosa são: os campos teórico da doutrina, do culto e do sociológico, que vão se intermediar. A primeira, expressão teórica doutrinal, é representada pela simbologia, que envolve elementos de pensamentos ou de doutrinas de declarações teóricas, bem definidas e coerentes. A natureza da simbologia é encontrada pela razão amadurecida numa revelação viva de momento inexplorável.

A segunda, expressão prática culto, é a declaração da teoria da fé para a realização dos atos inspirados religiosamente, assim diz Wach (1990, p.39):

“A religião, enquanto tal, foi definida como adoração, experiências do sagrado são expressões em todas as religiões em atos de reverência para com o nome cuja existência é definida intelectualmente em termos de mito, doutrina ou dogma”.

É entre os setores mais populares e marginalizados que primeiro se buscam uma revitalização religiosa, originada de um movimento inicial, sobretudo do catolicismo original. O culto carismático é tido como uma dissidência deste tipo de revitalização religiosa. Ao mesmo tempo que o culto carismático é uma terapia, é também um alívio ao sentimento individual. O culto tem, portanto, um caráter festivo, que foi originado do catolicismo popular, como reconstituição de um sentido em anomia relativa e reverência coletiva.

De acordo com Durkheim (1996), os ritos são conjuntos de atos regularmente repetidos que constituem no culto. O culto de entusiasmo, que se torna no fiel uma prova de experiência das suas crenças é um conjunto de meios para criar e recriar.

O culto é a coleção de meios e um conjunto de atos regularmente repetidos criados e recriados periodicamente, que suscitam expressões de alegria e

de paz interior, de serenidade, de entusiasmo, como prova experimental de suas crenças.

A terceira expressão religiosa, a expressão sociológica, está contida na comunhão, na religião coletiva e individual. As expressões teóricas e práticas da experiência religiosa são complementares no aspecto sociológico e a religião, por sua vez, é vital e a sua natureza cria e sustenta o relacionamento social. O campo da religião é o campo das relações pessoais, que favorece os elementos da partilha e da comunhão, mas que pode ser perigoso, numa falsa interpretação do objeto de adoração, como sendo o próprio coletivo. O aspecto cerimonial da expressão sociológica é um meio para sustentar a consciência de comunhão pelo estímulo da experiência religiosa. A comunidade religiosa é ilustrada por tudo aquilo que vem da religião primitiva, os cultos, com ênfase na adoração grupal. A adoração individual, assim, não teria validade e nem sentido.

Os dois fatores essenciais para o desenvolvimento religioso, são a vivência grupal com a experiência cultural e social, e o processo de interrupção das diferenças individuais na civilização, onde, o auge do individualismo é alcançado nas civilizações do ocidente, preparado pela tradição singular da civilização clássica, e aprofundado pelas contribuições do judaísmo profético e do cristianismo.

Também o aspecto sociológico tem sua importância, pois no desenvolvimento individual religioso é que há uma crescente separação entre comunidades religiosas e naturais. A religião pessoal é a que cria a resistência entre a comunicação com os outros.

De acordo com Durkheim (idem), a religião é definida em dois momentos: primeiro – a religião é um sistema solidário de crenças e práticas relativas a coisas sagradas, isto é, separadas, proibidas, crenças e práticas que reúnem numa



mesma comunidade moral, chamada igreja, todos aqueles que a ela aderem, segundo – a idéia de religião é inseparável da idéia de Igreja, ele faz pressentir que a religião deve ser uma coisa eminentemente coletiva.

Em Wach (1990), o desenvolvimento religioso é progressivo, no sentido do coletivismo ao individualismo, onde as atitudes religiosas, do misticismo, do racionalismo e espiritualismo, no contexto histórico, faz com que se avalie a sua relação com a comunidade. O sujeito fundamental da religião, tanto individual, quanto coletiva ou grupal, é a variação que ela tem entre os indivíduos. A religião primitiva, neste caso, é compatível somente com a experiência de solidão, mas que também haveria ênfase na adoração grupal, mesmo que não fosse como em nossos tempos, o cristianismo. Portanto, a adoração é parte integrante da religião, pois uma não vive sem a outra.

#### 1.4. O Processo ritual e suas implicações grupais e sociais

O que é um rito? No âmbito antropológico, conforme Sartore e Triacca (1992) o rito é uma série de práticas sociais, coletivas ou individuais repetitivas. O rito é tido como um comportamento social repetitivo e ou estereotipado, no que se refere ao útil não útil. Além de se relacionar com a repetitividade é considerado de ordem não-útil, insinuado numa linha de separação, num limiar entre o que é rito e o que não é rito. No âmbito religioso não-religioso, o rito é considerado não só pela sua repetitividade, mas também pela sua referência a crenças ou ordens extra-empíricas ou poderes místicos.

O rito é uma ação realizada de acordo com certas normas repetidas segundo ritmos determinados e dotada de intenções significantes, que ultrapassam a sua finalidade aparente, quer dizer que o rito não é uma ação qualquer. Os ritos acontecem quando o homem quer exprimir aspectos profundos da sua existência para superar a compreensão conceptual e a utilidade imediata.

As crenças religiosas são experiências específicas onde o seu valor demonstra um certo sentido, que não é inferior às experiências científicas, embora com sentido diferente. A experiência religiosa é tida como ação que domina a vida religiosa e tem como fonte a sociedade. As impressões sentidas pelos fiéis se dão pelas sensações vulgares sobre a natureza dos corpos e de suas propriedades. Para isso é necessário que sejam submetidos a uma analogia que substitui as representações do objeto.

Os fenômenos religiosos em Durkheim (1989) subdividem-se em duas categorias fundamentais: as crenças e os ritos. As crenças consistem em representações. Os ritos denominam as ações determinadas que não podem ser definidos e diferenciados das outras práticas humanas e das práticas morais, senão da natureza de seu objeto. Neste sentido, o objeto do rito deveria caracterizar o próprio rito. Portanto, só se pode definir um rito depois que a crença for definida. Os ritos surgem no seio do grupo, para sustentar, manter ou refazer determinados estados mentais do grupo. Os ritos são tidos como coisas sociais, produto do pensamento coletivo. Assim sendo, os ritos servem como busca exterior, do sobrenatural e material com o mesmo valor intrínseco.

As crenças religiosas apresentam um caráter comum que ajuda a agir e a viver a fé. A classificação das crenças em coisas reais e ideais são também,

representadas pelos homens em dois gêneros opostos: o profano e o sagrado. As crenças, os mitos, os gnomos, as lendas são representação e sistemas de representações que exprimem a natureza das coisas sagradas, assim como, as virtudes e os poderes são relacionados entre si e com as coisas profanas.

Wach (1990), As cerimônias e os ritos integram as pessoas no grupo, seja ele, uma família, um clã, tribo ou comunidade. A oração, o sacrifício e o ritual contribuem para a formação e organização do grupo. Todo grupo, no mínimo, realiza ritos, depende destes ritos para sua continuidade. Durkheim (1996, p.463):

“... os ritos com freqüência dão a impressão de operações puramente manuais – unção, lavagens, refeições. Para consagrar uma casa, ela é posta em contato com uma fonte de energia religiosa. Todas as religiões, mesmo as mais grosseiras, são, num certo sentido, espiritualistas, pois as potências que elas põem em jogo são, antes de tudo, espirituais e, por outro lado, é sobre a vida moral que elas têm por principal função agir”.

A palavra rito vem do latim, *ritus*, uso, rito – como uma ação sagrada realizada conforme as regras. No século XVI, na Igreja Latina, o termo tomou o sentido restrito de cerimonial e em sentido lato, para designar quer uma celebração litúrgica ou no seu conjunto, um outro elemento da mesma celebração. Durkheim (1996) diz que os ritos, as festas e o culto fazem parte desse conjunto de práticas, idéias para exprimir o valor que o mundo tem e que nem a ciência seria capaz de decifrá-lo pela razão, porque esses elementos são cheios de mistério e superficialidade para as pessoas de fé. As práticas rituais tornam no fiel uma experiência de suas crenças, pois cria e recria, pelo entusiasmo individual ou coletivo, um valor ou um sentimento. A distinção da cerimônia e do rito se dá por dois fenômenos conceituados, de modos diferentes, por um sujeito social que estabelece o

que é rito religioso e o que não deva ser como tal. A originalidade fundamental do rito é apresentada em dois aspectos. Primeiro:

“A vasta flutuação análoga, se de um lado traz consigo o perigo de pulverização do fenômeno ritual e, no mínimo, um esmaecimento na sua interpretação, do outro, convida a procurar os elementos da ritualidade humana na sua gênese fundamental ou nas raízes que podem levar a compreender a possibilidade da experiência ritual e ampla” (cf. E. Erikson).

As ritualizações compreendem, nos cumprimentos comuns, um vínculo emotivo e vão até a fusão do indivíduo com o seu objeto no amor, com a inspiração ou carisma do chefe. Essas ritualizações necessitam de um elemento para segurança do sentimento, que se espalha por toda ritualização, elemento denominado Numinoso. A ritualização em Turner (1974) são as reveladoras dos valores humanos, que expressam a significância naquilo que os toca, como forma obrigatória e expressão aos valores do grupo a que são experimentados ou revelados. Neste caso, os ritos são considerados o berço principal para se entender e compreender as sociedades humanas, com seus sentimentos. Nota-se que as emoções sentimentais humanas e a simbologia que está contida na ritualidade ressalta uma leitura cultural da vida humana, com explicações adequadas do fenômeno ritual na sua totalidade com o numinoso.

O outro aspecto do rito segundo Sartore e Triacca (1992), é apresentado como o simbólico/imaginário, a ritualidade então é a ação complexa para a qual convergem desde sua origem. Além dos gestos, palavras, movimento e coisas, dentro de um determinado sistema cultural instaura o campo simbólico permitindo situar-se diante dos outros e estabelecer relações de valores.

#### 1.4.1. A ritualidade

A ritualidade para Sartore e Triacca (idem), é por sua natureza anti-imaginária e vivencial, de ordem simbólica. O tempo e o espaço que ele instaura contemplam numa complexa relação, a binaridade natureza/cultura, pensamento/ação, palavra/corpo e as infinitas aberturas do homem/mulher para os outros, as coisas, a sociedade e a história.

A ritualidade é classificada em duas operações: primeiro os ritos arcaicos e primitivos, que são distintos dos mais propriamente presentes, tanto nas grandes religiões modernas, quanto na vida cotidiana. Segundo, os ritos são funções sociais e psicológicas que se subdividem em: a) ritos obsessivos/supersticiosos, como jogar uma pitada de sal nos quatro pontos cardeais, quando o sal por acaso cai e se espalha pelo chão; fazer o sinal da cruz no começo da competição esportiva; cuspir nas mãos antes de iniciar um trabalho; bater no ferro...Esses sinais são ritos que devem ser executados pela pessoa, sob pena de profundos dissabores e de grandes frustrações; b) ritos de interação, esses referem-se a tudo o que o sujeito na presença dos outros é obrigado a viver para tornar-se acessível à comunicação e ser por ela utilizável: Exemplos, código de boas maneiras, regras para estar em contato com outras pessoas etc. são ritos que facilitam o respeito mútuo entre os indivíduos, conhecimento de facilidades para qualquer contato em determinadas fases do indivíduo; c) ritos instituídos são os de organização autônoma e composta de várias seqüências rituais, que giram em torno de um ato performativo, os ritos sacrificiais e os ritos de adivinhação.

Por fim, a ritualidade cristã, que são os ritos oficializados pela Igreja, denominados ritos litúrgicos/sacramentais. Esses ritos são incluídos, na maior parte, aos ritos de passagem, como a Eucaristia e a oração das horas. Por outro lado,

também os ritos típicos da piedade popular, como o rosário (terço), novenas, procissões devocionais. Também a religiosidade popular, destacada pelas peregrinações tradicionais anuais, lamentações rituais, ritos da quaresma e da semana santa.

Ainda numa ritualidade, pode ser usada a linguagem verbal para encontrar, dentro do rito cristão, ou no texto ou no contexto determinadas repercussões e possibilidades de leituras e compreensões. O rito cristão pode abrir-se à plenitude de adaptação pelos tempos e pelas diversas culturas em que vive e age o grupo-igreja individualmente.

#### 1.4.2. Implicações do processo ritual

Os rituais são reveladores dos valores humanos, pois expressam a significância naquilo que os toca intensamente, como forma de expressão e obrigação aos valores do grupo a que são experimentados ou revelados. Turner (1974) vê nos seus estudos dos ritos, a chave para compreender a constituição essencial das sociedades humanas.

Nas ciências sociais são indispensáveis os aspectos das ciências e prática religiosas, pois são reflexões e expressões influentes nos relacionamentos econômicos, políticos e sociais. Portanto, as práticas religiosas e as crenças permeiam indícios para a compreensão do pensamento e sentimento das pessoas sobre as outras. Isto significa que o ritual é um compromisso especial ou uma obrigação para as pessoas. Neri (1993) refere-se a religiosidade em dois fatores importantes: as dimensões objetivas, que são os rituais e as práticas religiosas, de modo privado e institucional e as suas dimensões subjetivas, das crenças, atitudes e

valores religiosos, como qualidade de vida conceituada na satisfação, atividade, percepção de controle e sensações de significados. Esta religiosidade se dá em três dimensões: física, psicológica e social.

A simbologia no rito para Turner (1974), é a representação de alguma coisa diferente de si mesma. O sujeito é simbolizado na ritualidade para expressar e transmitir a noção de algo estruturado e ordenado em contraposição ao não estruturado e caótico. As funções são de uso metafórico porque ligam o mundo conhecido, seus elementos de fenômenos sensoriais perceptíveis, com o mundo desconhecido e invisível que são as sombras. Turner (1974, p.34):

“A finalidade explícita dos ritos está em dissipar os efeitos daquilo que chamam Chisaku. Chisaku indica “infortúnio ou doença” devido ao descontentamento das sombras ancestrais ou à quebra de um tabu. Indica também uma maldição proferida por uma pessoa viva para aqular uma sombra, podendo incluir remédios especialmente feitos para causar danos a um inimigo”.

Os elementos simbólicos dos ritos, segundo Turner (idem), indicam que suas propriedades estão envolvidas por um revestimento material, inseridos na experiência de vida. Estes elementos aparecem quando há confrontos de objetos sensíveis e perecíveis, onde os símbolos têm suas relações espaciais e destinos diferentes. Pois os símbolos são um conjunto de dispositivos invocadores, despertadores, analisadores e domesticadores de emoções, como o ódio, temor, a feição e a tristeza. Portanto, cada elemento simbólico tem um relacionamento com outro elemento empírico de uma determinada experiência.

O aspecto liminaridade (abrange o comportamento simbólico que significa o afastamento do indivíduo ou de um grupo para a periferia da estrutural social) tratado em Turner (1974) são as entidades liminares da manifestação cultural

da “communitas” (inter-relacionamento social de uma marginalidade e inferioridade estrutural simbólica de determinada comunidade, que oferece mistura de submissão e santidade, de homogeneidade e camaradagem nos correlacionamentos humanos) que estão atribuídas e ordenadas pela lei, costumes, convenções e cerimonial, onde seus atributos são compostos pela variedade de símbolos, nas sociedades que ritualizam as transições sociais e culturais.

Na liminaridade, a brancura representa a conexão entre os vivos e os mortos e que é certa a relação entre as pessoas, enquanto seres humanos, em conseqüência, os frutos da saúde, do vigor e outros bens; como exemplo, o riso branco, significa camaradagem e companhia agradável, em oposição ao orgulho e a inveja, cobiça e os rancores, roubo, adultério e tantas outras atitudes negativas (cf. idem, ibidem).

A liminaridade é a pedagogia, numa representação de duas espécies de separação de um vínculo comum: a primeira espécie é a pedagogia da liminaridade conseqüentemente agindo de acordo com os direitos dos indivíduos, em determinado cargo social. A segunda espécie se direciona pelos impulsos psicológicos individuais, pelos seus companheiros. Uma liminaridade é sempre atribuída por um caráter místico, rico em sentimentos de bondade humana; naturalmente num relacionamento com as crenças nos poderes de seres primitivos e protetores, nas potências sobrenaturais. Os poderes dos “neófitos” na liminaridade são os poderes sobre-humanos, que são invocados e canalizados pela comunidade ou por seus representantes. De acordo com Turner (1974), os símbolos em que essas propriedades de características religiosas, na tradição cristã, se manifestam e corporificam são múltiplos e se relacionam com os processos fisiológicos da morte ou nascimento, no vigor ou na fraqueza.



Uma liminaridade não é a única manifestação cultural de uma “communitas”, pois há outras manifestações que são reconhecidas pelos símbolos agrupados nas sociedades, pelas suas crenças vinculadas, como os poderes dos fracos, o status, ou posição baixa. A literatura popular é riquíssima em simbologia, como os mendigos santos, terceiro filho, pequenos alfaiates e simplórios que são detentores de categorias e cargos, reduzidos ao nível da humanidade e aos mortais. Os indivíduos de grupos étnicos e culturais, desprezados ou úteis desempenham papéis importantes na literatura popular, com valores humanos e universais (conforme idem, ibidem).

Assim como a liminaridade é importante na ritualidade, a “Communitas” é também essencial para a ritualidade, pois oferece mistura de submissão, santidade, homogeneidade e camaradagem. Há dois modelos de correlacionamentos humanos: Justapostos e alternantes. Justapostos é a sociedade na qual os relacionamentos humanos são estruturados, sistematizados, com suas diferenças, mas freqüentemente é hierárquica nas posições políticas, jurídica e econômica.

O processo dialético abrange a experiência de alto e de baixo da communitas, segundo Turner (idem), a vida social é composta pela imersão de pessoas, grupos e categorias, cada qual com seu ciclo em desenvolvimento, que faz a sua experiência vital se inteirar alternadamente da estrutura e da communitas, aos estados e às transições. Isto está de acordo com Durkheim (1996) quando ele fala sobre a sociedade como sistema de forças atuantes, onde o homem é explicado por aquilo que está dentro dele, social que ele é, que supera a individualidade, isso somente pela experiência social. O meio social para as pessoas se dá pela integração, mesmo que seja uma forma de diversão ou passatempo, que traz a liberdade e a satisfação para suprir o individualismo e egoísmo.

A *communitas*, sobretudo os neófitos, recém-integrados, vem a ser a depositária, com suas características de submissão ou silêncio, dos valores culturais, das normas, das atitudes, dos sentimentos e relações. Nas sociedades tribais, não apenas a comunicação, mas também o poder e a sabedoria são transmitidas na liminaridade sagrada, pois tem o valor ontológico que remodela o ser do neófito.

A “*communitas*” é especificada como sociedade aberta que difere da estrutura ou sociedade fechada, porque contém sua potencialidade de ideal extenso, além dos limites da humanidade. Porém todas as manifestações da *communitas* podem aparecer como perigosas e anárquicas para a estrutura, pois a estrutura ou sociedade fechada cria prescrições, proibições e certas condições aos indivíduos da *communitas*.

A “*communitas*” segundo Turner (1974), surge onde não existe a estrutura social fechada. Experimenta o enfraquecimento dinâmico com os outros, está para os outros como influência do Eu para o Tu. A comunidade existe onde ela acontece. A *communitas* é a sociedade sagrada e santificada porque anula e transgride as normas estruturais, como instituições, com um governo sem precedentes. A liminaridade, a marginalidade e a inferioridade estrutural são as condições para gerações dos mitos, dos símbolos rituais, dos sistemas fisiológicos e as obras de arte.

A comunidade diferenciada da estrutura é cheia de espontaneidade e imediatismo, que se opõem ao caráter jurídico e político estrutural, mas que em pouco tempo poderá ser transformada em estrutura, pois as livres relações entre os seus indivíduos podem se converter nas relações governadas por normas sociais. A “*communitas*”, neste aspecto é diferenciada da solidariedade de Durkeim, pois a força que ela eleva é o contraste entre o interior ao grupo e o exterior ao grupo. Sabe-se

que a *communitas* consiste de relações entre indivíduos concretos, históricos, sempre num confronto do Eu com o Tu. A “*communitas*” espontânea não pode ser expressada como uma forma estrutural, mas pode surgir imprevisivelmente em qualquer tempo e lugar entre os seres humanos, contados e definidos, em agrupamentos sociais.

Na “*communitas*” mantêm-se e unem-se as pessoas apenas em momentos, por isso é interessante observar que nas religiões surgem constantemente movimentos do tipo *communitas*, que dão origem a uma mitologia apocalíptica, uma teologia ou ideologia. Encontra-se também em iniciações tribais ou grupais, mitos e ritualização referentes aos relacionamentos com as catástrofes e crises divinas, matança ou autoimolação. Enfim, a “*communitas*” é a relação religiosa entre o homem e Deus e entre os homens uns com os outros, vertical e horizontalmente por assim dizer.

As outras características do processo ritual, na liminaridade, estão na elevação e reversão de “status”. Em razão de tudo isso, a liminaridade é vista como um tempo e um lugar para retiro de modos variados, de uma ação social, com suas potencialidades e valores. A liminaridade de elevação de status é um dos rituais complexos, pois contém os aspectos de elevação unidos aos aspectos de rebaixamento. No aspecto de elevação do rito há a elevação da estrutura do indivíduo, pois seu status é mudado constantemente e elevam-se em sucessivas crises de vida, favorecendo os ritos de elevação de “status” sendo que o “status” coletivo continua imutável.

A liminaridade de reversão de “status”, neste quilate torna-se visível em seus padrões simbólicos, comportamentos, categorias e formas de agrupamentos sociais. Esses rituais, coletivos ou não em pontos estratégicos, no calendário anual, quer por calamidades sociais, são restabelecedores da estrutura social e da

“communitas”. São caracterizados em dois modelos sociais, contrários, por um lado o estrutural, em suas posições de cargos, “status” e funções jurídicas, políticas e econômicas, conseqüência, a busca da personalidade social. Por outro lado, a sociedade da “communitas” que é formada por indivíduos concretos e “idiossincrásicos”, são considerados iguais, e comum uns aos outros. A sociedade contém suas indiferenças e homogeneidade, na qual os indivíduos se defrontam uns com os outros, não com “status” ou funções, mas por segmentos comuns. Com isso, a liminaridade de reversão não se objetiva em eliminar, nem sublinhar as distinções das estruturas, mas pode caricaturar. Portanto, é acentuado que no aspecto da reversão, a esperança sempre será o estado último do homem.

Por fim, as religiões para se tornarem mais populares é necessário que atinjam as massas inferiores, para que o “status” seja despojado a fim de que haja humildade, brandura, responsabilidade para um viável relacionamento entre os homens e o sobrenatural. A desordem da reversão de “status” é que pode dar a vivacidade ao ritual, sobretudo em situações de humilhação, despojamento e de dor. Leão Tolstói, (Apud Turner, 1974)) diz que todo homem neste mundo é, enquanto a vontade de Deus pois Deus o fez com sua liberdade de poder e criar, destruir e construir.

## CAPÍTULO II

### 2. A VELHICE, A SOLIDÃO E A DEPRESSÃO

#### 2.1 A Velhice<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Verificar em:

Falar de velhice é falar do ser humano como um todo, com suas possibilidades de vida, virtudes e limitações de ancianidade, mas o assunto ainda carece de uma grande reflexão. Conforme Garcia Pintos (1997), quando se fala da vida do ser humano direcionada para estar com outros, o ser humano é entendido como um ser livre, que necessita de integração ativa, como respostas ao seu momento, vital e real, seja na pertença em associações, clubes de futebol (grupo secundário – de 2º plano/ordem, que é menos importante que o grupo primário, é intermediário entre o que é primário e o que é superior), família (grupo primário – grupo primeiro e fundamental, mais importante que o secundário, é originário e antecede ao que é secundário), ou uma causa unificada. O mesmo ser humano tende a buscar forças que o orientem a superar seu narcisismo em vista do encontro com os outros.

A dimensão social constitui a essencialidade do ser humano com os seus valores, intelectualidade e espiritualidade para os outros em função de sua sociabilidade que se manifesta de duas maneiras: A associação – tida como a forma do indivíduo estar com os outros e a comunidade – a maneira de como o indivíduo é com os outros.

“Obviamente, “sem o outro”, sem o “tu” , o ser humano carecia de referência para atualizar-se nesta necessidade transcendente. O “outro” ocupa, assim, um lugar predominante no momento de superar o ensimesmamento original. Tanto assim, que até se poderia dizer que o tu precede o eu, e o constitui como tal, porque somente através de um “tu precedente” o “eu” cumpre com sua vocação transcendente, agora motivada pela presença incitante do outro”, Garcia Pintos (1997, p.14).

Garcia Pintos (1997), também afirma que a família, formada no casamento, é condição primária, mesmo que ela se desfaça pelo divórcio ou por um motivo qualquer, continua sendo o grupo primário de pertença de um indivíduo. A família como criação do ser humano pode dar respostas aos desejos de um grupo de pessoas com os mesmos interesses e com o mesmo desenvolvimento afetivo recíproco para as soluções dos problemas do ciclo vital das pessoas.

A característica principal da velhice é o fato de ser “catabólica<sup>3</sup>”; nesta fase surgem os sinais típicos do envelhecimento que são caracterizados também, pela perda das energias e da renovação das mesmas. Portanto, é na velhice que acontece o período de declínio físico e mental mais lento e gradual, denominado como. Os aspectos de envelhecimento biológico e psíquico são inevitáveis. Se a pessoa idosa assume uma atitude saudável de aceitação do envelhecer, logicamente aceitará o processo de mudanças naturalmente nesta fase da vida. Lopes (1993, p.55) diz que “o importante é a pessoa conseguir entender que é inútil lutar contra esses sentimentos e iniciar um processo de reajustamento à realidade”.

A velhice acontece quando cada indivíduo passa por diferentes realidades psicológica e biológica. Com isso, o ser humano se torna consciente de sua temporalidade passada e a vê como perda, portanto é forçado a aceitar a realidade da velhice, para poder continuar a viver (conforme Garcia Pintos, 1997).

A velhice é uma consequência inevitável, “inexorável”, com suas experiências e evidências marcadas pelo mundo interior e exterior da pessoa. Ela é o

---

REVISTA DA SECRETARIA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL. Cidadania. Ano 1 nº 1, janeiro/março de 1998, pp. 20-29.

PY, Lígia. *Testemunhas vivas da história*. Rio de Janeiro: ECN – Ed. Científica Nacional, 1996. pp. 23ss.

<sup>3</sup> Catabólica – Processo de transformação das substâncias orgânicas do homem, implicando no desajustamento pessoal e social.

“colapso” que provoca a deteriorização das resistências dos agentes sociológicos contidos nas pessoas.

Bosi (1987) diz que a velhice é a pessoa que se retrai de seu lugar social e este encolhimento é perda e empobrecimento para todos. Desgostada, seus dons se tornam feridas no grupo e na sociedade, distanciando os relacionamentos humanos. O velho é considerado, na sociedade de hoje, inferior à mulher e ao negro, pois a mulher e o negro na sua exclusão e marginalização ainda podem se defender e buscar os seus direitos, têm suas armas. Os velhos não têm como lutar, os outros é que lutam por eles. Para que os mesmos não sejam uma espécie de estranhos na sociedade, é preciso recriar, mudar, refazer as relações humanas para que não haja exclusão nesta categoria social de pessoas .

No aspecto físico a velhice se dá pela evolução progressiva de limitações e ausência de forças nos diversos níveis da personalidade humana, sendo que as expectativas de vida estão se esgotando. A velhice para López Azpitarte(1995) é um conflito constante entre a natureza humana e a realidade imposta pela força física e mental. A pessoa idosa defronta com uma deteriorização orgânica que conduz cada vez mais à perda de uma autonomia ou independência. Esta deteriorização da imagem corporal pode afetar muito mais as pessoas que até mesmo a perda de um realismo sofrido. A velhice, para as idosas se torna uma crueldade, pois tanto suas forças físicas como as psíquicas são destruídas, sem ter outras opções.

No aspecto psicológico a velhice sofre em reconhecer-se como um peso morto, dependente de tudo, principalmente da boa vontade dos outros, gerando humilhante sofrimento. É bem verdade notar que, deste ponto de vista a questão da velhice começa mais cedo, sobretudo quando o ser humano toma consciência de sua

---

temporalidade através de tudo aquilo que viveu no passado. Os idosos vivem eternos desafios quando deparam com as rejeições pretensiosas, sem respostas, de atividades passivas e que a idade não é mais o marco de referencial das experiências passadas. O vigor físico/mental/psicológico impossibilita-os de novas perspectivas de presente e de futuro, pois elas se tornam conflitivas e sem esperanças. Essas e várias outras objeções podem favorecer o idoso viver a solidão. É preciso que ele seja olhado como um ser sociável que ainda constrói a vida. Ao contrário, ele pode se sentir objeto descartável, ter a vida sem fundamentação e individualista chegando à solidão.

## 2.2 A Solidão<sup>4</sup>

O que é solidão? – A solidão é o ato de estar sozinho, angustiado, sem perspectivas de vida, distante do meio social/grupal. Segundo Klein (1971), a solidão brota das ansiedades psicóticas geradas na infância, que aparecem sempre por consequência de uma doença ou da velhice numa natureza “esquizofrênica” ou de natureza depressiva. A ansiedade paranóides é também um elemento da solidão, que cede lugar, por muitas vezes, à ansiedade depressiva.

---

<sup>4</sup> Ver nesta bibliografia:

DI BERNADINO, Pedro Paulo. *A solidão em Santa Terezinha do Menino Jesus*. S. Paulo: Paulus, 1995.



A solidão contraria a integração, que objetiva estimular o ego primitivo, neutralizando a insegurança. O ego, em termos, trazendo impulsos destrutivos, há necessidade da condução do mesmo para a integração. É na integração que os efeitos do ódio são mitigados pelo amor. O ego, portanto, se torna mais seguro na sua sobrevivência e na presença de seu objeto bom.

Uma integração plena nunca seria possível, pois os instintos de vida e de morte sempre persistem como fonte profunda dos conflitos. As emoções, fantasias e ansiedades são os fatores mais importantes da solidão, que também se limitam à integração. A solidão, por vezes, é suposta e originada da convicção de que não há pessoas ou grupos de pertença do indivíduo. As ansiedades paranóides e depressivas nunca são vencidas pelas pessoas normais e nem por quem vive certa sensação de solidão.

O indivíduo esquizofrênico, fragmentado, não vê possibilidades de resgate do seu eu novamente, contudo, fundamenta-se no aumento das sensações de estar sozinho, com seus problemas e desgraças, então na solidão. A sensação de um mundo hostil e ingrato influenciará nos sentimentos de solidão, isto numa equivalência de medo, sobretudo na perda. Porém as ansiedades e emoções são incrementadas na depressão, embora há o termo morte como parte da solidão.

O lado positivo da mitigação da solidão é o ego forte que está menos sujeito a uma fragmentação, sendo capaz de alcançar a integração e conseqüentemente uma boa relação com o objeto inicial do eu. Daí então o alcance do superego, que será mais propício, com capacidades para suportar as limitações dos objetos amorosos. Uma adaptação do ego à realidade conduz a uma aceitação das próprias limitações, aliviando as frustrações do passado, em conseqüência das

buscas do prazer que provêm de um mundo exterior para diminuir a solidão ou eliminá-las.

O prazer está sempre vinculado à gratidão, que é incluída no desejo de retribuição da bondade que recebeu o ego, assim conhecida como generosidade. Para ele a capacidade prazerosa inclui certo grau de resignação, de gozo como alcance de gratificações, sem ressentimentos de frustrações. A resignação vai contra os impulsos destrutivos, em tolerância a tudo aquilo que, porventura “sobrepõe” o amor, a bondade e a vida, no sentido de preservação ou defesa. “O anseio pela independência faz parte do amadurecimento”, Klein (idem, ibidem), que ajuda na defesa contra a solidão. A preocupação com o passado é outra defesa para evitar as “frustrações do presente”. O ideal pela independência e lembranças do passado está sempre a serviço da defesa.

Outra forma de valorização como defesa maníaca da solidão é a capacidade do indivíduo de esperar pelo que deseja, paciente e equilibradamente, para que os sentimentos sejam conduzidos para o otimismo da realidade. Logo, negar a própria solidão é estar em defesa às interferências nas relações com o objeto bom, em contraste com as atitudes de experiências concretas da própria solidão.

Pode-se afirmar que enquanto existir um sentimento de solidão, seja diminuto, seja aumentado pelas influências externas, ele nunca poderá ser eliminado, pois brota de fontes internas que continuarão operando na vida, sempre. Segundo Lopes (1995) viver a solidão é viver o medo quanto ao futuro, que se dá pelo pavor de se tornar não só inútil, mas também um aborrecimento e obstáculos para os outros. Muitos idosos preferem a morte a ficar nesta dependência, que muitas vezes pode ser humilhante.

A solidão, gerada pelas condições e circunstâncias biológicas e pessoais, é a que muitas vezes impede a liberdade do ciclo vital dos idosos, pois nem a família nem o grupo podem revelar importância em atendê-los. Na atualidade, são criadas novas formas diferenciadas no sentido da superação da solidão dos idosos. São práticas relacionadas a lazer, universidades, natações, grupos, associações e saúde que visam o combate a esta solidão e à marginalidade sobre o idoso. Lopes (1993, p. 90):

“O vazio da solidão pode abrir o coração do homem e torná-lo mais consciente da presença de Deus que fala no silêncio... Nas horas amargas de solidão, o único raio de esperança e de consolação é o pensamento na presença de Deus que se torna um meio benéfico de preencher as horas solitárias da idade avançada”.

Na verdade, hoje os idosos não são mais determinadores do prestígio familiar, isso não significa que são levados para o descaso, abandono ou desprezo pois isto não implicaria numa mudança qualitativa nas relações entre as gerações familiares, mas pode ser garantia de respeito e prestígio da família para com o idoso. Conforme Debert (1992), a família não é mais adequada como um mundo social com sua totalidade para os idosos, pois nem mesmo na sua maturidade isso seria capaz de acontecer.

É visto que estão surgindo novas formas de sociabilidade e associações/grupos, para que os idosos exerçam suas funções e situações específicas. No Brasil, de modo concreto, para Saad e Camargo (Apud Debert, 1992), envelhecer sozinho, sem apoio familiar, significa um grande risco, em que se refere ao grande aumento de idosos vivendo só, pelo agravamento de padrões nucleares e pelo crescimento de separações e divórcios.

Muitos idosos sentem os desafios da vida sozinho, correm o risco de uma solidão, que muitas vezes se agrava pelo surgimento de um outro problema, na vida das pessoas, a depressão. A ausência de ambientes seja familiar ou associações/grupos para o ser humano, dará como conseqüência a solidão e a depressão, fatores que acarretam dependências mútuas nas pessoas que ainda não vivem em grupo e em ambientes de convivência que lhes possibilitem suportar e vencer determinadas realidades de solidão.

### 2.3 A Depressão<sup>5</sup>

É bem verdade que a solidão pode influenciar na depressão de uma pessoa sobretudo a velhice porque muitas vezes o vigor físico e mental leva o indivíduo a um sofrimento humilhante. A depressão também é um dos fatores preponderantes na vida dos velhos, que pode levá-los a um sentimento culposos, insegurança, doença e à própria morte.

Mas o que é mesmo a depressão, uma doença? Um transtorno psíquico? – Conforme Uriel (2001), a depressão é um estado de sofrimento psíquico que tem como característica o rebaixamento do humor, acompanhado por desinteresse pessoal ao prazer e à energia vital, normalmente causando anormalidades no apetite e no sono, assim como falta de concentração, insegurança, pessimismo, culpabilidade, desequilíbrio e desejo da morte.

---

<sup>5</sup> Verificar em:

SCHWOB, Marc. Dr. *Como vencer a depressão*. S. Paulo: Edições Paulinas, 1989.

TELES, Maria Luiza Silveira. *O que é depressão*. S. Paulo: Editora Brasiliense, 1992.

A depressão é o transtorno mental mais agravante e freqüente em alguns períodos da vida, quando as pessoas se mostram vulneráveis, sobretudo quando enfermas, em situações de perdas, abandono ou idoso. Ela é mais freqüente nas mulheres que nos homens. É visto que no período da menopausa e idade avançada tem incidência constante. A depressão não pode ser considerada como uma doença mental, pois ainda não se sabe quais os fatores que causaram estes transtornos psíquicos. O termo doença só pode ser usado quando se constata que estes transtornos psíquicos são de origem patológica, isto é, afetam as estruturas cerebrais humanas.

Alguns fatores podem causar a depressão: pensamentos pessimistas, autoacusadores, expressões reprimidas, necessidade de vontades, introversão, dependência constante, mau humor, irritabilidade etc. Também as perdas de elementos reais e simbólicos, assim como situações privadas e isolamento social. Outros sintomas de depressão conforme a publicação DHHS<sup>6</sup> (1993) são os lapsos de memória e dificuldades de concentração. Também podem ter sintomas em consequência de problemas físicos ou medicamentos freqüentes usados.

A depressão tem influência na vida dos idosos como um mal causador de ansiedades e que, por várias vezes, afeta os sentimentos para um negativismo individual, criando catástrofes infinitas ao emocional e ao mau humor, conseqüentemente às manifestações negativas de culpa, indignidade, ruínas, sentimentos de frustração e de abandono. Neste caso, a depressão pode ser um distúrbio que abrange o corpo todo, afetando os sentimentos e os pensamentos do homem. Uma pessoa depressiva tende a isolar-se da sociedade ou do grupo, evita

---

<sup>6</sup> Publicação Americana sobre a Administração de Álcool, abuso de Drogas e Saúde Mental

visitas ou contatos com outras pessoas, pois nem mesmo conselhos e exemplos desafiadores poderão capacitar e alentar este tipo de sofrimento.

Conforme Uriel (2001) o que se refere à prevenção de uma depressão, a ajuda psicológica tem sua importância, além dos hábitos saudáveis, como exercícios físicos, de preferência ao ar livre, sob os raios solares. Estes sinais de prevenção favorecem a sensação de bem-estar e manutenção do bom humor. As práticas religiosas, como a oração, as leituras bíblicas são dados empíricos que ajudam na prevenção da mesma, assim como tudo que envolva a pessoa por inteiro e traga envolvimento pessoal.

Segundo a Publicação DHHS (1973), a depressão pode ser tratada ou curada até 80 % dos casos, desde que seja reconhecida como tal para favorecimento do tratamento.

É importante salientar que, antes de tudo, o cuidado com um deprimido requer a busca de algo existencial que o leve a atividades, compromissos, relacionamentos, valores e crenças. É necessário, para tanto, que se aproveitem espaços terapêuticos para que os sentimentos do indivíduo sejam valorizados e estimulados, com vistas à sua reintegração vital. De acordo com Uriel (2001, p.25), “outras medidas de suporte podem ser supridas por familiares e amigos habilitados, especialmente aqueles que já passaram por experiências semelhantes, bem como por pastores e conselheiros capacitados”.

A maioria das pessoas idosas, em virtude do surgimento de grupos, associações, cuidados geriátricos e tantos outros caminhos, raramente sofre de depressão. Sabe-se que acima de 65 anos, somente três pessoas de cem, sofrem de depressão clínica. Esta depressão pode ser grave e levar à morte, mas o depressivo pode ser ajudado. Diz ainda a publicação DHHS (1973, p.04) que a

“depressão é uma doença que tem tratamento. Mesmo a pessoa mais deprimida pode ser tratada com sucesso... A melhora é freqüente, mesmo quando as pessoas se sentem sem esperança e desamparadas”.

Segundo Vargas (1992), existem três estados de depressão no idoso tidos como síndrome depressiva: O estado da pré-depressão pode ser identificado por seis sintomas: Insônia – imediata, isolada que aparece na calada da noite, causa ansiedade e neuroses; Queda de desejo sexual – acontece quando há espaço nas relações sexuais e perturbações no sono; Hipodinamismo – falta do vigor físico e mental, desinteresse habitual, fadigas constantes; Hiperestesia sensorial – acontecem quando há irritações e intolerância com os barulhos habituais; Perturbações do caráter – também acontece nas irritações no plano sensorial e nos relacionamentos pessoais; Mudanças no comportamento – é o complexo de medo, não há controle pessoal no comportamento, dificuldade de convivência com os indivíduos no ambiente em que vivem.

O segundo estado de depressão é a depressão mascarada, que tem o caráter sugestivo de depressão, precedido de características como a linguagem orgânica da insônia, fadiga e perturbações sexuais. Estas perturbações são caracterizadas como mascarantes, nas quais os distúrbios do sono, ansiedade, cefaléia e os distúrbios cardiovasculares ocultam as personalidades mais que as depressões endógenas. Esta depressão freqüentemente acontece nos homens, que forçam a negar os sentimentos de tristezas em certas culturas ou meio social.

Logo, a máscara física da depressão apresentada no indivíduo poderá levá-lo ao médico, em consultas prévias, ou posterior a um diagnóstico errado, no sintoma psíquico do paciente.

Os sintomas da depressão de máscara, alertados por Vargas (idem, ibidem), se fazem pelo estudo da personalidade do idoso oprimido, pois este tipo de sintoma, aparentemente é consequência da idade adulta à terceira idade e pelo simples fato da menopausa nas mulheres e da aposentadoria para os homens, também porque há as preocupações freqüentes com a saúde e pela rigidez psíquica, sem contar com o fator genético familiar.

O terceiro estado da depressão é a depressão endógena, que acontece quando são agrupados em um conjunto de fatores, sinais e sintomas unificados, assim sendo, a depressão no indivíduo é vista como algo sentimental, um humor depressivo que acontece na perda, na morte de alguém querido. São sentimentos de tristeza e abatimento que acontecem, às vezes, em momentos diferenciados, durante o dia, pela manhã e pela tardinha, ou no retardamento ao tempo normal, insônias com lentidão ou agitação psicomotora.

A depressão endógena pode ser subdividida: a primeira seria a primária, que acontece na fase atual da depressão, mas que teve início na fase passada da vida; é também chamada de depressão física e extensiva, podendo variar de estado. Para Vargas (1992,p.50), “essas depressões podem ser maiores ou menores, conforme seu grau de intensidade e, algumas vezes, podem surgir na velhice como uma fase depressiva da psicose maníaco-depressiva”.

A depressão endógena secundária aparece em decorrência de um acontecimento psicológico prévio, numa situação ou visualização de um estado depressivo “Psicodinâmico” devido ao sofrimento do indivíduo. Neste contexto, existem três grupos de depressão: a) - quando a depressão aparece associada a um evento psicológico doloroso, uma cirurgia ou uma doença crônica como invalidez e as doenças terminais; b) devido às inúmeras enfermidades, os depressivos carecem de



um tratamento específico da doença, medicamentoso ou não; c) são as doenças e as enfermidades que provocam as deformações e deteriorizações progressivas, a esclerose, o reumatismo e outras doenças metabólicas. Segundo Vargas (1992 p. 54):

“O idoso, quando em depressão, fica mais velho ainda, torna-se nesse momento duplamente envelhecido. Basta para tanto observar-se com cuidado a estrutura dos sintomas e comportamentos, comuns na depressão e no envelhecimento. A aparência real do indivíduo em processo de depressão mostra que há uma transformação, ou seja, ele aparenta ser velho e estar triste: face enrugada, ... a postura é inclinada, o modo de andar é lento, a fala é cortada, e tudo mais mostra a semelhança com uma pessoa idosa, ou muito idosa se a depressão for muito profunda”.

O deprimido reage às suas fraquezas com um pedido de socorro, sobretudo quando procura tirar proveito da situação de velhice para conseguir proteção. No inconsciente, os idosos se vêm adoentados como pretexto para conseguir justificar seus problemas físicos ou psicológicos, no sentido de obter atenção necessária dos outros.

A Publicação DHHS (1973) mostra três tipos de tratamentos para a mesma, sobretudo a depressão clínica: Medicamentos – Psicoterapias (em alguns casos) e Tratamento em Grupo (família, associação e grupos de apoio): a) Medicamentos – antidepressivos tricíclicos, os inibidores da monoaminooxidase e o lítio (usados nos distúrbios bipolares e depressão maior; b) Psicoterapia – depressão leve. Este tratamento pode ser útil com um terapeuta experiente; c) Grupal – todo ser humano é sociável, a família, o grupo ou associação como forma de um tratamento mais viável.

## CAPÍTULO III

### 3. O GRUPO RECANTO DA ALEGRIA, SUAS PRÁTICAS RELIGIOSAS E SEUS DESAFIOS SOCIAIS

#### 3.1. Os idosos no Brasil

A sociedade brasileira, nestes últimos anos, tem passado por rápidas transformações devido ao grande fenômeno da pós-modernidade e da globalização. Tais fenômenos têm influenciado em sérios problemas do individualismo, das técnicas, do consumo e dos interesses capitalistas, sociais e da mídia, causando à pessoa humana a falta de estímulos na busca de novas perspectivas de vida qualificada para o mundo. Para a terceira idade, isso não é diferente, pois a situação desses fenômenos é ainda mais conflitante, vez que o idoso é visto como uma classe descartada e discriminada da sociedade. Os idosos são, para muitos, sujeitos passivos de uma ação de instituições sociais, políticas e até de instituições religiosas, no sentido do pietismo e da ação paternalista/assistencial de grupos políticos.

É importante salientar que, para a sociedade, os idosos geram despesas e desconforto. Para muitos, na sociedade, os idosos são sinais de contradição e comparação em qualquer ambiente onde há diferenças de idéias ou faixas etárias de vida. Alguém dizia, certo dia, que os jovens estavam tão acomodados, sem iniciativa e sem vigor, que pareciam velhos. Neste contexto pode estar um pensamento negativo sobre os idosos. A velhice ainda faz história. Benjamin (1985, p.198) diz que “não é

pela morte ou passado que o homem se torna esquecido, ele é a faculdade de intercambiar experiências”.

A questão dos idosos em nosso país, no limiar do século XXI é desafiadora e conflitante pois é uma temática que deve ser trabalhada com mais intensidade, sobretudo com relação às mulheres idosas. Elas querem ser instrumentos de cidadania e sujeito de reintegração no mundo social e religioso. Com isso é preciso restabelecer um novo vigor de responsabilidades, tanto da parte dos idosos quanto da sociedade. Hoje, a sociedade está se preocupando e enaltecendo os velhos, não com piedade, mas em sentir que os idosos ainda estão possibilitados à vida como uma pedra a ser lapidada. Assim diz Tomiko (1992, p.05):

“A sociedade brasileira começa a construir uma nova imagem do idoso e do envelhecer. Isso é fruto de diversos fatores, destacando-se o crescente reconhecimento, que os idosos vão conquistando, de que não são encargos da sociedade, mas um patrimônio muito significativo. Com muita dignidade, estão conscientes de que devem participar e influenciar no futuro do país. Mas a campanha dos idosos é de todos nós, garantindo possibilidades de participação plena a todos os cidadãos”.

As idosas ao serem redefinidas são compreendidas e vão desenvolvendo suas qualidades de enfrentarem os desafios com suas próprias forças. É importante notar também que as pessoas idosas, de modo geral, são marcadas pela experiência do preconceito e da exclusão, do desgosto e limitações de vida.

O Brasil, considerado um país jovem, vem perdendo essa condição para uma crescente população que vai envelhecendo rapidamente por vários fatores. O número de pessoas idosas vai aumentando assustadoramente, ultrapassando a idade acima dos 60 anos. Na revista Veja, nº 30 de 26 de julho de 2000, (segundo dados do

IBGE,1989), 7,4% da população tinha mais de 60 anos de idade. Dez anos depois, os idosos somam 9% desta população.

Segundo dados do IBGE/2000, o Brasil teve uma população no ano de 2000 de 169.544.443 habitantes para 14.512.805 habitantes idosos (as). No Centro-Oeste a população é de 11.611.491 habitantes, para um total de 720.065 habitantes idosos (as). Em Goiás a população é de 4.994.897 habitantes para um total de 325.770 (trezentos, vinte e cinco mil, setecentos e setenta) habitantes idosos (as). Em Goiânia, a população é de 1.090.581 habitantes para um total de 61.337 (sessenta e um mil, trezentos e trinta e sete) habitantes idosos (as). No setor Urias Magalhães a população é de 19.554 habitantes, desse total 9.303 (nove mil, trezentos e três) habitantes masculinos e 10.245 habitantes femininos, para um total de 1.095 habitantes idosos (as), sendo que 521 habitantes idosos e 574 habitantes idosas. A Revista Cidadania, (ano 1, nº 1, 1998) diz que:

“No ano de 2.025, o Brasil será o sexto país do mundo a ter o maior número de pessoas idosas com mais de 60 anos de idade, segundo projeções feitas pelas estatísticas, chegará a 32 milhões de idosos, e nas últimas décadas, principalmente, a partir dos anos 60, está aumentando a expectativa de vida do brasileiro, em função das melhores condições médicas/sanitárias e diminuindo as taxas de fecundidade”.

Frente a essa realidade populacional do idoso no Brasil Tomiko (1992. p. 05), também escreveu:

“A sociedade brasileira vem recebendo surpresa, notícias sobre mudanças demográficas que aqui ocorrem, prenúncio de seu envelhecimento populacional. Há estimativa das Nações Unidas de que no ano de 2.025, com uma população idosa (60 anos ou mais) de 34 milhões de pessoas, o Brasil estará entre os seis países com população mais numerosa na terceira idade precedido por China, Índia, USA, Canadá, Europa[...]”.

Camarana (1999, p.19) também analisou o momento demográfico da população brasileira:

“A população brasileira caracteriza-se por baixas taxas de fecundidade, aumento da longevidade e urbanização acelerada. A interação dessas transformações tem levado a um crescimento mais elevado da população idosa em relação aos demais grupos etários... projeções recentes mostram que este segmento poderá ser responsável por quase 15% da população total no ano 2.020...O crescimento relativamente mais elevado do contingente idoso é resultado de suas mais altas taxas de crescimento, dada a alta fecundidade prevalecente do passado comparativamente à atual e à recente redução em curso da mortalidade”.

Por outro lado, afirma a Organização Mundial de Saúde – OMS – sobre a qualidade de vida do homem (conforme O Popular caderno 2 de 5/6/2000, p.16): o Japão continua no topo da lista de vida mais saudável[...] o Brasil figura um vergonhoso 112º lugar, perdendo para países com sérios problemas de miséria, guerra e epidemias. A mesma fonte diz ainda que o Brasil é um país nitidamente dividido entre norte e sul, com regiões como o Estado de São Paulo, onde os índices se equiparam aos 20 países mais saudáveis, e nordeste ou norte, com números equivalentes aos países do fim da lista. Os idosos na região sudeste, em especial o estado de São Paulo, soma um total de 10%, da população brasileira.

Segundo a Política Nacional do Idoso – PNI (1997), Lei de n.º 8.842, de 04 de janeiro de 1994, no cap. I, art. 2: – Considera-se o idoso, para todos os efeitos desta lei, a pessoa maior de 60 anos de idade.

Tratando-se do ser humano e da sua igualdade, vêm-se importantes os seus direitos em vista da sua dignidade.

É visto que o idoso tem seus direitos assegurados desde o ano de 1948, na Declaração dos Direitos Humanos. Mais recentemente, foi obtido pela Constituição

Federal de 1998 amparo aos idosos. De que adianta estarem escritos no papel os direitos legislados sem a prática dos mesmos, sem uma garantia do cumprimento para o idoso? Pelo menos, em todas as constituições, federal e estadual, como na Carta Magna, o idoso foi contemplado em decorrência de tudo aquilo que ele fez para o desenvolvimento e construção da sociedade.

Nota-se que os idosos são marcados pela experiência do preconceito e da exclusão. Isto lhes traz um grande desgosto e limitações para viver a vida. Eles se definem desde as suas raízes mais profundas, na sua identidade e humanidade sócio/religiosa.

Faz-se necessário que todos se tornem conscientes de que o idoso também é sujeito, que construiu e continuará construindo o mundo. Todos dependem da sabedoria que os idosos têm. Isto significa abrir-se para uma compreensão do ser humano em sua história como um todo.

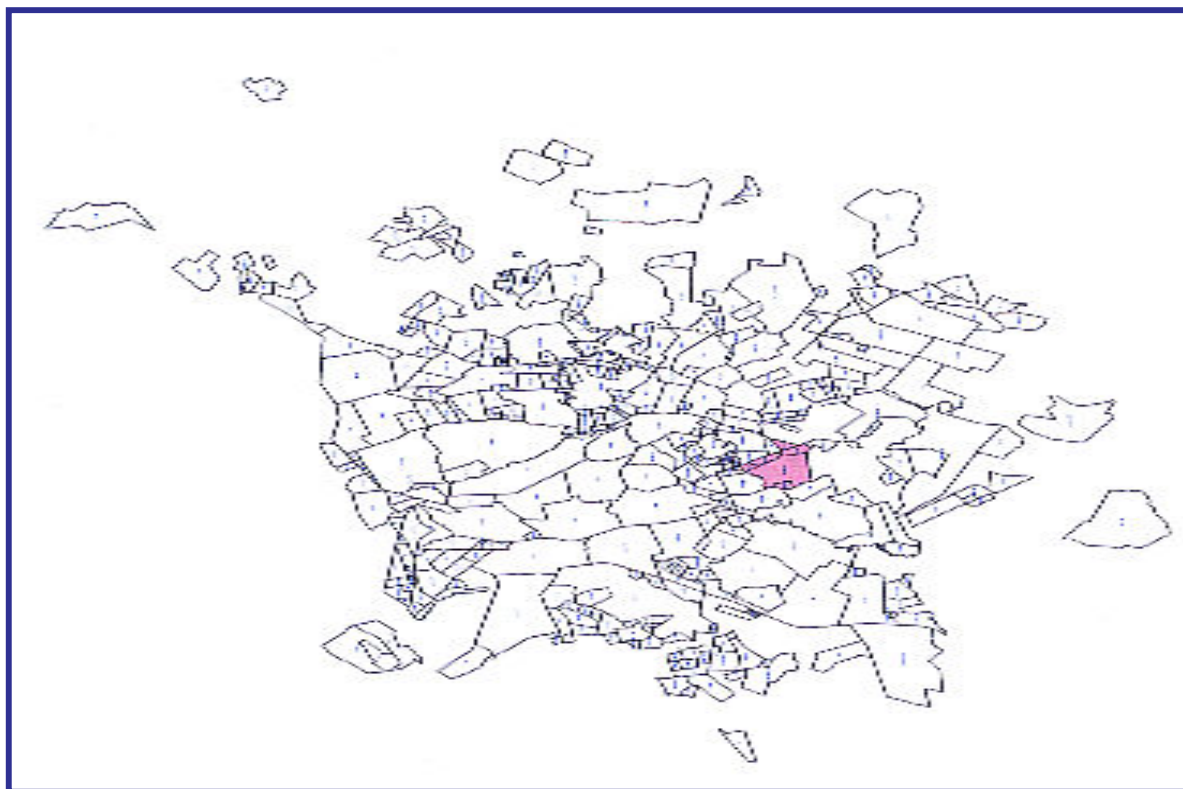
Nessas considerações, o idoso é um marco patrimonial detentor de riquezas, valores, sabedoria e experiências, que não podem ser negadas esquecidas, nem tampouco reprimidas. O idoso precisa ainda descobrir o novo, as conquistas e lutar para que o progresso o faça sujeito da história. Ele é mais uma categoria social (conforme Bosi, 1987).

Diante do quadro que se apresenta da realidade vigente dos idosos, onde uns insistem em resgatar a figura dos mesmos como essencial do mundo em transformação, eles servem de referencial, como fonte de patrimônio cultural, histórico, social e religioso; enquanto que outros insistem em vê-lo como supérfluo, descartável, gerador de despesas, sem produzir, principalmente se olharmos na ótica da produção da técnica e do capitalismo. O mundo, pensado da maneira como está estruturado, não contempla esta parcela da sociedade. Daí a grande necessidade de

redefinir qual o papel dos idosos, na perspectiva de um mundo globalizado, onde as técnicas do capitalismo ativo não estão favorecendo a inserção deles na sociedade e no mundo. É o que diz Bosi (1987, p.37):

“Nas épocas de desemprego os velhos são especialmente discriminados e obrigados a rebaixar sem exigência de salário e aceitar empreitadas pesadas e nocivas à saúde...O velho sente-se um indivíduo diminuído, que luta para continuar sendo um homem”.

### 3.2. As idosas no Setor Urias Magalhães



Mapa nº 1: Município de Goiânia e Setor Urias Magalhães- fonte: Comdata

No ano de 1993, a Prefeitura de Goiânia, com o intuito de fazer uma experiência de governo popular e participativo, buscava-se atender melhor à

sociedade goianiense como um todo. Com isso, a cidade foi dividida em regiões para facilitar o atendimento à população. A partir deste mesmo ano de 1993, o poder administrativo se estabeleceu por uma semana em cada região e neste período foi criado o “Projeto Goiânia Viva”<sup>7</sup>, com o objetivo da participação de toda a população ouvindo o povo e as suas necessidades mais urgentes. O prefeito assim, com mais informações precisas do conjunto do todo da cidade, poderia realizar um bom trabalho administrativo, eficiente e capacitado para atender aos idosos (as) de modo especial.

A comunidade do setor Urias Magalhães se fez presente com alguns representantes para o conselho popular da região. A função deste conselho seria criar propostas para um acompanhamento mais próximo por parte da prefeitura.

De 03 a 10 de outubro de 1993, o Projeto Goiânia Viva esteve no setor, houve momentos culturais, de formação e orientação para a comunidade. Numa das noites, aconteceu o encontro tão esperado com a então primeira-dama, Lucilde Accorsi, articulado pela irmã Maria Heidemann, da comunidade, e alguns membros do setor Urias Magalhães.

Uma das propostas seria a criação do grupo da terceira idade. Foi assim, com o apoio da prefeitura e com a disponibilidade de muitas pessoas idosas que começaram os primeiros encontros com seus integrantes.

O grupo “Recanto da Alegria” reúne 60 participantes, sendo 59 mulheres vindas de vários estados brasileiros. Hoje a média é de aproximadamente 35 a 40 idosas, que estão sendo fiéis nas reuniões semanais no grupo. São pessoas pobres, quase todas aposentadas e pensionistas. Algumas são viúvas, têm crença religiosa e participam de comunidades católicas; outras não têm diálogo familiar em casa, já no

---

<sup>7</sup> Projeto Goiânia Viva – Forma de Governo descentralizado criado na gestão de 1993 – 1996 pelo sr. prefeito Darci Accorsi – Governo popular.



grupo sentem-se acolhidas. Vale lembrar que o grupo não tem a finalidade de atender às mulheres idosas, é que os homens idosos quase não freqüentam este grupo.

O grupo “Recanto da Alegria” situa-se à Rua São Paulo, esquina com Rua Boa Vista, no setor Urias Magalhães, em Goiânia – CEP 74.565-320 – Fone: (0xx62) 210 1578. Com 60 participantes, atualmente a faixa etária é de 50 a 85 anos de idade, constituído por mulheres idosas e 01 homem.

O grupo se reúne no salão paroquial ao lado da Igreja católica Jesus de Nazaré, no setor Urias Magalhães, em Goiânia, Goiás. Por ser um grupo de mulheres católicas idosas, foi cedido um local, pela Paróquia, para os encontros semanais, onde são realizadas as reuniões, e os momentos celebrativos.

As idosas deste grupo dançam forró, passeiam, fazem ginástica, fazem trabalhos manuais como bordado, crochê, costura, pinturas, algumas idosas fazem natação, lancham, nos encontros comemoram as aniversariantes no grupo e avaliam as reuniões, sempre com a presença de orientadores da comunidade e da Fumdec<sup>8</sup>. Sua organização é composta por uma presidente, uma secretária e uma tesoureira, que se revezam temporariamente.

As idosas participam das celebrações e procissões da comunidade paroquial, nas missas, rezas do ofício divino, nas casas dos vizinhos e visitas a outros idosos e doentes da comunidade. As idosas deste grupo acreditam nas rezas e nos símbolos populares como imagens de santos, benzeção, curas, água benta, ramos; existe aquelas que são supersticiosas quanto ao sobrenatural (medo, respeito, piedade...). As idosas também têm no rito religioso um estímulo vital encontrado nas manifestações de solidariedade com as outras idosas no grupo. Também fazem o uso das leituras bíblicas, uma forma de oração.

---

<sup>8</sup> Fumdec – Fundação Municipal do Desenvolvimento Comunitário

A oração no entender de Neri (1993), é a prática religiosa mais importante para um grupo que, ao rezar para pedir perdão, cumpre os demais objetivos da mesma. O aumento da religiosidade como reflexo do crescimento pessoal conforme o que é percebido pela maioria, está vinculado à adesão de uma relação mais pessoal com a divindade, como a maneira de lidar com o estresse.

No grupo há o compromisso pela defesa e resgate da vida; o sonho de cada uma se torna realidade. A sra. Geralda da Silva Guimarães, uma das pioneiras do setor e integrante do grupo recém-criado da terceira idade, vendo nas conquistas uma realidade, começou a convidar as pessoas para participarem do primeiro encontro do grupo, que foi realizado no dia 11 de novembro de 1993, com a presença da Ir. Alida Zanella, uma das irmãs da comunidade, mas que também faz parte do grupo. Neste encontro, levantaram-se os objetivos e se fez a organização do mesmo. A partir daí, os encontros se tornaram um compromisso semanal para todas as integrantes, sendo uma proposta de vida para as idosas.

Os objetivos foram traçados pela coordenadora, em consenso com todas as participantes do grupo, porém não existe ainda um estatuto, pois o grupo está em fase de estruturação. Alguns dos objetivos propostos para o grupo seguem abaixo:

- Proporcionar formas de vida fraterna, amigável e saudável, na busca de uma sociedade onde as idades tenham a mesma dignidade e responsabilidade;
  - Valorizar o idoso na sua caminhada, sempre num crescente;
  - Aprender a conviver com os desafios que lhes são próprios da terceira idade;
  - Construir auto-estima a partir da auto-imagem positiva para a pessoa humana;
  - Estimular no idoso o crescimento da alegria, otimismo e esperança;
  - Valorizar a contribuição de cada um, por menor que seja (sorriso e presença);
-

- Ajudar a superar os preconceitos próprios da idade;
- Criar uma nova mentalidade de valorização dos aspectos positivos do processo de envelhecer;
- Criar condições para reintegrar-se na dinâmica vivencial da sociedade e na descoberta do novo;
- Descobrir que ele é artífice de sua própria vida;
- Tomar consciência de seus dons e capacidades e colocá-los a serviço da comunidade e da missão.

### 3.2.1. O grupo de mulheres



FOTO nº 2, idosas após um de seus encontro grupal

Por quê o grupo é só de mulheres? – As idosas dizem que no grupo não há participação masculina porque os homens não querem ser incomodados, se sentem envergonhados e acham que o grupo não tem importância. As mulheres têm iniciativa, participação, pois é próprio delas se unirem mais. Francisca de Paula diz:

“Os homens só vão no grupo quando tem festa, para dançar. Meus filhos, quando eu vou para o grupo, perguntam se eu vou é para dançar, digo para eles que vou rezar”.

Por outro lado, as idosas dizem que os idosos são preguiçosos e sempre têm uma desculpa ou ocupação. Severina Ribeiro dizia: “o meu marido, quando vivo, era assim, ele dizia – ah! Eu não, tenho que fazer isso, aquilo”. Outra idosa d. Maria Antonia fala que, “o grupo é só de mulheres, porque falta nos homens pensar que não é só as mulheres que precisam de participar. Eles também ficam doentes e velhos”.

Já o depoimento de Catarina da Mata: “No grupo não há participação de homens porque eles só querem jogos, precisam criar esses jogos para eles”.

As idosas confirmam, em seus depoimentos, que os homens são machistas, mesmo sendo idosos. Para elas, os idosos, conforme Petronilia Alcântara, que diz: “ah!, lá no grupo só tem mulheres, não vou lá não”. As mulheres são mais corajosas e sensíveis, os homens mais lentos e pensam que vão ser diminuídos ao participar do grupo.

Para outras idosas a questão da ausência dos idosos neste grupo seria a falta de convite, não a preguiça, como outras haviam confirmado anteriormente. Outras dizem que os homens pensam que recebem a bênção em casa, do mesmo jeito e a ida ao grupo seria perder tempo. É melhor para eles ocupar o tempo com outras coisas que acharem melhor. Para elas, falta vontade da parte deles também.

### 3.2.2. Idade das idosas

A idade para as idosas não traz descontentamento, é sinal de maturidade, responsabilidade, pois vivem a felicidade por se integrarem à vida e à realidade vigente. Augusta Pedra diz: “me sinto muito bem e feliz na minha idade, pode me chamar como queiram, velha , idosa, de terceira idade..., estou me sentido bem, graças a Deus”. Para elas, esta idade é a melhor e vale a pena viver assim. Nesta fase é preciso que as coisas sejam sempre em favor da tranqüilidade e melhoras para essas pessoas. Assim a vida poderá ser restabelecida. Gurmecinda Vieira fala:

“Nesta fase as idosas vivem contentes porque já passaram pelos problemas. Os novos têm ainda muitos problemas. Agora, na nossa idade, temos que rezar, passear, fazer boas amizades e tudo mais que queremos... Sou muito feliz, pois tenho tudo que quero, levo uma vida normal”.

Quase todas as idosas deste grupo afirmam que são felizes nesta idade da vida. São experientes, sábias, conhecedoras e com os pés no chão; são detentoras da maturidade. Algumas ainda conseguem usufruir da vida, em particular, nos passeios, trabalhos. Conforme ainda Gurmecinda Vieira: “Eu não importo como me chamam, se de idosa, terceira idade. Lá no condomínio onde eu moro o porteiro sempre diz: cadê a velhinha? Por isso não me importo, pois faço de tudo. Limpo até o meu apartamento”. Aparecida Souza afirma:

“A minha idade, eu acho maravilhoso esta idade, tenho 76 anos, porque quando eu falo que tenho 76 anos, todo mundo admira. Falam que estou errada. Eu me sinto feliz com esta idade, sinto maravilhosamente. Hoje mesmo estive no médico, que ficou admirado, eu fiz exames do coração e ele falou: d. Aparecida, parabéns! se toda pessoa desta idade estivesse como a senhora está, todos estavam bem. De jeito nenhum me sinto rejeitada com esta idade. Se já teve alguma

discriminação, eu nem percebi. Eu ainda tenho muita força com esta idade, agora estou meio fraca de saúde, mas se Deus quiser eu vou continuar”.

Ambrosina Pires: “agradeço a Deus pela idade que tenho, 77 anos, pela saúde e por meus netos e bisnetos. A força de Deus ajudou a criar os meus filhos”.

Nesta fase da vida elas dizem que são contentes porque já passaram pelos problemas da juventude. Já Gurmecinda Vieira diz que:

“Agora na nossa idade temos que rezar, passear, fazer boas amizades e tudo mais que queremos. Eu rezo pelos meus amigos e pelos meus inimigos. Sou muito feliz, pois tenho tudo que quero, levo uma vida normal”.

Sebastiana Silva afirma que, “os mais novos não têm felicidade, não sei do seu coração, mas penso assim. Para a pessoa ter felicidade, é preciso ter Deus no coração”. Terezinha Araújo: “sei que sou muito feliz com a minha idade. Tem gente que não consegue chegar nesta idade que tenho”. Também Aparecida Souza confirma: “As pessoas quando vão ficando com certa idade, parece que elas têm mais fé”.

Para Carmosina Valverde:

“Eu penso que foi bom. Vivi muito, vi muita coisa no mundo, vi o que é bom e o que é ruim. Sirvo para dar muitos exemplos às pessoas que precisam. Eu gosto da minha vida e mais quero viver. Faço tudo para mim viver mais. Gosto de ir na Igreja, para ter esclarecimentos e também da religião, ter continuação da religião”.

Ducarmo da Paz fala que, “estou satisfeita, Deus está me dando muita saúde. Só tenho um problema nas pernas, as veias”.

As idosas não se importam com a forma como são chamadas, mas de uma coisa elas estão conscientes e dizem que, quando são chamadas de velhas com

pouco caso, elas não gostam, mas do contrário, aceitam de ser chamadas velhas, idosa, ou outra forma que usarem para identificá-las. Neste depoimento, Catarina da Mata dizia: “aceito tranqüilamente, porque sou mesmo velha. Com isso eu não quero me entregar, mas quero trabalhar até quando puder”.

O conformismo também é um dos fatores que leva as idosas ao sentimento de culpa, por tudo que fizeram no passado, conforme Fabrícia Floriano:

“Eu acho que vivi muito bem. Antes eu pensava ser discriminada, pois já estava muito velha, não prestava mais para nada. Graças a Deus me renovei. Graças a Deus a idade não é o fim da vida das pessoas. Eu me sinto uma pessoa nova, sobretudo depois que comecei a participar da Igreja. A doença é uma coisa que a gente tem que aprender a conviver mesmo. Quando a gente era mais nova fazia muita extravagância, agora a gente colhe aquilo foi feito, então a gente não pode reclamar, Deus sabe o que faz”.

Por outro lado, nesta outra entrevista observamos o otimismo para com a vida. Cecília de Castro: “a minha idade ainda tem muito valor, sou forte e quero ser forte até o fim da vida. Nesta idade, só a doença que vem. A gente vai ficando velha, mas se Deus quiser, tudo melhora”.

Hélia América afirmava que: “gosto da minha idade, não diminuo a minha idade por nada. Eu estou velha na idade, mas no meu espírito, ainda estou jovem. Hoje eu vivo contente”.

### 3.2.3. Satisfação e dúvidas das idosas

Na afirmação das idosas, as mulheres idosas e as mulheres novas são mais religiosas que os homens. Em relação à religiosidade das idosas no grupo elas não escondem a satisfação de serem mais religiosas que os idosos. Por outro lado,

elas afirmam que os idosos e idosas são mais religiosos que os mais jovens. Uma das idosas Florismar de Castro diz que: “os idosos devem ajudar os mais novos, eles sabem o caminho por onde andar; os novos só sabem viver na vaidade”. Este outro depoimento de Francisca de Paula diz: “hoje em dia, os novos não se preocupam em ir à Igreja, dizem que podem rezar em casa”. Em outro depoimento, diz Florismar de Castro:

“As mulheres idosas quando vão à Igreja rezam por elas, pela comunidade, para todos, para os padres do Brasil e do mundo, pois eles dão muitos conselhos. Os idosos quando vão à Igreja é só para espiar as mulheres”.

Essas idosas, se sentem mais perto de Deus. Por natureza, elas se sentem religiosas. Para elas, os mais jovens não sentem a mesma coisa que elas, a responsabilidade que os idosos vivem. Assim diz Catarina da Mata, integrante do grupo: “as mulheres idosas rezam e dão testemunho da vida em oração para alcançar alguma graça, a conversão do filho que está na bebida ou na maconha, entre outros”.

Alguns depoimentos mostram que hoje os mais novos são freqüentadores da religião, porém não se sabe como é a sua religiosidade. Conforme depoimento de Severina Ribeiro: “eu tenho um neto que está muito envolvido com a religião”. Já Petronília Alcântara diz: “o meu filho, por exemplo, é muito religioso, mas tem outros que vão à Igreja só por ir”. Outra idosa, Sônia Alves diz: “penso que tanto os idosos, quanto os novos, são iguais na religião”. Aparecida de Souza diz que, “os novos, não podemos censurá-los, porque hoje a mocidade tem que viver e a gente já viveu. Agora vamos viver só para fazer as coisas para não agravar a Deus. A gente não pode exigir deles”.

Elas não cansam de afirmar que são mais religiosas que os idosos, mas que esta diferenciação não pode ser analisada em relação aos mais novos. é o que



diz Aparecida Souza, “as mulheres idosas são mais religiosas que os homens idosos, as mulheres, tanto as novas quanto as idosas, são mais religiosas que os homens”.

### 3.2.4. A vida das idosas antes do grupo



FOTO nº 3, uma das integrantes do grupo



FOTO nº 4, outra integrante do grupo

Ouvindo os depoimentos das idosas, observa-se e sente-se uma preocupação com a vida, que para elas não se encontra fora do meio social ou de um grupo. A vida das idosas, antes de participarem do grupo, viviam discriminadas e sentiam-se envergonhadas diante das pessoas mais jovens que elas. O valor delas não era transparente. Muitas vezes ficavam em casa com tristeza. A depressão e a doença eram sinais que atormentavam constantemente, em relevância de comodismo e sem criatividade. Viam-se numa total limitação. Assim diz Fabrícia Floriano.:

“Eu era uma pessoa envergonhada, ficava sem graça de conversar... Antes eu sentia desprezo, pensava que as pessoas me olhavam com pouco caso... Eu acho que vivi muito bem. Antes eu pensava ser discriminada, pois já estava muito velha, não prestava mais para nada”.

Para as idosas, o mundo, que deveria ser aberto, de perspectivas e de novos horizontes era obscuro, pouco participavam da realidade, das coisa boas da vida. A dependência ocasionava-lhes tristeza. Assim fala Augusta Pedra no seu depoimento: “a minha vida era muito triste, parece que não tinha saída para nada”. Cecília de Castro diz: “a vida parece que era escura”.

As idosas sentiam-se na dependência dos maridos causando medo, acomodação, ciúmes e prendendo-as da participação na sociedade e na Igreja. Os maridos eram impostores com o machismo, quando não se faziam de doentes. Diz Mercedes dos Prazeres:

“O meu marido era ciumento, com isso, eu não saía de casa, a não ser com ele, eu não participava de nada. Quando ele faleceu, tive que me virar, trabalhar para manter as despesas de casa. Sofri um problema sério na coluna, nisto fui impossibilitada de trabalhar”.

Hélia América fala: “eu tinha o meu esposo, que era muito doente, me prendia muito em casa”.

As dificuldades encontradas pelas idosas, muitas vezes são conseqüências de uma convivência familiar mal-sucedida, ou de um moralismo sentimental, que parece ser infinito para elas e que também causava barreiras para uma integração grupal. Vejamos nestas entrevistas: Cecília de Castro,

“a vida parece que era escura... Eu passei muitas dificuldades, uma delas, foi a minha filha, que arrumou um filho sem casar. Fiquei muito arrasada, parece que até hoje estou meia boba, mas está passando”.

Ambrosina Pires,

“a dificuldade que tinha era ficar constantemente dentro de casa, ficava aperreada, parece que nada era bom, eu fiquei

viúva com 33 anos, com 5 filhos, a mais nova tinha 15 dias.  
Foi aquele sufoco”.

Para outra idosa, a falta de grupos de terceira idade faz com que as pessoas idosas não encontrem um caminho de liberdade, pois para elas, viver fora do grupo é encontrar, em sua porta, as dificuldades e as barreiras para a não felicidade. Segundo Hélia América, “a dificuldade era grande, pois os grupos de terceira idade começaram há pouco tempo”.

As idosas viúvas ou sem maridos sofrem também sérios problemas de saúde, impossibilitando-lhes o trabalho físico. São intranquias, solitárias e às vezes não têm companhia nem amizades, mas são de fé.

Apesar das dificuldades enfrentadas pelas idosas, antes de participarem de um grupo elas ainda encontravam disponibilidade para o trabalho, uma forma de preencher o tempo e sair do vazio. Para isso, tinham que se sujeitar aos trabalhos pesados, às vezes para ajudar também no orçamento familiar e na própria aposentadoria, sobretudo as idosas viúvas. Aparecida Souza fala,

“Eu trabalhava numa fábrica, então eu não tinha tempo de participar. Mas era bom também, porque eu cuidava da minha mãe, do meu marido e tinha muita participação na Igreja. Era bom, tinha passeios para mim, foi uma maravilha. Eu tinha uma vida boa, eu trabalhava e vivia sadia”.

Gumercinda Vieira também diz:

“Eu fui casada, fiquei viúva, com isso passei muitas dificuldades. Eu tenho um filho que trabalha para ajudar em casa. Eu sou aposentada, mas também trabalho e com muito sacrifício caminhamos”.

Uma das grandes preocupações das idosas, na maior parte de suas vidas, é dar sentido à própria vida, mas para isso há necessidade de preencher o

tempo com alguma atividade. Segundo Terezinha Araújo, “antes do grupo a minha vida não tinha sentido, não tinha uma atividade para preencher o tempo”. Carmosina Valverde atesta que:

“A minha vida antes do grupo era mais apertada, eu não descansava, para mim não ficar à toa capinava o cercado e limpava. Então a gente vivia sempre doente e cansada, porque não tinha para onde ir...Eu sofria muito antes do grupo, porque eu trabalhava em serviços pesados e ficava adoentada. Os filhos iam trabalhar, eu ficava sozinha e não tinha para onde ir”.

Em conseqüência de todas as dificuldades e desafios que as idosas enfrentavam, sem participar do grupo, a vida para elas, era um caos profundo. Dominadas pelo destino da idade avançada, da doença, preconceitos, discriminações, desconfiança e do próprio sentimento de culpa que é comum nelas, ficavam impossibilitadas de um compromisso com o mundo e com as outras pessoas com quem convivem.

### 3.2.5 Um grupo religioso



FOTO nº 5, integrantes do grupo Recanto da Alegria

A religião é a característica fundamental de solidariedade do grupo Recanto da Alegria. Ela é solidária, porque esta solidariedade é fruto de um mesmo pai – Deus, de uma mesma doutrina cristã no pensar e no viver, do mesmo culto católico, da comunhão na interação da própria vida e de uma ética comportamental com o mundo e com Deus. A religião é o ponto alto da plenitude da vida, da satisfação e tranqüilidade. O grupo de idosas é católico. Assim diz Carmem Oliveira:

“A religião é muito importante, Nossa Senhora! Eu gosto demais... Para mim é uma coisa maravilhosa. Peço a Deus todo dia que não mude o meu pensamento, me deixe sempre na religião que estou, o catolicismo”.

A importância da religião se dá muitas vezes pelo conhecimento da Palavra de Deus, porque aprendem a respeitar as outras pessoas, sobretudo as idosas de outras religiões, com suas idéias, riquezas e desafios. Diz ainda Carmem Oliveira: “...sem a força de Deus não somos nada... não vencemos”. É através da religião que as pessoas se tornam esclarecidas da importância de Deus em suas vidas. Para Genoveva Alves a distância não é barreira para se viver a religião: “eu ouvia as missas pelo rádio, na época a Rádio Difusora de Goiânia, quando eu morava na roça. Eu pedia a meu Deus que me desse um jeito de morar perto de uma Igreja”. Severina Ribeiro responde:

“A religião é muito importante na minha vida, ela me anima. Eu tenho muita fé em Deus. Peço todos os dias a Ele por minha família e para mim. Quando tem um doente em casa, a gente faz orações a Deus para a recuperação da saúde”.

A religiosidade, o sobrenatural protegem e ajudam muito na superação de fatos que marcaram a vida das pessoas. Foi o que aconteceu na vida destas

idosas. Para Carmem Oliveira, a religião ajudou muito na cirurgia que fez há cinco anos pois recebeu muitas graças. Pela religião superou traumas que tinha. Ela pedia a Deus que lhe desse coragem, “o Senhor vai me ajudar!” Francisca de Paula fala também desta experiência: “a religião me ajudou na cirurgia que fiz... graças a Deus estou melhorando rapidamente”. Ruiva Cândida dizia também: “o que mais me marcou com a religião foi a doença do meu marido. Fui a Trindade e roguei ao Divino Pai Eterno para que curasse o meu marido dos desmaios, foi curado”. Sônia Alves fala: “a religião me ajudou para conseguir comprar uma casa. Eu implorei muito a Deus através de orações, novenas e consegui. Lá criei os meus filhos... É Deus que está do lado da gente”. Augusta Pedra diz:

“Meu filho era muito rebelde, ele já sofreu dois acidentes, mas pela religião não morreu. Eu rezo muito, entrego a Deus a vida do meu filho. Peço a proteção e que Deus tome conta dele. Eu acredito que tudo isso é a religião”.

São alguns fatos marcados pela confiabilidade, um sentimento de fé, ou a busca do sagrado, na superação de um determinado problema. Isto pode acontecer em outros fatos, como na recuperação da saúde de uma pessoa, no resgate de um bem material ou um desejo a realizar na vida da pessoa. É a superstição? É a confiança? É a fé? Não podemos indagar os sentimentos pessoais, psicológicos e mentais de cada ser pensante, sobretudo na fase da velhice.

Também se vê nas idosas uma veneração de fé incontestável aos santos, no sentido de resolver problemas pessoais. É o que diz Gumercinda Vieira:

“A religião me ajudou muito, sou devota de Santo Expedito, tudo que peço para ele, recebo... Estávamos sem dinheiro, sem negócios, o meu filho estava desempregado. Fazia concursos e mais concursos, passava, mas não era chamado. Por fim ele passou em um concurso de fiscal, foi chamado e está agora trabalhando, graças a Deus”.

Para as idosas, Deus realiza coisas boas e incontestável. Veja o caso desta idosa que Ele ajudou-a encontrar a paz do filho, que vivia em conflitos com os colegas. Sebastiana Silva atesta:

“Eu estava com um problema sério, o meu filho tinha um desentendimento com um colega, mas agora ele está bem, graças a Deus. Jesus ajudou que agora eles estão se entendendo. Tudo isso é prodígio de Deus”.

Augusta Pedra diz que, “a gente sem a religião não é nada. A religião ajuda em tudo. Tudo que vou fazer, peço primeiro a Deus para ajudar, até na minha comida”.

A experiência religiosa das idosas, por vezes é atribuída e adquirida dos seus pais, com conselhos e convivência, no passado. O que elas aprenderam continuam repassando para os mais novos. Maria Antonia diz que “ser religiosa é uma tradição que vem dos pais, a gente aprendeu com eles e isto a gente continua”. Assim a religião é para Florismar de Castro: “dou muitos conselhos aos meus netos, todas minhas colegas e todos os que precisam de um bom conselho pela religião”. Fabrícia Floriano: “...eu sou católica desde quando nasci, com ela a gente consegue. tudo que a gente pede, com fé”.

A religião é um sinal de alívio e conforto na realização de sonhos, mesmo que seja uma utopia para muita gente, mas que para as idosas continua sendo satisfação realização pessoal e preparação para a vida. Confirma estas entrevistadas Juvecina Alves, “a religião me ajudou a recuperar tudo o que eu achava que não dava certo na minha vida. Ela ajudou a enfrentar os problemas do mundo”. Carmosina Valverde diz que “a religião é uma preparação para a vida da gente, para a gente estar com Deus. Se a gente não tem uma preparação, não está contrito, fica em vão”. Hélia América:

“A religião é uma vida, para a gente seguir, ser fiel e fazer tudo que é possível. A religião me ajuda muito. Me dá força, dá coragem, dá tranquilidade, dá paciência, tudo que aflige a gente, é a religião que ajuda muito”.

Florismar de Castro diz: “quando vou à Igreja, sempre à noite, no outro dia amanheço com uma força, isto por causa da religião”. Afirma Petronília Alcântara:

“Eu tenho uma neta que foi batizada e nunca quis fazer a primeira Eucaristia nem a Crisma. Eu rezei bastante, pedindo a Deus para que ela fizesse a primeira Eucaristia e a Crisma... Mas, só dela realizar os meus sonhos já foi uma graça concedida por Deus”.

A força religiosa que essas idosas conservam ajudam-nas na recuperação dos problemas e desafios diários. Unidas e solidárias conseguem resolver suas necessidades com paciência e tolerância na vida. Vê-se no depoimento de d. Aparecida de Souza: “a religião é a força de Deus para mim. Se eu não for à Igreja ou na comunidade, não me sinto feliz”. Também Maria Antonia diz:

“Se a gente não tivesse religião a gente não iria participar do grupo e nem da Igreja. Na minha vida, sempre fui católica. Eu morava na roça, que era muito difícil participar das coisas. Toda vida a gente sempre caminhava para as missas. A gente sem religião, sem as coisas de Deus, não temos condições de viver”.

Aparecida Souza:

“A religião ajuda em tudo, pela fé e pelas coisas que já passei. Eu tenho vencido tudo pela minha fé e pela religião. Eu acredito que Deus me deu aquilo que ele sabe que eu vou resistir. Isso tudo é por que eu tenho religião; se não eu rejeitava tudo. Eu passo tantas coisas, mas estou aceitando tudo”.



Para Ambrosina Pires diz: “eu levo a minha vida do jeito que entendo. A gente não pode ficar sem Jesus. Tentei ficar fora da Igreja por um tempo, não me dei bem”.

A religião é também para as idosas a solução e a superação de uma rivalidade, segundo diz o provérbio popular: Deus ajuda a uns e despreza a outros; quem não está com Deus sofrer o castigo por causa das maldades”. Cecília de Castro diz:

“A minha religião é a católica, que me faz muito bem, eu tenho muita fé com a religião católica. A religião me ajudou a superar a separação do meu marido, que me largou, então apeguei em Deus. Eu venci e ele está sofrendo, porque ele não pegou na mão de Deus”.

Como se pode ver, é pela força da religião que se suporta tudo, mesmo que as idosas se submetam a sacrifícios constantes, mas que em nome da religião e de Deus são protegidas, abençoadas e encorajadas.

## CAPÍTULO IV

### 4. AS IDOSAS DEPOIS DE SUA PARTICIPAÇÃO NO GRUPO



Foto nº 6 - Grupo Recanto da Alegria: solidárias

O grupo para as idosas é o habitat de solidariedade e de vivência comunitária, onde elas vivem a fraternidade com os mesmos problemas, sentimentos e busca de objetivos comuns, que pelo individualismo e egoísmo no mundo, elas não sobreviveriam, com a dignidade e sobriedade de paz, que elas vivem dentro do grupo.

Todas as idosas dependem da convivência grupal para a sua satisfação. No grupo, todas se sentem à vontade em estar com as amigas, conversar, fazer uma coisa ou outra. Além da religião e suas práticas, as outras coisas boas para elas são as danças, ginástica, o lazer, pinturas e trabalhos manuais é para elas uma forma de diversão e passatempo. O grupo é um habitat de solidariedade; todas se sentem dignas, sóbrias e em paz. Fala Antonia Severina:

“Às vezes estou em casa aperreada, digo não eu vou no grupo para juntar com as velharadas... velharadas não, nós

não somos velhas! Somos mais que novas. Quando estou no grupo, nossa! eu estou bem, a gente se diverte. No grupo temos uma amiga, a Paixão, que é fora de série. Temos também a dona Rosa e muitas outras idosas, todas elas são muito boas comigo”.

Ao participarem do grupo, elas sentem uma grande felicidade, uma força invencível, dos valores e da igualdade. O grupo para elas, serve como estímulo, orientação e integração para enfrentarem os problemas da vida. Favorece para o conhecimento das verdades e das capacidades de partilhar as angústias. Como vê Raimunda de Souza:

“Às vezes eu pensava que o meu problema era maior que o problema das outras. De repente, quando a gente começa a conversar com as outras colegas, vê que o problema é menor que os delas. A outra tem um problema mais grave”.

O grupo favorece o conhecimento das capacidades das idosas, algumas até se interessam pelos estudos, que vá desde o primeiro grau ao curso na faculdade de terceira idade. O interesse pela vida nova é resguardado na integração do grupo. Assim diz ainda Raimunda de Souza: “foi através do grupo e da religião que comecei a melhorar, interessar pela vida. Hoje me sinto capaz de sentir o que quero na vida”.

Por outro lado, acontece que algumas idosas são impossibilitadas de estar nas reuniões do grupo, pois já estão com a idade avançada ou com uma doença. É o caso desta senhora de 85 anos de idade, que fala Genoveva Alves, “gosto muito de ir no grupo, mas agora estou adoentada e a cabeça não dá mais para lembrar dos dias das reuniões”.

O convite de participação ao grupo sempre foi feito como forma de comunicação oral, mas muitas vezes precisa de um incentivo mais caloroso, por parte das integrantes. Diz Severina Ribeiro:

“Dona Clarinda, uma das integrantes do grupo, me convidou para participar do mesmo. Eu fui e gostei. Lá a gente conversa, apesar que eu não sou de muito papo. Eu não dou conta de dançar, mas ajudo nos bordados. Rezamos o Pai Nosso, a Ave Maria, oferecemos a Deus pelas colegas que estão doentes e todas as outras”.

Sônia Alves diz:

“Fui convidada pela irmã Palmira para participar do grupo de terceira idade e comecei a participar. Lá nós bordamos, temos muitas atividades no grupo, tenho até certas regalias. Hoje me sinto de vida nova, eu não sou mais aquela de antes, quero viver a vida. A gente trabalha com a comunidade e vive maravilhosamente, coisa que eu não tinha no meu passado”.

Carmosina Valverde também diz:

“Então depois que fui no grupo, tenho uma preocupação: Vou lá fazer um bordado, conversar, vou ouvir umas palestras. O que eu sei passo para as outras; o que elas sabem passam para mim. Para mim foi uma diversão, é muito bom. Eu cresci, foi um crescimento”.

Viver em grupo pode transformar a vida de uma pessoa dominada pela monotonia, medo, desinteresse da vida e indisposição pessoal. O grupo ainda ajuda a alertar e se torna uma opção de realização e celebração da vida. Petronília Alcântara diz: “ah! como estou feliz...! Me sinto mais feliz que na fase da juventude. Quando tinha 15 anos, parece que qualquer coisa desabava o mundo, agora não”. Amazonina do Prado também diz: “depois que comecei a participar do grupo foi muito bom, agora me sinto outra. Estou me sentido ótima”.

As amizades, os exercícios psicológicos e mentais, o respeito e o acolhimento são encontrados no grupo como novidade social e diferente até mesmo de um ambiente familiar. Diz Terezinha Araújo:

“Nos dias de reuniões eu fico ansiosa para ir, porque lá, encontrei tudo para minha vida. É toda a minha razão de ser. Graças a Deus, ainda encontro forças para participar do grupo, pois faz parte da vida”.

O grupo é para as idosas um complemento familiar. Elas se sentem acolhidas, sentimento que outrora, fora do grupo, não era vivido por estas senhoras, como a dignidade de vivência em comunidade grupal, de amigas e irmãs fraternas. Florismar de Castro falava na entrevista: “hoje vivo tranqüila, porque estou com as minhas colegas. O grupo me acordou, isso é uma maravilha”. Petronília Alcântara diz: “agora, depois do grupo, me sinto muito bem no meio da turma. Eu gosto de estar conversando com o grupo às vezes a gente até passa as dores”. Confirma Aparecida Souza:

“Este grupo para mim é tudo, eu participo dos outros grupos, mas parece que por este tenho mais amor, porque é da comunidade e todos são bons, as mulheres são todas minhas amigas. Este grupo eu acho maravilhoso e gosto mesmo”.

Carmosina Valverde fala: “o grupo ajudou a me libertar. Hoje tenho vida. Eu sinto vontade de ir pro grupo, encontrar com as amigas para conversar com elas”. Para Fabrícia Floriano: “no grupo eu peguei amizade com todo mundo, converso, sorrio..., mudou muito a minha vida”. E também Cecília Castro:

“Dentro do grupo a gente encontra muitas colegas da mesma idade, que tem os mesmos assuntos, então a gente começa até a melhorar... Eu gostei demais do grupo, para mim, todas são minhas irmãs. O grupo é muito importante para mim. O grupo me ajuda a viver mais, me ajuda a aceitar a idade”.

Vemos então que as idosas são muito livres para fazer o que bem querem, entre elas há solidariedade profunda, o que as ajuda constantemente no dia-a-dia. Petronília Alcântara afirmava que “os idosos são mais contentes que os mais

novos, porque já se realizaram na vida”. A felicidade das idosas, ao se sentirem acolhidas, vivenciarem a irmandade e suas amizades como virtude do próprio grupo é tamanha. Diz Florismar de Castro: “hoje eu vivo tranqüila porque estou com as minhas colegas”. No grupo há liberdade de expressão e solidariedade, fatores essenciais que ajudam as idosas no dia-a-dia no grupo.

Muitas idosas que participam do grupo dizem que as coisas se tornam mais fáceis e se aproximam mais de Deus, ajudando a suportar a doença e a velhice. Conforme depoimento de Ruiva Cândida:

“... mas depois que passei a freqüentar o grupo rezo mais. As coisas ficaram mais fáceis e mais perto de Deus. Eu deixo os afazeres de casa para ir ao grupo. Lá aprendo muitas coisas, sobretudo a entender e a aceitar a velhice com paciência e compreensão. É como diz um compadre meu – a saúde da gente é muito importante, mas a velhice é uma doença. A pessoa vai ficando velha, aparece tanta coisa...”

A vida das pessoas, muitas vezes é marcada por sinais que fazem gerar sentimentos de força e vontade para continuar a vida. O grupo é para muitas idosas um eterno aprendiz, que deixa de lado a ignorância e as incompreensões. Vivem seguras de si e da confiança em Deus. As idosas são ansiosas pelo grupo, pois é nele que elas reencontram uma ocupação vocacional de liberdade, amizade, exercícios psicológico e mental, de compreensões, respeito e acolhimento não porque em casa não usufruem destes dons, mas porque o grupo é uma realidade diferente, é uma novidade social e familiar. Vejamos o que Terezinha Araújo diz: “nos dias de reuniões eu fico ansiosa para ir, porque lá eu encontrei tudo para minha vida. É toda a minha razão de ser. Graças a Deus, ainda encontro forças para participar do grupo, pois faz parte da minha vida”.

As idosas crescem juntas e se colocam iguais umas com as outras. Elas têm quase os mesmos problemas e dificuldades, mas querem caminhar juntas. O grupo para elas se tornou uma fundamentação de vida tão importante, que quando faltam nas reuniões, ficam tristes. Antonia Severina diz que: “me sinto muito bem no grupo, às vezes que não vou fico triste”. Sebastiana Silva fala: “eu participo do grupo somente para divertir e sair da solidão, pois em casa já faço de tudo: lavo, passo, sou a mulher e o marido, pois ele está adoentado”.

#### 4.1. Práticas Religiosas



FOTO nº 7, um dos rituais vivenciados pelas idosas

Essas práticas não são específicas do grupo “Recanto da Alegria”, mas as mesmas ajudam-nas na vivência cotidiana. As idosas dependem deste tipo de práticas religiosas para se manterem solidárias.

Vê-se que há as correlações possíveis entre o comportamento religioso presente entre as idosas e a riqueza, a qualidade, a intensidade, que tem como conteúdo o sagrado lembrado nos ritos, nos lugares, nos objetos, nas rezas e nos símbolos. Será a base imaginativa religiosa vivenciada nos rituais tradicionais, nos espaços sagrados ainda cultuados e nos objetos, que dão um significado sagrado a estes espaços, que agem como variáveis determinantes à postura teórico-prática tanto do comportamento religioso quanto do comportamento ateu?

As práticas religiosas são exercidas pelas idosas como ponto alto da sua vida. Deixar de realizá-las significa a perda de um sentimento, na culpa e no abandono por parte de Deus.

#### 4.1.1 As missas



FOTO nº 8, templo católico onde as idosas freqüentam



A missa, para elas, são extraordinárias, de valor, e servem para todos os efeitos de qualidade da vida. Ela traz prosperidade, felicidade, salvação da alma e o perdão dos pecados. Assim diz Carmem Oliveira que: “a missa para mim é algo de extraordinário. O domingo que eu não vou à missa parece que sinto mal a semana inteira”. Outra idosa, Augusta Pedra, diz: “quando falto às missas fico muito triste”. Conforme afirma também Aparecida Souza:

“É a coisa mais boa que tem. Todo domingo, quando eu não vou à missa, parece que falta tudo. A missa ajuda em tudo, aumenta a fé da gente e faz com que a gente possa ajudar os outros. A missa para mim é uma tradição, porque eu sempre participei”.

A missa faz a pessoa se sentir pura e aliviada dos problemas diários. É o que diz Ruiva Cândida: “a missa das 6 horas da manhã, das sextas-feiras, faz tão bem, parece que volto para casa maneirada, leve e aliviada”. Terezinha Araújo dizia: “gosto de participar das missas da quartas-feiras, sobretudo na quaresma, das procissões”. Fala Ambrosina Pires que “a gente vai às missas e volta com o coração aliviado, parece que vem com o coração amarrado e depois da missa desamarra. A gente sai da missa e deixa muitos pesos para trás”.

Em alguns momentos, as idosas não conseguem participar ativamente das missas, em virtude dos problemas físicos e da idade. Antonia Severina diz que “as missas, às vezes eu falho, porque tem vezes que não durmo de noite e quando é no outro dia, bem cedo, dá vontade de dormir, por isso não vou sempre às missas”.

Amazonina do Prado fala: “quanto às missas, eu sou faltosa, às vezes passo até meses sem ir à Igreja”. Severina Ribeiro dizia que os trabalhos de casa impedem de ir à Igreja. “Eu não vou muito à Igreja porque me envolvo com os

afazeres de casa e não me sobra tempo. Às vezes, quando tenho necessidade, eu vou”. Maria Antonia diz que “a coisa melhor que sinto é ir para a Igreja”.

A missa para algumas idosas consiste em aprendizado, que adquirem e repassam ensinamentos para os outros que não vão à missa, que é para elas sinal de vida. Assim diz Carmosina Valverde:

“Acho bom e aprendo muito com a missa, porque muitas vezes a gente vai e, não prestando atenção, vai mas não aprende. Na missa a gente aprende a passar para os outros, muitas coisas importantes. Eu vou às missas porque tenho fé. Eu lembro da Igreja com sentido no que está acontecendo dentro da Igreja”.

A integração grupal influencia a participação das idosas nas missas como atividade religiosa diária ou semanal. Nestes depoimentos Florismar de Castro diz: “eu adoro as missas, aprendo muitas coisas. A gente era católica, mas não entendia bem, agora entendo melhor”. Para Hélia América “a missa é a nossa vida, é sempre bom estar junto com Jesus, ouvir a sua palavra, é muito importante”.

#### 4.1.2 As rezas

Elas se empolgam com as orações, sobretudo a oração do terço em família, o Pai Nosso, a Ave Maria, o Credo e a leitura da Bíblia. Confirma Antonia Severina: “gosto muito de rezar, às vezes eu não sei rezar sozinha, mas quando as outras estão rezando eu acompanho. A reza para mim é tudo”. As idosas se encontram de uma a duas vezes por semana na casa de uma delas para rezar. As rezas para elas servem de proteção e bênçãos. Para Florismar de Castro “as rezas

servem para perdoar a nós, as famílias, a comunidade, o padre, o mundo, serve para defender dos males e trazer felicidade aos céus”. Também Carmosina Valverde diz:

“Acho bom, embora eu não sei rezar muito. Eu rezo as orações mais comuns: o terço, gosto de rezar, não sei dormir sem fazer minhas orações; não sei levantar sem rezar e qualquer hora, eu estando sozinha, eu estou rezando, estou pedindo a Deus por uma coisa ou outra, rezo um Pai Nosso, uma Ave Maria”.

As rezas além de ser sinais de alívio e proteção, resolvem também problemas pessoais, com a graça, em especial, para alguma dependência de vício. Vejamos: Fabrícia Floriano,

“quando rezo me sinto muito aliviada. Eu rezo um Pai Nosso com uma Ave Maria, o Creio em Deus Pai, o terço. Eu recebi uma graça muito grande, o meu Marcelo bebia demais da conta, mais de dez anos que ele bebia. Rezava desde as 4 horas da manhã todo santo dia para a Virgem Imaculada. Hoje ele não bebe mais. É outra pessoa”.

As rezas são praticadas durante todo o ano. No tempo da quaresma e no tempo do natal fazem encontros específicos, com subsídios, leituras bíblicas e comentários das leituras com a participação de todos os presentes. Uma das idosas, Maria Antonia, dizia: “nós rezamos o Pai Nosso de mãos dadas, agradecendo a Deus pela reunião, pois todas nós estamos com saúde”. Num outro depoimento Cecília de Castro diz “a gente reza o terço, se reúne no tempo da Campanha da Fraternidade. Eu sou da Renovação Carismática. Para mim, tudo me enriquece”.

#### 4.1.3. Água



benta

FOTO nº 9, ritual da água benta com algumas idosas

Para esse grupo a água benta tem uma finalidade de cura e bênção, serve para acalmar nervosismo e proteção da saúde, assim como guardar uma casa e aliviar as dores. A água também serve para dor-de-cabeça e, tomando-a serve para mal-estar no estômago. Vemos neste depoimento de Antonia Severina que “às vezes estou com uma dor, passo água benta, parece que alivia mais. Eu me sinto bem; é a fé que a gente tem”. Para Genoveva Alves “quando eu estou com problema, lavo o rosto, tomo um pouquinho”. Francisca de Paula diz que “a água benta serve para curar uma doença, tomo um pouquinho e a dor passa. Tenho água aqui da Paróquia e também trazida de Aparecida do Norte”. Nestes depoimentos: Aparecida Souza,

“às vezes eu falo quando tem algum problema, a gente olha a água benta. Ela é um remédio. Eu também acho uma maravilha. Eu tomo essa água benta diariamente, vivo quase só tomando água benta. Eu sei que todas águas são bentas por Deus, mas parece que a que a gente leva na Igreja vale mais”.

Outra idosa Florismar de Castro, diz que a “água benta é muito bom. Às vezes eu estou sentindo mal, tomo daquela água e a dor passa. É um remédio”. Para Hélia América,

“a água é muito boa. A pessoa que crê em Deus, que tem fé, a água para mim é um remédio. Eu quando tomo ela, logo

penso em Deus, que a água seja um remédio para curar todos os males do meu corpo, quando eu tomo”.

Ambrosina Pires diz: “tomo ela, passo nas dores, uso um algodão para espalhar no corpo, ela é um remédio”. Para Ducarmo da Paz “às vezes eu falo quando tem algum problema, gente olha a água benta! Ela é um remédio”.

Além de água benta curar, benzer o corpo e dar saúde, na concepção das idosas traz conforto e confiança em Deus. Assim confirma Petronília Alcântara: “serve para curar as minhas pernas e aumenta a minha fé, pois Jesus deu o poder aos padres para abençoar a água”. Algumas idosas usam da água benta até para colocar no filtro de água para depois beber. Vê-se neste depoimento de Rita Alegre: “às vezes coloco um copo com água em cima da televisão para ser abençoada, sempre às 6 horas da manhã, na missa”.

Uma das idosas entrevistadas diz que o simbolismo da água benta é uma coisa muito boa e sempre precisaremos destes símbolos, com sua significância, para preservar a fé, que desde criança receberam dos pais e da própria religião. Assim diz Raimunda de Souza: “me lembro, no passado, da morte de Cristo e ressurreição. Essas recordações me ajudaram a superar a depressão, isto foi pela fé”. Nisto vê-se um significado cultural e religioso adquirido pelo ser humano, das gerações passadas, dos pais e dos avós. Assim diz Carmosina Valverde: “tenho muita fé na água benta, porque ela é benta, foi a água do batismo. É uma água sacramentada. A água liberta, tira muitas coisas que nos perseguem” .

Cecília de Castro também diz: “tenho muita fé, quando estou doente jogo na casa e dou para os filhos beber. Sempre tenho água benta em casa”.

#### 4.1.4. Os ramos



FOTO nº 10, celebração da missa de ramos com a presença de algumas idosas

Assim como a água benta, os ramos também para as idosas têm um significado especial, pois servem como controle sobrenatural das chuvas, temporal, trovoadas e relâmpagos. Os ramos, assim são abençoados nas missas de ramos na Igreja, depois levados para casa; são queimados quando necessitam. Na concepção dessas idosas a fumaça e as cinzas dos ramos queimados ajudam a acalmar a tempestade.

Conforme os depoimentos a seguir, Petronilia Alcântara diz que “acredito muito. Gosto de guardar os ramos. Quando vem vento forte eu queimo e jogo para que aquela ventania forte passe”. Aparecida Souza diz: “quando vem uma chuva brava, a gente faz um foguinho e põe ele para sair uma fumaça, para acalmar a chuva braba, um vento”. Fabrícia Floriano fala que o ramo “serve para livrar de um vento forte. A gente acende uma vela benta, queima um pouquinho do ramo”. Enquanto que Cecília de Castro diz que “os ramos a gente faz chá, guarda, acho muito bom o ramo bento”. Hélia América: “A gente pega os ramos e cruza eles, para evitar uma chuva forte”.

É freqüente também entre as idosas o uso da simbologia dos ramos bentos, pois no entender delas, os ramos servem como controle sobrenatural das chuvas, temporal, trovoadas e relâmpagos. Os ramos, depois de abençoados, uma vez por ano, por ocasião da Missa de Ramos, na semana santa, são queimados depois de velhos, e as cinzas e a fumaça do fogo ajudam a acalmar as tempestades ou temporal conforme Ambrosina Pires:

“Se tem uma chuva com vento forte eu jogo um ramo no terreiro. Quando passa a chuva eu guardo o ramo de novo... os velhos eu queimo e espalho as cinzas sobre as plantinhas. Eu peço para Jesus abençoar o meu terreiro”.

Os ramos para as idosas também servem como remédios, para abençoar e fazer chá para curar incômodos. Assim diz a idosa Terezinha Araújo: “Desde criança uso os ramos como significância”. Outras dizem que os ramos são devoções que protegem, que dão força e segurança. Portanto, os ramos são de muito valor, sobretudo pela segurança e felicidade como crença obtida nesta simbologia. São tidos como herança conservada dos pais e aliada a uma cultura religiosa católica. Alguns depoimentos: Aparecida Souza: “os ramos têm um

significado importante... pra mim é a coisa mais boa que tem.. Os ramos são uma tradição dos antigos, eu acho que vale, porque eu tenho fé”. Carmosina Valverde diz: “os ramos eu trago para casa, às vezes quando estou sentindo alguma coisa pego aquele raminho e me benzo com a água. Eu acho que o ramo é bento, pois celebrou a missa com ele”.

Fabrcia Floriano fala que os ramos “são uma bênção da Ressurreição de Jesus”. Cecília de Castro diz que todo ano manda benzer os ramos e que sempre tem ramos em casa. Para ela é uma devoção de fé, porque acredita realmente. Diz Hélia América: “a gente tem uma fé tão grande naqueles ramos, na hora de uma situação grave, de uma aflição”. Também Ambrosina Pires ressalta: “eu guardo aqueles ramos... Quando vence o ano, levo novos ramos para ser abençoados”. Esta outra idosa Ducarmo da Paz, falava que os ramos “servem muito, às vezes faço um chá ou eu pego um ramo daqueles e fico com ele na mão para passar a dor”.

Tudo isso tem a ver com a vida das idosas que participam do grupo. É visto que o grupo tem muita influência na vida religiosa e nas práticas, na Igreja.

#### 4.1.5. Apostolado da Oração



FOTO nº 11, idosas no Apostolado da Oração, em romaria



Com a integração no grupo, muitas idosas se interessaram pela participação em outros grupos religiosos, em especial o Apostolado da Oração. O Apostolado da Oração não é uma prática do grupo, mas que para elas tem um significado vital, pois pode complementar o entrosamento fraternal e comunitário em relação às outras práticas religiosas realizadas dentro do grupo no qual elas são membros ativos. Maria Antonia diz que o “Apostolado da Oração... coisa maravilhosa. As pessoas que vão lá acham muito bom. Lá a gente reza pelos doentes, por todos, é muito maravilhoso”.

O Apostolado da Oração tem como objetivo, por meio de orações e súplicas, constituir a união dos fiéis e que, por meio de oferecimento cotidiano, possam edificar também o Corpo de Cristo. O Apostolado da Oração tem como proposta o Sacrifício Eucarístico e preparar os fiéis para a vida cristã, para o apostolado.

As idosas se sentem envaidecidas, orgulhosas, por participarem de outros grupos além do grupo de que elas já participam. Isso também pode ser influência religiosa. Augusta Pedra diz que “eu participo do Apostolado da Oração, lá nós rezamos, participamos dos encontros, vamos em outras comunidades. É muito importante”.

Francisca de Paula: “estou no Apostolado da Oração e me sentindo bem, graças a Deus. Neste grupo nós rezamos e conversamos”. Mercedes dos Prazeres: “a religião influencia muito, tanto é que agora estou participando do Apostolado da Oração”.

Quando as idosas ainda não são integrantes do Apostolado da Oração elas vão participar, porque são convidadas, como visitantes. Antônia Severina falava:

“eu não pertença ao Apostolado da Oração, mas participo das reuniões organizadas pelos seus integrantes, isto porque sou convidada”.

#### 4.2. Práticas sociais das idosas no grupo



FOTO n.º 12, idosas iniciando as práticas sociais

Assim como as práticas religiosas, também as práticas sociais são para as idosas, como forma de realização cotidiana. Elas se sentem úteis em fazer algo pela sua integração grupal, com sua parcela de ajuda para a sociedade.

##### 4.2.1. As visitas aos doentes e idosos

As idosas que participam deste grupo fazem visitas domiciliares em pequenos grupos. Elas se juntam para visitar outras pessoas idosas e doentes, mesmo as que não participam do grupo. As visitas são importantes para elas porque levam a felicidade e alegria aos visitados. Elas são valorizadas e estão sendo úteis, em levar uma palavra de conforto, amiga. Cada uma que visita tem o doente ou idoso como membro da sua família. Vejamos alguns depoimentos: Carmem Oliveira:

“Eu sinto tão bem, aquele amor às pessoas visitadas, parece que a felicidade delas vem de dentro, aquela alegria. Sempre pedia a Deus que me desse algo para fazer em benefício dos outros. Um trabalho que me sentisse bem e participasse da alegria dos outros. Eu fui visitada quando estava operada. Senti muita felicidade quando as pessoas vinham me visitar. A gente se sente feliz vendo outra pessoa feliz”.

Carmosina Valverde:

“Uma visita é muito boa. É uma alegria para aquela pessoa visitada. Ela fica lá doente, inclusive eu mesma, quando vinham fazer uma visita para mim, ficava alegre, achava bom. A gente conversa com as pessoas, passamos coisas de Deus para elas. Ajuda a conservar a fé da gente”.

Hélia América:

“As visitas que faço são tão gratificantes. Quando o meu filho mais velho faleceu fiquei numa situação ruim dentro de casa. A irmã Álda me convidou para fazer visitas e isto me ajudou demais, me confortou muito, precisa de ver, foi muito bom”.

Ambrosina Pires diz: “eu acho muito importante as visitas, oh! Meu Deus, ajuda em muitas coisas. Você está ali com aquele pensamento, sozinho, chega uma pessoa, aquilo a pessoa se abre, o coração fica outro”.

O que fazem nessas visitas? Momentos de acolhimento por parte de quem visita para ajudar os familiares do visitado a ser também acolhedores; conversas e descontração, aniversário, orações e preces. Por vezes os visitados são ajudados no banho, na higiene e ensinamento de remédios, quando não medicados por profissionais da saúde. Uma delas, Augusta Pedra, diz: “visitamos os doentes, os velhinhos e celebramos os aniversários deles. Levamos um presentinho, cantamos para eles os parabéns, eles ficam muito contentes”.

Conforme o estado em que o doente está, é feito da seguinte maneira: se o doente está melhor é sentado na sala da casa para conversar; fazem uma oração mais intensa. Se o doente está mais grave, de cama, a oração é bem mais rápida. Neste caso, não fica mais de um dos visitantes no quarto. Enquanto um está com o doente, os outros ficam na sala conversando com a família do visitado.

Quando o visitado é católico se faz uma leitura da Bíblia, reza-se a Ave Maria, o Pai Nosso e canta-se para alegrá-lo. Também são anotado os nomes dos doentes e idosos que foram ou não visitados, para informar à equipe ou ao pequeno grupo de visitas. A Maria Antônia diz: “eu me sinto muito bem com as visitas, às vezes deixo tudo para fazer uma visita. É uma coisa boa”. Vê-se nesta outra entrevistada, a delimitação da saúde e afazeres de casa, mas que não se sente bem sem fazer visitas.

Fabrcia Floriano diz: “acho muito bom, só não faço mais porque me sinto fraca, mas gosto que as pessoas venham me visitar. Tenho vontade que Deus me dê muita força para mim visitar também”.

Cecília de Castro fala: “é muito bom, me enriquece bastante. Agora não estou visitando porque a minha filha está trabalhando e o meu netinho fica comigo”.

A cada semana os visitados ficam ansiosos para receberem as visitas, na falta dessas, eles se lamentam. Assim dizia Rita Alegre: “minha mãe estava doente e sempre recebia a presença dessas senhoras, quando elas não vinham, ela perguntava por que não vieram”. Por outro lado, é muito grande o sentimento de dor, por parte de algumas visitantes, no que se refere à situação sofrida do visitado. A entrevistada Ruiva Cândida dizia: “às vezes fico preocupada ao visitar alguém, em ver a situação que passa, mas a gente sente força, porque as pessoas doentes passam também a força”. Este outro depoimento de Sonia Alves diz que “as visitas são muito

importantes, quando eu visito um doente ou um idoso, me sinto emocionada de ver aquela situação de tristeza que passa as pessoas visitadas”. As idosas do grupo Recanto da Alegria participam em pequenos grupos para um trabalho domiciliar, para visitar outras pessoas idosas e doentes que não podem participar do grupo. Para elas, as visitas são de suma importância, pois levam conforto, alegria e felicidade aos visitados. Com isso elas se sentem valorizadas e úteis a um serviço prestado para ajuda mútua aos necessitados e carentes. Aparecida de Souza fala que,

“a visita é a coisa melhor que tem, porque a gente sabe que está ajudando as pessoas. A gente chega naquela casa, estão tristes, com a presença da gente, sentimos que eles se alegram. Vemos uma alegria nos olhos deles. Eles falam que as nossas visitas para eles é a coisa mais boa. Então quando a gente ouve estas coisas, fica satisfeita. Nós fazemos visitas aos idosos e os doentes”.

Carmosina Valverde diz:

“Uma visita é muito boa. É uma alegria para aquela pessoa visitada. Ela fica lá doente, inclusive eu mesma, quando vinham fazer uma visita para mim, eu ficava alegre, achava bom. A gente conversa com as pessoas, passa coisas de Deus para elas. Ajuda a conservar a fé da gente”.

Aparecida Souza:

“A visita é a coisa melhor que tem, porque a gente sabe que está ajudando as pessoas. A gente chega naquela casa, estão tristes, com a presença da gente sentimos que eles se alegram. Vemos uma alegria nos olhos deles. Eles falam que as nossas visitas são muito boas. Então quando a gente ouve estas coisas ficamos satisfeitas. Nós fazemos visitas aos idosos e os doentes”.

Como podemos notar, as visitas ambientam e enriquecem as idosas, pois elas fazem deste ofício uma missão da vocação cristã e humana.

#### 4.2.2. Os trabalhos manuais

Os trabalhos manuais que as idosas realizam no grupo têm como objetivo o aprendizado. Às vezes esses trabalhos são vendidos para se comprar outros materiais, para complementar o material já existente e enviado pela Fumdec/Prefeitura. A Fumdec envia um kit, que contém aviamentos específicos como tecidos, linhas e outros. Algumas idosas levam para suas casas os trabalhos que são feitos ou ainda em fase de acabamento, os quais, depois de terminados trazem para serem colocados em exposição no grupo e na comunidade. Depois da exposição, cada uma fica com o seu trabalho. Dentre as idosas, ainda existe sempre umas que não participam destes trabalhos. É o caso de Antônia Severina, que dizia: “eu não ajudo nos trabalhos manuais no grupo porque só participo para assistir o que as outras fazem”. Neste outro depoimento, Francisca de Paula dizia: “os trabalhos manuais eu não faço porque sou muito preguiçosa, não quero aprender mais nada”.

Nota-se que os trabalhos manuais, ao que parece, não têm tanta ênfase para a vida das idosas deste grupo. Para estes trabalhos, carecem de muita habilidade e vontade, mas não têm a obrigatoriedade da participação de todas, é uma atividade do grupo. Elas gostam muito de cantar. Para elas, o canto traz a alegria e também é uma forma de oração. Dizem, conforme o ditado popular: “quem canta reza 2 vezes”.

### CONCLUSÃO

A questão fundamental que gerou todo o contexto trabalhado está na relação do grupo de terceira idade Recanto da Alegria como objeto de pesquisa, por

se tratar de um grupo de idosas católicas, cujas práticas religiosas, com sua simbologia e ritualidade se torna forma de solidariedade grupal. Está unida à religião.

A religião relaciona as pessoas entre si e os grupos, sobretudo no que se refere à idade mais avançada, a terceira idade. Toda religião, de uma forma ou de outra, é imbuída de organização pastoral, com seus agentes de pastoral, consagrados ou leigos, que dinamizam o serviço da Igreja. Por outro lado, dentro da religião, está vigente o catolicismo como uma realidade pluralista que atinge a consciência dos praticantes; com suas crenças favorecem a integração à vida, no sentido de resolução das necessidades pessoais, o que também tem cunho social. Daí as buscas de novas tendências e descobertas, para o sentido vital do indivíduo religioso.

Pelo simbolismo dos ritos, a doutrina, a moral e a organização que subsistem enquanto relacionamento homem/Deus, é ainda em virtude dos elementos medievais e tridentinos do catolicismo europeu, assim como elementos das religiões africanas e americanas.

As manifestações religiosas se originam na fé como perspectiva teológica em certas verdades de dogmas; nas práticas religiosas como importância na adesão religiosa, que são criadas pelos indivíduos para a manifestação divina: o ritual e a devoção são exemplos de práticas sagradas realizadas pelas idosas.

A experiência religiosa, também manifestação e religiosidade, está no conhecimento do sagrado, este contato se dá através dos sentimentos, da percepção e sensações individuais. Os efeitos das crenças são identificados na adesão da vida religiosa. Um dos fatores essenciais das manifestações religiosas é a vivência grupal com sua experiência cultural e social.

Os ritos, na experiência religiosa, revelam os valores humanos, para isso necessitando do elemento sobrenatural, para a sua segurança. A ritualidade se traduz

em emoções, sentimentos humanos e a simbologia ressalta as explicações do fenômeno ritual na sua totalidade. É também uma forma de comunicação dos contatos entre as pessoas através de códigos de boas maneiras, regras que compreendem a constituição das sociedades humanas. Os elementos simbólicos do rito trazem prosperidade na vida humana. Não é para menos para as idosas do grupo Recanto da Alegria, elas dependem também da conexão e relações entre as pessoas, sobretudo entre elas e a comunidade.

A religião, fator essencial na sociedade, prende as pessoas a algo em seu redor, algo que está nas ameaças e promessas. Os relacionamentos entre o objeto/homem e o sujeito/Deus se dá através de gestos, palavras, um sinal, um símbolo, o mito ou um sacrifício, que denominam um sistema de práticas e crenças religiosas.

A experiência religiosa faz sentir e agir, assim como enxergar. O fiel está sempre em contato com o sobrenatural para superar fatos corriqueiros da vida. Através da Bíblia, a palavra de Deus e da experiência religiosa, as idosas se tornam animadas e permanecem unidas na fé. As crenças e as experiências religiosas têm caráter comum entre as pessoas pois trazem felicidades na vivência solidária. Diante disso, conhecendo a problemática em que vivem os indivíduos, tende-se buscar as verdades e as perfeições sobre as imperfeições sociais.

Hoje as pessoas estão ficando mais velhas em virtude das variedades de controles de vida, começando com o controle de natalidade (natural – medicamentos – laqueaduras, vasectomias, cuidados geriátricos etc.), assim como as associações e grupos que favorecem as pessoas com mais anos de vida. Apesar disto tudo, ainda é muito difícil ser velho em nosso país, pois falta muita coisa para



satisfazer e preservar a vida das pessoas idosas, que fizeram e continuam fazendo a sociedade.

Nos depoimentos das idosas, no grupo Recanto da Alegria, nota-se ainda que, há uma inconsciência, por vezes, imaturidade, no sentido de acomodação e conformismo. Elas usam da religião para encobrir as insatisfações cotidianas, o que poderá incapacitá-las de realizarem algo mais profundo e crítico nos aspectos social e religioso.

As idosas, através das práticas religiosas, dos ritos e da religião, realizam seus sentimentos como forma solidária ao que é religioso. Nota-se que o mundo, para as idosas, só é enquanto religioso; a sociedade é consequência daquilo que é religioso; enquanto que, para os teóricos, em especial, Durkheim e Turner, a religião está no social.

As idosas se beneficiam da experiência religiosa com seus ritos e sua simbologia, para a sua realização e encontro com o sagrado. Portanto, a sociedade e o grupo são importantes. Também as missas, as rezas, água benta, os ramos, o apostolado da oração, assim como as visitas aos doentes e idosos e os trabalhos manuais, são atividades que realizam as idosas, no contexto social e religioso. O grupo é de fundamental na vivência religiosa e na solidariedade, para que as idosas sejam sujeitos ativos na sociedade. Baseiam-se na ritualidade religiosa, como acesso à integração social. Com isso, elas se sentem valorizadas e superam os desafios, mesmo que estes desafios sejam a solidão, a depressão e a própria velhice.

A solidariedade e a religião são, portanto, o eixo central para a continuação da vida das idosas do grupo Recanto da Alegria. A religião é uma forma solidária entre as pessoas, com sua simbologia e ritualidade. Contribui para o

relacionamento e perspectivas humanas, no sentido de satisfação e restabelecimento cotidiano, ela dá à velhice um novo vigor.

A velhice é caracterizada pelo declínio físico e mental, denominado terceira e última idade da escala periódica da vida humana. Por sinal, é inevitável. A religião e a solidariedade são fatores importantes na consciência dos velhos para aceitar as mudanças. Os grandes horizontes surgidos na sociedade, as associações e os grupos podem influenciar no bom humor da velhice, mas ainda não são suficientes para que os velhos se sintam úteis ao mundo, mas amenizam a sua consciência de envelhecimento e fazem o que podem. Muitas vezes sentem o peso da fraqueza, o isolamento, convivência com a solidão, conseqüentemente a depressão, nas pessoas, de modo especial nos velhos, pela falta de integração total nos grupos, associações e famílias.

Ao falar da velhice, logo se pensa em solidão e depressão, pois a sociedade vê os velhos como inúteis. Nisto, vem a preocupação deles, quanto ao presente e ao futuro; sentem-se encurralados, não resta outra saída, senão a solidão e a depressão. Desde que não existe a vida grupal e solidária, a velhice mesmo não sendo uma doença, pode ser relevada à solidão e à depressão, como mal de cansaço, agitação, impaciência e falta de perspectivas.

Contudo, são muitos os desafios para os velhos no Brasil, em contraposição a outros países de primeiro mundo, como Japão, USA, Canadá e países europeus, onde é considerável a qualidade de vida dos velhos. Em pleno século XXI, as condições de vida do idoso brasileiro necessitam de cuidados especiais. As leis precisam sair do papel para favorecer esta classe tão indefesa, vista como instrumento de descarte, que não produz e traz despesas e desgosto familiar.

Julgará, agora o leitor, a importância ou não desta pesquisa. Se o assunto foi proveitoso, será também mais rico se existir interesse por outros cientistas da religião no tocante a esta mesma temática. Não cabe aqui deixar respostas prontas, mas abrir caminhos para outros pesquisadores, assim como muitos teóricos e pensadores o fizeram também, com suas contribuições para as Ciências da Religião e para as sociedades. O que ainda poderá ser feito pelos idosos? Sabe-se que nos dias bem próximos haverá uma grande população de homens e mulheres que vão se envelhecendo. Sendo assim, seremos os próximos atores que a sociedade espera amanhã?

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALVES, Rubem. *O que é religião?*. 2ª edição. S. Paulo: Ed. Loyola, 1999.
2. BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, arte e política*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985.
3. BERGER, Peter Ludwig. *O dossel Sagrado*. Elementos para uma teoria sociológica da religião/Peter I. Berger: (organização Luiz Roberto Benedetti; tradução José Carlos Barcellos) – São Paulo: Paulus, 1985. pp. 55-58.

4. BOFF, Leonardo. *Mística e espiritualidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
5. BOM MEIHY, José Carlos S. *Manual de história oral*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
6. BOSI, E. *Memória e sociedade de velho*. São Paulo: Companhia das letras, 1987.
7. BOTH, Agostinho. *Terceira Idade: primeiros passos de um caminho*. Passo Fundo: Gráfica e Editora UPF, 1993.
8. CAMARANA, Ana Amélia. (Org.) *Muito além dos 60: Os novos idosos brasileiros*. Rio de Janeiro: IPEA, 1999.
9. CARDOSO, Rute. *A Aventura Antropológica – Terra e pesquisa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
10. DA MATTA, Roberto. *Relativizando: uma introdução à antropologia social*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987
11. DESLANDES, Suely Ferreira. *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1994
12. DEBERT, Guita Grin. *Desbravando Fronteiras e Redefinindo Padrões; Tempo e Presença: Idoso – Dignidade – Cidadania e Utopia*; publicação do CEDI, n.º 246 ano 14 – Julho / Agosto /92. p.13-16.
13. DICIONÁRIO DE ESPIRITUALIDADE. S. Paulo: Edições Paulinas, 1989.
14. DI BRERNARDINO, Pedro Paulo. *A solidão em Santa Terezinha do Menino Jesus*/Pedro Paulo Di Bernardino. S. Paulo: Paulus, 1995.
15. DURKHEIM, Émile, 1858-1917. *As formas elementares de vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*/Émile Durkheim; (tradução Joaquim Pereira Neto; revisão José Joaquim Sobral). São Paulo: Edições Paulinas, 1989.
16. \_\_\_\_\_. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*/Émile Durkheim; (tradução Paulo Neves). São Paulo: Martins Fontes 1996.

17. ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. S. Paulo: Martins Fontes, 1996.  
\_\_\_\_\_. *Tratado de história das religiões*. S. Paulo: Martins Fontes, 1998.
18. ESPÍN, Orlando. *A fé do povo: Reflexão teológicas sobre o catolicismo popular*. S. Paulo: Paulinas, 2000.
19. ECKERT, Cornélia. *A Saudade em Festa e a Ética da Lembrança*. Dep. e PPGAS Antropologia, UFRGS.
20. GARCIA PINTOS, Cláudio C. *A família e a terceira idade: Orientações Psicogerontológicas*. São Paulo: Paulinas, 1997. pp.13 – 74.
21. GALILEA, Segundo. *O caminho da espiritualidade*. S. Paulo: Edições Paulinas, 1983.
22. GEERTZ, Clifford. *Uma descrição densa por uma teoria interpretativa da cultura*. Rio de Janeiro: Zaha Editores. 1978.
23. GUIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. S. Paulo: UNESP, 1991.
24. HEILER, Friedrich. *Storia delle religioni*. Firenze: Sansoni, 1972. 2ª edizione. (Trad. Sergio Araújo) pp. 5-38.
25. Iluminura In: (Org) SARTORE Domenico e TRIACCA Achille M.; *Dicionário de Liturgia*: tradução Izabel Fontes Leal Ferreira. São Paulo: Edições Paulinas. 1992, pp 1022-1027.
26. Iluminura In: (Org) FLORISTAN C., TAMAYO J.J., TORRE J. De La; *Dicionário de Pastoral*. Aparecida São Paulo: Editora Santuário. pp. 481-482.
27. Iluminura In. (Org.) LA BROSSE Olivier de, HENRY Antonin-Marie, ROUILLARD Philippe. *Dicionário de Termos da Fé*. Aparecida São Paulo: Editora Santuário 12570

28. KLEIN Melanie. *O Sentimento de Solidão*. Rio de Janeiro: Imago editora LTDA. 1963.
29. LOPES, Alzira C. *Como viver feliz seus 100 anos*. São Paulo: Paulus, 1993.
30. LÓPEZ AZPITARTE, Eduardo. *Idade inútil? Como se preparar para tirar proveito da velhice*. São Paulo: Paulinas, 1995.
31. MARÇANEIRO, Marcial, SCJ. *Eros & Espiritualidade* (desejo e mistério no cotidiano da fé). S. Paulo: Paulus, 1997.
32. MELO, Orfelina Vieira. *O idoso cidadão*. S. Paulo: AM Edições, 1996.
33. MIRANDA, Mário de França, SJ. *Igreja Católica Diante do Pluralismo no Brasil*. Revista Eclesiástica Brasileira - REB – Fasc. 202. Vol. 51, junho/1991, pp.292-306
34. NERI, Anita Liberalesso, *Qualidade de vida e idade madura*. Campinas, SP: Papirus, 1993.
35. ÓDEA, Thomas. *Sociologia da religião*. S. Paulo: Paulinas, 1969.
36. OTTO, Rudolf. *A universalidade do religioso*. S. Paulo: Loyola, 1998.
37. O POPULAR, Goiânia, 05 de junho, 2000. P 16.
38. PARKER, G. *Religiosidade Urbana*. Revista Eclesiástica Brasileira – REB, Fasc. 210, Vol. 53. junho/1993, pp.291-298
39. POLÍTICA NACIONAL DO IDOSO: *Lei n.º 8.842 de 4 de janeiro de 1994* - Brasília: MPAS, SAS, 1997.
40. PRÉTAT, Jane R. *Envelhecer: Os anos de declínio e transformação da última fase da vida*. S. Paulo: Paulus, 1997.
41. PUBLICAÇÃO Nº (ADM) 90 – 1653 Do DHHS - *Se você tem mais de 65 anos e está deprimido*, Administração de Álcool, Abuso de Drogas e Saúde Mental,

Impressos em 1990 – Tradução e reprodução autorizadas, 1993 (National Institute of Mental Health)

42. PY, Ligia. *Testemunhas vivas da história*. Rio de Janeiro: ECN Editora científica nacional. 1996. p. 23ss.
43. RIBEIRO, Hércion. *A Condição Humana e a Solidariedade Cristã*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1998
44. REVISTA DA SECRETARIA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL. *Cidadania*. Ano 1 nº 1, janeiro/março de 1998, pp. 20-29.
45. ROBERTSON, Roland Camp. *Sociologia de la Religion* – México: Fondo de Cultura Econômica, 1980, pp.228 – 235
46. ROLIM, Francisco Cartaxo, *Max Weber e sua proposta de comunidade fraternal*. Revista Eclesiástica Brasileira, vol. 46, fasc. 184, dezembro de 1986. pp.804-809.
47. RODRIGUES, Luiz Alberto Vieira. *Terceira idade e práticas religiosas como expressão de solidariedade*. Goiânia, Universidade Católica de Goiás, 2001.
48. SAMCHIS, Pierre. *Catolicismo: modernidade e tradição*. S. Paulo: Loyola, 1992.
49. SANTRIDIÁN, Pedro R. Dicionário básico das religiões/Pedro R. Santridián; Aparecida, São Paulo: Editora Santuário, 1996. pp. 411-414.
50. SCHWOB, Marc. Dr. *Como Vencer a Depressão*. São Paulo: Edições Paulinas. 1989.
51. TELLES, Maria Luiza Silveira. *O que é Depressão*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1992.
52. TOMIKO, Bom. *A dignidade Humana na Terceira Idade; Tempo e Presença*. Publicações do CEDI, Idosos – Dignidade – Cidadania e Utopia; nº 264, ano 14 – julho/agosto/92. p.5-7.

53. TURNER, Victor W. *O Processo Ritual: estrutura e anti-estrutura*. Petrópolis: Vozes, 1974.
54. URIEL, Heckert. *Revista Ultimato*, ano XXXIV – nº 269 – Março/Abril – 2001. Editora Mundo Cristão – pp. 24-25.
55. WACH, Joachim, 1898 – 1955. *Sociologia da Religião*. São Paulo: Edições paulinas, 1990, pp.30-54.
56. VARGAS, Heber Soares. *A Depressão no Idoso*. São Paulo: Fundo Editorial BYK, 1992, pp. 45-60.
57. VEJA, Ed. Abril,. Edição 1659-ano 33, nº 30 – 26 de julho de 2000.

## ANEXOS

### IDOSAS ANTES E APÓS SUA INTEGRAÇÃO GRUPAL

Como era a sua vida antes do grupo?

Como é a sua vida após a participação no grupo?

Quais os tipos de práticas sociais e religiosas vivenciadas no grupo?

Quais as dificuldades encontradas nesta fase da vida?

O que pensam da idade? Da religião? O que pensam das práticas sociais e religiosas?

#### **1. Maria Antonia**

“A minha vida continua a mesma, porque eu, no grupo me sinto muito bem. É um meio para a gente descansar. A gente luta sempre em casa, fazendo uma



coisa e outra, e no grupo, eu converso com uma, converso com outra; então, eu me sinto bem neste grupo. Mas a minha vida continua normal. No grupo, a gente faz muitas coisas: dançamos, rezamos, fazemos ginástica. Então no grupo temos muitas coisas boas.

Quanto às rezas e orações, nós gostamos muito de cantar, inclusive temos uma amiga que gosta muito de cantar. No grupo, nós rezamos o Pai-Nosso de mãos dadas, agradecendo a Deus pela reunião, pois todas nós estamos com saúde. Quanto às missas, eu vou muito nas missas, me sinto muito bem. É a coisa melhor que sinto é ir para a Igreja.

Quanto às visitas, fazemos visitas aos doentes e idosos. Quase todas que participam do grupo fazem estas visitas em pequenos grupos. Quando a gente fica sabendo de um doente, juntamos um pequeno grupo de mulheres idosas para fazer estas visitas. A visita é importante, tanto para mim como para o doente. Nas visitas depende do doente, se o doente gosta muito de conversar, a gente fica mais para ouvir, sem falar; se o doente não gosta muito de falar, a gente conversa, costumamos até brincar com ele, alegrar. Se o doente precisa de um banho, nós ajudamos e depois fazemos uma oração. Quando a gente visita um doente que é católico, nós fazemos a leitura da Bíblia, outra vez rezamos a Ave-Maria, o Pai-Nosso, cantam para alegrar o doente. O doente fica contente quando a gente chega. Eu me sinto muito bem com as visitas, às vezes deixo tudo, para fazer uma visita. É uma coisa boa.

As rezas: rezamos o terço todas as sextas feiras, outras do grupo rezam nas segundas feiras. Quando é tempo da quaresma a gente faz encontros específicos para este tempo. As rezas são continuadas durante o ano todo, também no natal. Nas rezas, nós fazemos leituras da Bíblia (o Evangelho de cada dia), com um comentário sobre a leitura, com a participação de todos presentes.

Os trabalhos manuais que são feitos no grupo semanalmente, é para aprender, não tanto para ganhar dinheiro, são bordados e cada uma fica com os seus. Às vezes são vendidos para comprar outros materiais além do quite recebido da Fumdec. Cada uma recebe um quite da Fumdec, que contém aviamentos específicos. Algumas levam os seus trabalhos para casa, depois que terminam esses, elas trazem para mostrar para as outras no grupo.

A religião: Se a gente não tivesse religião a gente não ia participar do grupo e nem da Igreja. Na minha vida, sempre fui católica. Eu morava na roça, que era muito difícil participar das coisas. Toda a vida a gente sempre caminhava para as missas. Mudamos para Goiânia há 20 anos. Então e acho que a religião ajudou muito. A gente sem a religião, sem as coisas de Deus, não temos condições de viver. Os mais velhos são mais religiosos que os mais novos; os mais novos não importam. Ser religiosa é uma tradição que vem dos pais, a gente aprendeu com eles, e isto a gente continua. O Apostolado da Oração, o Ofício Divino das Comunidades, coisas maravilhosa. As pessoas que vão lá acham muito bom. Lá a gente reza pelos outros, doentes, por todos, é muito maravilhoso.

O grupo é só de mulheres, porque falta nos homens, pensar que não é só as mulheres que precisam de participar. Eles também deveriam de participar, porque homem também fica doente e velho. Acho que quando a gente está doente, gostamos de visitas. A visita é uma coisa que faz a gente sair, às vezes né...É uma acomodação deles, muito acomodados. As mulheres participam mais”.

## **2. Antonia Severina**

“A minha vida era boa, divertia muito e agora depois do grupo me divirto ainda mais. Às vezes estou em casa aperreada, digo: não, eu vou no grupo para juntar com as velharadas, velhas não! Que nós não somos velhas, nós somos mais que novas. Quando eu estou no grupo, nossa! Eu estou bem, a gente diverte. No grupo temos uma amiga, a Maria Paixão, que é fora de sério. Temos a dona Rosa e muitas outras idosas, todas elas são muito boas comigo. Eu não ajudo nos trabalhos manuais no grupo, porque eu só participo do grupo para assistir o que as outras fazem lá. A religião para mim, ajuda muito.

As visitas são boas para todos. Outro dia eu fui visitar a dona Geralda; a Zilda estava dando a comunhão, a hóstia e eu tomei também. Foi bom demais.

A religião é tudo. Eu graças a Deus toda vida fui católica e acho que nunca vou sair do catolicismo, porque me ajudou muito. Eu não pertencço ao Apostolado da Oração mas, participo das orações e reuniões organizadas pelos seus integrantes. Isto porque sou convidada. Os idosos são mais religiosos que os mais novos, porém agora, o mais novos estão freqüentando bem também. As mulheres idosas são mais religiosas que os homens idosos. No nosso grupo não tem nenhum homem, talvez, porque não gostam de participar. É comodismo deles. Eu me sinto muito bem no grupo, às vezes que não vou fico triste. A religião e o grupo ajudam a gente enfrentar as dificuldades da vida.

Os rituais da água benta, dos ramos ajudam muito na proteção da saúde, guardar a casa. A água benta serve para aliviar as dores. Às vezes estou com uma dor, passo água benta, parece que alivia mais; eu me sinto bem é a fé que a gente tem. Das rezas, gosto muito de rezar, às vezes eu não sei rezar sozinha, mas quando os outros estão rezando, eu acompanho. As rezas pra mim é tudo. Os grupos de orações se encontram uma vez por semana nas casas. As missas eu às vezes

falho, porque tem vezes que eu não durmo de noite e quando é no outro dia bem cedo dá vontade de dormir, por isso não vou sempre às missas. Quando eu vou à Igreja, me sinto bem, a gente parece voltar mais leve, tranqüila”.

### **3. Carmem Oliveira**

“Antes a minha vida era discriminada, a gente se sentia envergonhada das pessoas mais jovens. Sentia que eu não tinha valor. Depois que comecei participar do grupo já me senti feliz; senti que não tem ninguém melhor que o outro, a gente se sente bem.

As visitas para mim, é a coisa mais maravilhosa. Eu sinto tão bem, aquele amor nas pessoas visitadas; parece que a felicidade delas vinha de dentro, aquela alegria. Sempre eu pedia a Deus que me desse algo para fazer em benefício dos outros. Um trabalho que me sentisse bem e participasse da alegria dos outros. Sinto um amor, uma felicidade participando da alegria dos visitados. Nas visitas a gente se valoriza muito, especialmente, com as pessoas, as quais visitamos. Eu já fui visitada quando estava operada. Eu sentia muita felicidade quando as pessoas vinham me visitar. A gente se sente feliz vendo outra pessoa feliz. As rezas, nós rezamos o Pai-Nosso, Ave-Maria, orações para a comunhão, através de conversas com os doentes.

A religião é muito importante, nossa Senhora! Eu gosto demais... Para mim, a coisa mais maravilhosa. Peço todo dia: Meu Deus não mude meu pensamento, me deixe sempre na religião que estou, o catolicismo. A religião me ajudou muito na minha cirurgia, há cinco anos atrás, recebi muitas graças pela

religião. Superei o trauma que tinha, eu pedia assim a Deus: Meu Deus! me dá coragem, o Senhor vai me ajudar. A missa para mim, é algo de extraordinário. O domingo que eu não vou à missa, parece que sinto mal a semana inteira. A religião é muito importante no grupo.

Os ramos, água benta e rezas, gosto muito, sinto bem. Acredito que aumenta a fé da gente. No grupo eu sinto o valor que a gente tem, porque a gente vai ficando assim, de idade, pensa que não presta mais. Mas lá eu me sinto valorizada. A mulher idosa é muitas vezes mais religiosa que os homens idosos. Mas tem muitos homens religiosos, como por exemplo, na minha família. A mulher se apega mais à religião. Hoje em dia os idosos são mais religiosos que os mais novos. A gente que é mais velha, sente que sem a força de Deus não somos nada. Quando eu era mais nova, as coisa pra mim sempre eram mais fáceis e hoje não. A gente sabe que sem Deus não somos nada, não vencemos. O grupo só tem mulheres porque os homens sentem vergonha, acham aquilo sem importância, é comodismo. As mulheres são mais de iniciativas. No grupo, nós brincamos, fazemos amigas, porque somos todas iguais”.

#### **4. Raimunda de Sousa**

“Antes do grupo eu era mais caseira. Eu não tinha conhecimento da realidade. Com a participação e orientações no grupo, a gente se inteirou dos acontecimentos do bairro. Às vezes, eu pensava que o meu problema seria maior que o problema dos outros. De repente, quando a gente começa a conversar com as

outras colegas, eu vejo que o meu problema é menor que o problema delas. A outra tem um problema mais grave.

Com as visitas eu me sinto bem, pois ao visitar um doente ou idoso, me sinto muito bem, sinto amor. Ao participar do grupo e das reuniões, me senti, na necessidade de aprender mais. Por isso agora estou estudando o primeiro grau. Com isso, o meu tempo ficou limitado. As minhas colegas, inclusive a irmã Álida, estão sendo muito legais comigo, elas me abrem mãos dessas visitas e deixam fazer as minhas tarefas de casa. Eu acho muito bom visitar os doentes, eu gosto de conversar com eles, fazer eles sorrirem. Nas visitas, nós fazemos orações; dependendo do estado do doente. Se o doente está melhor, ele senta na sala da casa para conversar com a gente. Fazemos uma oração mais intensa. Se ele está com uma doença mais grave, estando na cama, a oração é bem rápida. Ultimamente, não ficamos mais de uma pessoa dentro do quarto com o doente, enquanto os outros ficam conversando com a família.

Os trabalhos manuais são feitos com material de aviamentos fornecidos pela Fumdec/prefeitura. Quando falta o material, o dinheiro arrecadado com os trabalhos feitos, vendemos, para comprar mais materiais, tecidos, linhas e outros.

A religião ajuda muito o grupo. É importante porque é através da religião que a gente conhece a Palavra de Deus e aprende a respeitar as pessoas. Com isso, passaram a fazer visitas e isso já é crescimento. Acrescenta também as rezas e o Apostolado da Oração.

O grupo me ajuda muito, sobretudo depois que meu marido adoeceu. Foi através do grupo e da religião, que comecei a melhorar, interessar pela vida. Hoje eu me sinto capaz de sentir o que quero na vida. Teve uma época que eu queria sair

de casa, pois estava muito triste. Agora estou reconstruindo a minha casa, estou sentido gosto pela vida. Sem dúvida, as idosas são mais religiosas que os idosos.

Nas missas ainda vão poucos homens, sobretudo, nos grupos. Quanto às rezas, ramos, água benta, é uma tradição. Tem um significado hereditário. Eu me lembro no passado, da morte de Cristo, ressurreição. Essas recordações me ajudaram a superar a depressão, isto foi pela fé. Eu fiz um propósito de andar, às vezes até 8 km., a pé, eu e outras colegas para fazer devoção na cidadezinha, próximo da fazenda. Graças a Deus, depois que participo do grupo, nunca mais sofri depressão. Deus me ajudou em tudo. Deus na minha vida é sempre o primeiro lugar. As missas são importantes, eu gosto de participar, não só assistir”.

## **5. Genoveva Alves**

“A minha vida era boa, gosto muito de ir no grupo, mas agora estou adoentada e a cabeça não dá mais para lembram dos dias das reuniões.

A religião para mim é importante. Graças a Deus, toda a minha vida fui católica. Às vezes não vou muito à Igreja, mas rezo muito em casa. Gosto das minhas orações, graças a Deus. A religião ajuda em muitas coisas. Eu gosto da religião católica. A religião me ajudou, porque eu tinha vontade de morar perto da Igreja. Eu pedi tanto a Deus. Eu ouvia as missas pelo rádio, na época, a rádio difusora, quando eu morava na roça. Eu dizia: Meu Deus, me dá um jeito de morar perto da Igreja. Agora estou morando pertinho da Igreja. Eu acompanhei todos os movimentos de construção desta nossa Igreja. Acompanhei dona Maria e o sr. Geraldo. Tenho grandes amigos.

Sobre os rituais da água benta e os ramos é uma coisa muito boa que Deus deixou. Toda minha vida eu acompanhei as missas de ramos. Os ramos servem para nos livrar das chuvas brabas, de tempestades. A gente queima os ramos para que a chuva acalme. Antigamente, era uma confusão, acreditava em tudo. A água benta serve para tudo, na vida. Quando eu estou com problemas, lavo o rosto, tomo um pouquinho.

Os idosos são mais religiosos que os mais novos. É muito difícil dizer se as velhas são mais religiosas que os velhos. Eu, de minha parte, me sinto religiosa. Hoje, eu não vou muito à Igreja porque não tenho companhia. Eu não importo com a minha idade, podem me chamar como quiserem. Eu me sinto contente com a minha idade. Eu vou completar 85 anos e me sinto feliz. Deus me deu este prazer de viver. Graças a Deus a religião ajudou muito na vida”.

## **6. Severina Ribeiro**

“Antes eu participava pouco das coisas. Eu ficava muito em casa, porque meu esposo estava doente. Dona Clarinda, uma das integrantes do grupo, me convidou para participar do grupo. Eu fui e gostei. Lá a gente conversa, apesar que eu não sou de muito papo. Eu não dou conta de dançar, mas ajudo nos bordados. Rezamos o Pai-Nosso, Ave-Maria, oferecemos a Deus pelas colegas que estão doentes e todas as outras. As visitas eu não faço, eu é que sou visitada pelas colegas.

A religião é muito importante na minha vida. Ela nos anima. Eu tenho muita fé em Deus. peço todos os dias a Deus por minha família e para mim. Quando tem um doente em casa a gente faz orações a Deus para a recuperação da saúde.



Estes dias a minha filha passou a ser evangélica, vieram fazer algumas orações em minha casa. A religião ajuda e protege todas nós no grupo. Eu faço minhas orações e sempre rogo a Deus para todos. A religião me ajudou, porque o meu marido queria vender a casa; ele estava doente. Eu ajoelhava e pedia muito a Deus para que ele mudasse de idéia e Deus ouviu meus pedidos. A casa não foi vendida. Eu pedi a Deus com tanta fé e fui abençoada. Depois que o meu marido faleceu, eu consegui reformar toda casa.

Os rituais, rezas, ramos são para mim muito importantes. Eu não vou muito à Igreja porque me envolvo com os afazeres de casa e não me sobra tempo. Às vezes, quando tenho necessidades eu vou. Hoje tem muitos novos religiosos; eu tenho um neto que está muito envolvido com a religião. As idosas são mais religiosas que os homens idosos. Os homens acham que tem sempre uma ocupação. O meu marido, quando vivo, era assim. Ele dizia: ah! Eu não, tenho que fazer isso, aquilo”.

## **7. Augusta Pedra**

“A minha vida era muito triste, parece que eu não tinha saída para nada. Depois do grupo, graças a Deus, a minha vida melhorou muito; fiquei mais animada, passeio mais. Hoje, me sinto valorizada.

Eu faço visitas aos doentes, e quando eu demoro visitar uma pessoa doente, ele pergunta porque não fui. Visitamos os doentes, os velhinhos, celebramos os aniversários deles. Levamos um presentinho, cantamos para eles os parabéns. Eles ficam muito contentes.

Nós rezamos no grupo, na hora em que nós chegamos para começar a reunião e na hora em que nós terminamos a reunião. Viver no grupo é muito bom. As

missas, ramos, rezas e água benta acho maravilhoso, gosto muito. Quando eu falto às missas eu fico muito triste. Esses ritos são de muito valor. Água benta serve para jogar na minha casa e nos filhos, quando estão em casa. O ramo serve para tudo, até para fazer chá; para chuva braba, para manejar a chuva. No grupo fazemos muitos trabalhos manuais, porém, eu não faço porque sou muito preguiçosa, não quero aprender mais nada.

A religião nos ajuda muito no grupo. A gente sem a religião não é nada, não tem jeito de viver sem a religião. A religião ajuda em tudo, tudo que vou fazer, peço primeiro a Deus, ajuda até na minha comida. A religião me ajudou pois eu antes trabalhava muito e não tinha jeito de ir às missas; passava perto da Igreja, via muita gente, eu queria participar, mas não podia. Meu filho era muito rebelde, ele já sofrera dois acidentes, mas pela religião, ele não morreu. Eu rezo muito, entrego a Deus a vida do meu filho. Peço a proteção e que Deus tome conta dele. Eu acredito que tudo isso é a religião. Eu aprendi a religião com os meus pais.

Eu morava na roça, mas não perdia as missas. A gente ia para a cidade com os irmãos e os pais. Eu participo do Apostolado da Oração, lá nós rezamos, participamos dos encontros, vamos em outras comunidades. É muito importante.

Os idosos são mais religiosos que os mais novos. As mulheres idosas são mais religiosas que os homens idosos. No nosso grupo passou o sr. Antonio, eu me perguntei porque ele não participa conosco, ele é viúvo, vive sozinho! Ele é idoso como nós. Eu me sinto muito bem e feliz na minha idade, pode me chamar como queira, velha, idosa, terceira idade...”

## **8. Francisca de Paula**

“Antes de participar do grupo eu era muito triste. A irmã Álida me convidou para o grupo porque eu estava muito deprimida. Participando do grupo me integrei mais da Igreja. Estou no grupo Apostolado da Oração. Estou me sentindo bem, graças a Deus. Neste grupo, nós rezamos, conversamos. Às vezes eu faço visitas aos doentes e os outros idosos por conta própria.

As missas, ramos, água benta, para mim é bom, é especial. Água benta serve para curar uma doença, tomo um pouquinho e a dor passa. Tenho água aqui da Paróquia e também trazida de Aparecida do Norte.

A religião ajuda a regenerar a natureza humana. Ajuda a gente se dar bem com os outros, ter muitos amigos. A religião ajuda em tudo. A religião me ajudou, na cirurgia que fiz. Com isso fiz um voto ao Divino Pai Eterno para que ele me ajudasse a recuperar; eu levaria uma foto e colocaria nos pés da imagem. Graças a Deus estou melhorando rapidamente. No grupo a única coisa que sei fazer é bordados. Fazemos muitas amizades.

Eu penso que os idosos são mais religiosos que os mais novos. Hoje em dia os novos não preocupam em ir à Igreja. Dizem que pode rezar em casa. As idosas são mais religiosas que os homens idosos. Meus filhos quando eu vou para o grupo, perguntam se eu vou é para dançar; eu digo para eles que vou é rezar”.

## **9. Mercedes dos Prazeres**

“A minha vida antes do grupo era ruim. O meu marido era ciumento, com isso eu não saía de casa, a não ser com ele. Eu não participava da Igreja. Quando ele faleceu, eu tive que me virar, trabalhar para manter as despesas da casa. Sofri um

problema sério na coluna, nisto fui impossibilitada de trabalhar. Descobri o grupo de terceira idade, onde pude restabelecer a vida.

A religião influencia muito, tanto é que agora estou participando do Apostolado e da Conferência dos Vicentinos. As rezas, ramos, água benta e missas eu acho importante. Serve para abençoar e trazer felicidade à nossa vida. A água benta serve para benzer o nosso corpo, nossa alma. Os ramos servem para benzer o nosso amor, o nosso verde. A religião me ajudou muito. Hoje eu estou firme na Igreja Católica. Eu já fiz experiência na Igreja Evangélica, mas não adaptei.

Para mim os idosos são mais religiosos que os mais novos e as idosas são mais religiosas que os homens idosos. Eu me sinto muito bem com a minha idade, pode me chamar como queiram”.

## **10. Juvecina Alves**

“A minha vida antes de participar do grupo não era boa. Depois que comecei participar do grupo as coisas melhoraram. Participo do canto na Igreja, visito os doentes e idosos. Quando eu não visito os doentes, eles perguntam por mim, graças a Deus. A gente anota os nomes dos doentes que estão precisando de visitas. Nessas visitas dialogamos, alegramos e rezamos com eles.

A religião ajuda muito, só ela pode ajudar alguma coisa na vida da gente. A religião me ajudou quando eu comecei a freqüentar o grupo de terceira idade. Antes eu ajudava em outra comunidade. Lá eu ajudava, lavando os paramentos do altar, da missa e recebia os padres quando iam celebrar. Quando eu vim para esta comunidade me integrei mais. A religião me ajudou a recuperar tudo o que eu achava, que não dava certo na minha vida. A religião ajuda a enfrentar os

problemas do mundo. Quanto a água benta, ramos e as missas, servem para abençoar, acalmar, quando no nervosismo. A religião resolve todos os problemas nossos.

Penso que os idosos são mais eficazes que os mais novos e felizmente as idosas são mais religiosas que os idosos. Eu acho muito errado o grupo ser só de mulheres. Falta convidar os homens, mas também falta vontade por parte deles. Para mim tanto faz, como me chamar, nesta fase da vida; eu me sinto muito feliz nesta idade”.

## **11. Florismar de Castro**

“A minha vida era uma intranqüilidade; eu vivia na solidão. Hoje eu vivo tranqüila pois, estou com as minhas colegas. O grupo de terceiro idade me acordou. É uma maravilha.

A religião já me ajudou em muitas coisas boas. Dou muitos conselhos aos meus netos, para minhas colegas e para todos os que precisam de um bom conselho, pela religião. A religião ajuda muito. Quando eu vou à Igreja, sempre à noite, no outro dia eu amanheço com uma força, isto por causa da religião.

Os rituais da água benta, ramos rezas e missas, servem para muitas coisas. Água benta serve para beber e lavar quando a gente está sentido dores. Os ramos servem de chá para qualquer incômodo, queimado, a fumaça espalha todo temporal. As rezas servem para nos perdoar, as famílias, a comunidade, o padre, o mundo todo, servem também para defender dos males e trazer felicidade.

Estou contente com a minha idade, pois tenho os meus filhos, meus netos, minhas colegas, meus amigos. Tenho todos por mim. Acho que os idosos são

mais religiosos que os mais novos; mas os idosos devem ajudar os mais novos. Os idosos sabem o caminho por onde andar, os novos só sabem viverem na vaidade. Já as idosas são mais religiosas que os homens, porque as mulheres idosas quando vão à Igreja rezam por elas, pela comunidade, para todos, para os padres do Brasil e do mundo, pois eles dão muitos conselhos. Os idosos quando vão à Igreja, somente para espiar para as mulheres”.

## **12. Petronília Alcântara**

“Bem, a minha vida antes do grupo era trabalhando, freqüentava sempre à Igreja. A minha vida é mais de trabalhar. Agora depois do grupo de terceira idade me sinto muito bem, no meio da turma. Eu gosto de está conversando com elas, às vezes, até passa as dores.

Os rituais religiosos como água benta, ramos, rezas eu acredito muito. Gosto de guardar os ramos para quando vem vento forte. Eu queimo os ramos e jogo para que aquela ventania forte passa. Água benta, todo dia eu coloco um copo com água para ser abençoada pelo Pe. Marcelo, no rádio. A água serve para curar as minhas pernas e aumentar a minha fé, pois Jesus deu o poder aos padres para abençoar a água. Eu gosto muito das missas, acho bom demais. Eu só não sou muito de falar, mas de escutar.

Gosto muito de fazer visitas e ser visitada. Nas visitas, a gente leva conforto para os doentes, leva uma palavra amiga. Eles falam muito com a gente, os escutamos.

A religião ajuda muito; mal de nós se não fosse a religião e a nossa fé. A religião ajuda: Eu tenho uma neta, que foi batizada e nunca quis fazer a primeira

eucaristia, nem a crisma. Eu rezei bastante, pedindo a Deus, ela fez a primeira eucaristia e a crisma, só que hoje ela é espírita e mora nos fundos da minha casa. Mas só em realizar os meus sonhos, já foi uma graça concedida por Deus.

Na minha idade me sinto feliz, apesar das dores, eu me sinto realizada. Os idosos são mais contentes que os mais novos, porque os idosos já se realizaram na vida. Eu queria, no fim da vida, ter uma aposentadoria e uma casa para morar, tenho tudo isso. Os idosos são muito mais religiosos que os mais novos e as idosas são mais religiosas que os homens idosos, com certeza, por exemplo, o meu marido não vai à Igreja. O grupo só tem mulheres, porque os homens querem ser muito machistas, mesmo sendo idosos. Eu penso se ele viessem no grupo, vão ser diminuído. As mulheres são mais sensíveis”.

### **13. Amazonina do Prado**

“Antes eu era muito deprimida, vivia adoentada. Depois que comecei a participar do grupo de terceira idade, foi muito bom, agora me sinto outra. Estou me sentindo ótima. No grupo, nós fazemos ginástica, cantamos, sorrimos, fazemos de tudo e nos divertimos. A religião influencia muito, porque sem a religião e a fé não somos nada. Eu gosto muito da religião católica.

Os rituais rezas, água benta, ramos; os ramos servem para manejar a chuva braba, a gente queima um raminho e joga quando está chovendo com trovão e ventania. Água benta a gente passa nas dores de cabeça e toma para as dores no estômago. Isso melhora muito, pois tenho muita fé. Quanto às missas, eu sou faltosa, às vezes passo até meses sem ir à Igreja. Estes dias não me sentir bem, impedindo de ir à Igreja.

A religião me ajudou a superar as tristezas que sentia. Depois que meu esposo adoeceu, para mim foi um grande sofrimento. Agora com o tempo, ele melhorou, até me manda ir à Igreja, para rezar. Às vezes, eu visito um doente quando precisa de minha ajuda.

Quanto à minha idade eu não importo como me chamam, sobretudo, porque sou bisavó. Há! Como eu estou feliz. Me sinto mais feliz que na fase da juventude. Quando eu tinha 15 anos, qualquer coisa, desabava o mundo, agora não. Tem muitos novos que são religiosos. O meu filho por exemplo é muito religioso, mas tem outros que vêm à Igreja só por vir. As idosas são mais religiosas que os idosos. O grupo é só de mulheres porque os homens são acomodados. Eles dizem: Há! lá só tem mulheres, não vou lá não. Eu peço que Deus me abençoe, para mim continuar no grupo até dar conta”.

#### **14. Rita Alegre**

“Antes do grupo eu era muito triste. Eu não tinha companhia. Este ano vim pouco no grupo. Hoje saí mais cedo do serviço. Depois que participo do grupo me reencontrei. Eu participava das reuniões nos outros setores. A minha vida melhorou bem. Há três anos que participo deste grupo de terceira idade. Através da religião vou aprendendo com as outras, mesmo depois de velha.

Com a religião temos mais oportunidades na vida. A religião me ajudou a suportar muitas coisas. Há 20 anos que eu vivo sozinha, trabalhando. Nas terças feiras venho no grupo fora do horário de serviço, trabalho três vezes por semana, mas no grupo é muito diferente. Hoje mesmo estou muito desanimada, pois venho do serviço. Sou muito feliz, nesta idade, pois passeio, quando posso. Tenho esta idade,



mas trabalho normalmente, vale a penas viver esta idade. A religião me ajudou muito, uma vez que fiz uma cirurgia; fiquei 29 dias internada, mas alimentava, tomava banho, trocava a roupa sempre com o soro no braço. Eu roguei a Nossa Senhora Aparecida que se ela me ajudasse, eu nunca mais fazia as coisa ruins que eu fizera antes. O meu voto seria cumprido em Aparecida do Norte. Trabalhei limpando lotes, lavando roupas e outras coisa para ganhar dinheiro afim de cumprir este voto. Consegui tudo isso e agora nunca mais tomei um soro na vida.

Eu acho muito importante as visitas. Minha mãe estava doente e sempre recebia a presença das senhoras, quando elas não vinham, ela perguntava porque não vieram. Todo mundo saía para trabalhar, enquanto ela ficava sozinha em casa.

Os rituais da água benta, os ramos, a missa são de muitos valores para mim. Os ramos servem para acalmar as chuvas brabas. Queimo os ramos porque eu acredito que vale. A água benta serve para beber, coloco também no filtro. Às vezes, coloco um copo com água em cima da televisão para ser abençoada, sempre às 6 horas da manhã, na celebração da missa.

Alguns idosos são mais religiosos que os mais novos, outros não. As idosas são mais religiosas que os idosos, o idosos são mais lentos. O grupo é só de mulheres porque elas são mais corajosas, os homens são mais lentos. Eu me sinto bem ser chamada de terceira idade, melhor idade, velha, tanto faz, sobretudo a melhor idade, pois é a melhor idade mesmo”.

## **15. Sônia Alves**

“A minha vida antes do grupo era uma coisa monótona. Eu não tinha amizades com ninguém e só vivia doente, mas nunca deixei de ir à Igreja. A Igreja era

a minha fé e era Jesus para todos os efeitos. Eu freqüentava há muitos anos. Fui convidada pela irmã Palmira, para participar do grupo de terceira idade. Comecei a participar. Neste grupo nós bordamos, temos muitas atividades, tenho até certas regalias. Hoje eu me sinto de vida nova, eu não sou mais aquela pessoa de antes, vivo a vida. A gente trabalhando com a comunidade vive maravilhosamente, coisa que não aproveitava no meu passado. No grupo ainda nós rezamos as orações do Pai-Nosso, Ave-Maria, leituras Bíblicas, agradecemos a Deus.

Os rituais dos ramos, água benta, as procissões para mim, é uma coisa maravilhosa. Eu tenho muita fé, gosto muito da religião. Água benta serve para aliviar a cabeça, passo um pouco daquela água no rosto, a dor passa. Será que é a fé da gente que cura? Pois desaparece a dor.

A religião é importante na minha vida. Eu não a deixo por nada neste mundo. A religião me ajudou conseguir comprar uma casa. Eu implorei muito a Deus através de orações, novenas e conseguir, lá criei os meus filhos. Então eu não posso clamar, é Deus que está do lado da gente. As missas são importantes pois, se a gente não tem religião, a vida não tem sentido, seria uma coisa monótona. Todas as missas eu entrego a Deus, o meu trabalho, a minha vida, a minha família.

A visita é muito importante. Quando eu visito um doente ou um idoso, eu me sinto emocionada de ver aquela situação de tristeza, em que passa as pessoas visitadas.

No Apostolado da Oração conheci mais as pessoas, entendo as mais. Pena que os dias das reuniões são poucos. Penso que, tanto os idosos quanto os novos são iguais na religião mas, as idosas são mais religiosas que os idosos”.

## **16. Gurmecinda Vieira**

“Eu fui casada, fiquei viúva, com isso, passei muitas dificuldades. Eu tenho um filho, que trabalha para ajudar em casa. Eu sou aposentada, mas com muito sacrifício caminhamos. Depois que comecei participar do grupo de terceira idade me sinto diferente. No dia em que não venho por motivo de alguns trabalhos extras, como bordados e colchas, perco muito.

Os rituais da água benta, ramos e missas são interessantes. Eu faço as minhas novenas todas as terças feiras lá na Matriz de Campinas; lá eu pego a água benta, tomo, levo e jogo na minha casa. Eu freqüento a semana santa, hoje não freqüento como antes. Os ramos servem para quando chove com vento e trovão, isto aprendi com a minha avó, pois fui criada com ela. Antigamente tínhamos a semana santa como uma obrigação, mas hoje, não é tanto. O grupo de terceira idade é bom demais, todas são irmãs, amigas. No grupo, eu faço bordados para mim, para a Igreja. Faço pinturas e costuro colchas para vender, isto me ajuda no complemento da aposentadoria.

A religião me ajuda muito; eu sou devota de Santo Expedito. Tudo que eu peço para ele, recebo. A religião me ajudou quando nós estávamos sem dinheiro, sem negócios, o meu filho estava desempregado. Fazia concursos e mais concursos, passava mas não era chamado. Por fim, ele passou no concurso para fiscal, foi chamado e está trabalhando, graças a Deus.

Os idosos são mais religiosos que os mais novos, com certeza, principalmente, nas Igrejas só vemos mais pessoas de idade. A mocidade freqüenta muito pouco. As idosas são muito mais religiosas que os idosos. O nosso grupo, portanto, só tem mulheres porque os homens não são convidados, não, é preguiça deles, é só ter um convite para eles participarem.

Eu não importo como me chamam idosa, velha, terceira idade. Lá no condomínio onde eu moro, o porteiro sempre diz: cadê a velhinha? Por isso, não me importo, pois eu faço de tudo, limpo até o meu apartamento. Nesta fase, os idosos vivem contentes porque já passaram pelos problemas. Os novos tem ainda muitos problemas. Agora na nossa idade, temos que rezar, passear, fazer boas amizades e tudo mais que queremos. Eu rezo pelos meus amigos e pelos meus inimigos. Sou muito feliz, pois tenho tudo que quero, levo uma vida normal”.

### **17. Sebastiana Silva**

“Antes do grupo eu vivia na solidão. Depois que entrei no grupo, para mim, foi uma beleza, porque há 20 anos que participo de grupos de terceira idade. Comecei em outros grupos, em Goiânia, agora participo do grupo Recanto da Alegria. No grupo sempre vivo mais feliz.

A religião para mim é uma coisa muito boa. A pessoa sem religião não ama a Deus. Eu acho que a gente amando a Deus alcançamos muitas coisas na vida. A religião já me ajudou a recuperar tantas coisa na minha vida e na minha família. Eu estava com um problema muito sério, o meu filho tinha um desentendimento com um colega, mas agora eles estão bem, graças a Deus. Jesus abençoou que eles estão numa boa, conversando. Tudo isso, é prodígio de Deus.

Os rituais dos ramos, água benta, missas, para mim são bons. Os ramos servem para chuva com vento, a gente queima e usa a água para desaparecer a ventania, acho que é a minha fé, não é? Por isso que tudo é bom. Água benta serve para quando a gente está doente, toma um pouco, se tiver fé sara. As missas nos dão

prosperidade, nos dão a felicidade e a salvação da nossa alma; o perdão dos nossos pecados.

As visitas que fazemos são muito boas. Visitamos muitos doentes, conversamos com eles, para a felicidade, que é a mesma nossa felicidade.

Eu participo do grupo somente para divertir e sair da solidão, pois em casa, eu já faço de um tudo, lavo, passo, sou a mulher e o marido, pois ele está adoentado. Os idosos são mais religiosos que os mais novos porque os mais novos não querem saber de ir à Igreja. Os meus filhos quando falo de Igreja eles não querem saber. Os mais novos não têm felicidade, não sei do seu coração, mas penso assim. Para a pessoa ter felicidade, é preciso ter Deus no coração. As idosas são mais religiosas que os idosos, pois os homens não são tão religiosos, as mulheres rezam mais. Os homens não querem ser velhos. Eu sou muito feliz com a minha idade, porque já passei por muitas dificuldades, mas Deus me abençoou. Hoje vivo maravilhosamente e não me importo como me chamam nesta fase. Sou satisfeita”.

## **18. Ruiva Cândia**

“Antes a minha vida tinha muita diferença, eu rezava, mas depois que passei a freqüentar o grupo, rezo mais. As coisa ficaram mais fáceis e mais perto de Deus. Eu deixo os afazeres de casa para ir ao grupo. Recebo muita força para vencer as dificuldades do dia a dia, é muito bom participar da terceira idade. Eu fiz a faculdade da terceira idade, onde pude ter mais conhecimento das coisas. No grupo eu aprendo muitas coisa, sobretudo a entender e a aceitar a velhice, com paciência e compreensão. É como diz uma compadre meu: A saúde da gente é muito importante, mas a velhice é uma doença. A pessoa vai ficando velha, aparece tanta coisa. Eu nunca me revoltei com a velhice, sempre dou graças a Deus. Agradeço a Deus por eu

chegar nesta idade. No grupo a gente reza, conversa umas com as outras, aprendemos muitas coisas. Parece quando somos mais novos, somos ignorantes, incompreensíveis. As coisas que a gente aprende no grupo marcam muito, ficamos mais confiantes em Deus.

Visito os amigos, não visito estranhos, não merecendo castigo de Deus. Visito às minhas colegas, na sua casa ou no hospital. Às vezes fico preocupada ao visitar alguém, em ver a situação que passa, mas a gente sente a força; porque as pessoas doentes passam também a força. Tenho uma colega que veio de Uruaçu para fazer uma cirurgia no busto, ela fica com uma alegria, quando recebe visitas, isto é um conforto.

Os rituais dos ramos, água benta servem para muitas coisas. Os ramos, eu queimo para livrar das tempestades, jogo as cinzas na chuva para acalmar. Água benta serve para curar uma dor, isto é minha fé. A missa das 6 horas da manhã das sextas feiras, fazem tão bem, parece que volto para casa maneira, leve, aliviada.

A religião, adoro muito. Nasci no catolicismo, estou velha, e não tenho que falar desta nossa religião. Quando não vou às missas, fico contrariada. A religião ajuda a ser mais paciente e tolerar a vida. Ela dar forças em tudo. O que mais me marcou com a religião, foi a doença do meu marido. Fui a Trindade e roguei ao Divino Pai Eterno para que curasse o meu marido dos desmaios, foi curado.

Alguns idosos são mais religiosos que os mais novos, mas tem idosos que não tem mais disposições. A minha irmã tem uma amiga que está prostrada, sentada, sem fazer nada, porque não dá conta de mais nada. As idosas são mais religiosas que os idosos. O meu marido é mais velho que eu; às vezes ele vem com boa vontade e outras vezes ele tem má vontade, porque não é religioso quanto a nós mulheres. Os homens tem preguiça de participar do grupo. Todas no grupo são

amigas, nos sentimos bem. Para mim a terceira idade é mais certo que melhor idade. A velhice não é melhor idade”.

## **19. Terezinha Araújo**

“Antes do grupo a minha vida não tinha sentido, não tinha uma atividade para preencher o meu tempo. Quando eu comecei participar do grupo de terceira idade, sou mais feliz, porque tenho uma ocupação, além do que eu faço em casa. Eu trabalho como diarista. Nos dias das reuniões fico ansiosa para ir, porque lá eu encontrei tudo para minha vida. É toda a minha razão de ser. Graças a Deus ainda encontro forças para participar do grupo, pois faz parte da vida. Eu participo da Igreja ajudo no ministério da eucaristia e na arrumação dos paramentos da missa. Eu gosto muito de participar da missa das quartas feiras e das sextas feiras, sobretudo das procissões na quaresma.

A água benta serve para tudo. Os ramos servem para livrar-nos de chuvas brabas, para fazer um chá. Desde criança tenho os ramos como significância.

A religião para mim está em primeiro lugar, sem a religião não tenho fundamento. A religião ajuda a superar as dificuldades. Sem Deus não há religião. A religião é a força de Deus para mim. Se eu não for à Igreja ou na comunidade, não me sinto feliz. Sou católica, mas tive uma fase na vida afastada da religião, nisto sofri muito. Ao voltar para a religião superei muitos problemas dentro da família. Eu não vejo diferença na religião entre idosos e novos, mas para que as idosas seja mais religiosas que os idosos depende da saúde de cada idosa.

Penso que grupo é só de mulheres porque os homens têm preguiça, acham melhor ocupar o tempo em casa, pensam que recebe a bênção do mesmo

jeito. Não importo como me chamar nesta idade, eu sei que sou muito feliz com minha idade. Tem gente que não consegue chegar nesta idade que tenho. O grupo usa a religião porque lá não tem só católicos, tem evangélicos, espíritas, porém todos num mesmo objetivo. A Igreja católica não tem a ver com o grupo de terceira idade”.

## **20. Catarina da Mota**

“A minha vida antes do grupo era uma coisa, agora eu acho que cresci bastante, pois eu me coloquei como uma das outras que, no grupo se encontram, para crescermos juntas. Temos os mesmos problemas, as mesmas dificuldades e a mesma caminhada.

A religião une muito as idosas, as que entraram no grupo, começaram participar mais da Igreja. Tem umas e outras que são de outras religiões, mas elas se sentem bem. Não fazemos discriminação de religião, cada uma vive bem a sua religião. Isto nos une bastante. Nas rezas, nós colocamos as intenções de cada uma, por suas necessidades, uma oração mais participativa. A religião influencia muito na vida das idosas, por exemplo: temos uma idosa que se chama Magnólia, ela vivia depressiva, após algumas visitas feitas, ela começou a participar das missas e agora está participando do grupo de terceira idade. As visitas faz as pessoas crescerem muito. A religião me ajudou, onde cada ano que passa vou aprendendo que Deus está conosco.

Sobre os ramos e água benta penso que é uma coisa muito boa, nós precisamos destes símbolos. As pessoas usam os símbolos para benzer suas casas e objetos. Os ramos são devoções que nos protegem, que nos dão forças e segurança. Quanto á nossa idade, não podemos dizer felizes, mas experientes.



Temos sabedoria e conhecimento, principalmente, em participar da terceira idade, a gente se cultiva muito. Eu sou muito positiva com as outras idosas, isto me ajuda muito; a faculdade também me ajudou muito a colocar os pés no chão.

Os idosos são mais religiosos que os mais novos. Os idosos sentem-se mais perto de Deus. As idosas por natureza são mais religiosas que os idosos. As mulheres idosas rezam e dão testemunhos da vida em oração, para alcançar alguma graça, a conversão do filho, que está na bebida, da maconha. Quando se diz velha para fazer pouco caso eu não gosto, mas se me chamarem de idosa ou velha eu me sinto bem, aceito tranqüilamente, porque sou mesmo velha. Com isso eu não quero me entregar, mas quero trabalhar até quando eu puder. No grupo não há a participação dos homens porque eles só querem jogos, talvez, precisa criar esses jogos para eles. É próprio da mulher se unir mais”.

## **21. Aparecida Souza**

“A minha vida antes deste grupo era intranqüila porque eu trabalhava numa fabrica. Eu não tinha tempo de participar, mas era bom também, porque cuidava da minha mãe, do meu marido e tinha muita participação na Igreja, nas visitas aos doentes. Tudo quanto há na Igreja, eu estava no meio, mas assim eu não participava de grupo. Depois, mais tarde, eu comecei a participar do grupo da terceira idade, era na LBA/FUMDEC, na época, um grupo maravilhoso. Fiquei lá um tempo, depois passei para a Associação dos idosos. Era bom, passeávamos, para mim uma maravilha. Eu tinha uma vida boa, eu trabalhava, vivia sadia.

Sobre a minha idade, acho maravilhoso esta idade, tenho 76 anos. Quando falo que tenho esta idade, todos admira. Falam que estou errada, pois eu

deveria ter mais anos. Eu me sinto feliz com esta idade, sinto maravilhosamente. Hoje mesmo estive no médico, que ficou admirado. Eu fiz exames do coração e ele falou: d. Geralda parabéns! se toda pessoa desta idade estivesse como a senhora está, todos estavam bem. De jeito nenhum me sinto rejeitada com esta idade. Se já teve alguma discriminação, eu nem percebi. Eu ainda tenho muita força com esta idade, se Deus quiser. Agora estou meia fraca de saúde, mas se Deus quiser, eu vou continuar.

O grupo de terceira idade para mim é tudo, eu participava dos outros grupos, mas parece que neste grupo tenho mais amor, porque é da comunidade e todos são bons, as mulheres são todas minhas amigas. Este grupo é maravilhoso eu gosto mesmo.

A visita é uma coisa boa que tem, porque a gente sabe que está ajudando as pessoas. A gente chega nas casas, estão tristes; com a presença da gente, eles se alegram. Vemos uma alegria nos olhos dos doentes e idosos. Eles falam que as nossas visitas é a coisa muito boa. Então quando a gente ouve estas coisas, ficamos satisfeitas.

Os ramos têm um significado importante. Tem até um texto da Bíblia que fala dos ramos, que é: Jesus passando e as pessoas balançando aqueles ramos. Temos a missa dos ramos, acho que é uma beleza. Para mim, é uma coisa muito boa. Os ramos são tradições dos antepassados, eu acho que vale muito, porque eu tenho fé. Quando vem uma chuva braba, a gente faz um foguinho para fazer fumaça; para acalmar a chuva braba ou um vento forte.

Água benta, acho uma maravilha. Eu tomo diariamente, vivo tomando água benta. Eu sei que todas águas são bentas por Deus, mas parece que esta que a gente leva da Igreja, vale mais.

A missa também é uma coisa boa. Nos domingo quando não vou à missa, parece que falta algo. A missa ajuda em tudo, aumenta a fé e faz com que a gente ajuda os outros. A missa para mim é uma tradição, já nasci participando.

A religião ajuda em tudo, pela fé e pelas coisas que já passei. Eu tenho vencido tudo pela minha fé e pela religião. Eu acredito que Deus me deu aquilo, que ele sabe que eu vou resistir. Isso tudo é por que eu tenho religião, se não eu rejeitava tudo. Eu passo tantas coisas, mas estou aceitando tudo.

O que achamos bom no grupo, a força que é passada para cada uma. Às vezes chega gente lá com depressão, sem saber o que fazer. Os meus filhos não se incomodam comigo, assim por diante. Cada uma dá força para a outra.

Eu não me considero muito religiosa, porque a gente não pode se considerar mais religiosa que todo mundo, mas eu acredito que sou. Às vezes eu acho que os idosos são mais religiosos que os mais novos, mas as pessoas quando vão ficando com certa idade, tem mais fé.

Os novos, não podemos censurar eles porque, hoje, a mocidade tem que viver o que a gente já viveu, agora vamos viver só para fazer as coisas para não agravar a Deus. A gente não pode exigir deles.

As mulheres idosas são mais religiosas que os homens idosos, as mulheres, tanto as novas quanto as idosas, são mais religiosas que os homens”.

## **22. Carmosina Valverde**

“A minha vida antes do grupo era mais apertada, eu não descansava. Para mim não ficar a toa, limpava o cercado. Então, a gente vivia sempre doente e cansada, porque não tinha para onde ir. Depois que conheci o grupo, tenho uma preocupação, vou lá fazer um bordado, conversar, vou ouvir as palestras. O que eu

sei passo para as outras, o que elas sabem, passam para mim. Para mim, é uma diversão, é muito bom. Eu cresci, foi um crescimento. Eu sofria muito antes do grupo, porque eu trabalhava em serviços pesados e ficava adoentada. Os filhos iam trabalhar, eu ficava sozinha e não tinha para onde ir. O grupo me ajudou a libertar. Hoje eu tenho a vida. Eu sinto vontade de ir ao grupo, encontrar com as amigas, conversar com elas.

Sobre a idade, eu penso que é bom. Vivi muito, vi muitas coisas no mundo, sei do que é bom e do que é ruim. Sirvo para dar muitos exemplos às pessoas que precisam. Eu gosto da minha vida eu quer é viver. Faço tudo para viver mais. Gosto de ir à Igreja, para ter esclarecimento e também para viver a religião e ter continuação desta religião.

A religião prepara para a vida, a gente está com Deus. Se a gente não tem uma preparação, não está contrito, fica em vão.

A missa, acho boa e aprendo muito quando assisto uma missa, muitas vezes a gente não prestando a tenção não aprende. Na missa, a gente aprende a passar para os outros muitas coisas importantes. Eu vou às missas porque tenho fé. Quando estou dentro da Igreja, não lembro do que esteja lá fora. Eu lembro só da Igreja, com sentido no que está acontecendo dentro da Igreja.

Uma visita é muito bom. É uma alegria para aquela pessoa visitada. Ela fica lá doente, inclusive eu mesma quando vinham fazer uma visita, eu ficava alegre, achava bom. A gente conversa com as pessoas, passamos coisas de Deus para elas. Ajuda a conservar a fé da gente.

Os ramos eu trago para casa, às vezes quando eu estou sentindo uma dor, pego àquele raminho e me benzo. Eu acho que o ramo é bento, pois celebrou-se a missa com ele.

A água benta tenho muita fé com ela, porque representa água do batismo. É uma água sacramentada. Então a água liberta de muitas coisas. Tira muitas coisas que nos perseguem.

As rezas são coisas boas, embora eu não sei rezar muito. Eu rezo as orações mais comuns, rezo o terço, gosto de rezar, não sei dormir sem fazer minhas orações; não sei levantar sem rezar e qualquer hora, eu estando sozinha, eu estou rezando, estou pedindo a Deus por uma coisa ou outra, rezo um Pai Nosso, uma Ave Maria”.

### **23. Fabrícia Floriano**

“A minha vida mudou muito, eu era uma pessoa envergonhada, ficava sem graça de conversar. No grupo, eu peguei amizade com todo mundo, eu conversei, eu sorri. Antes eu sentia desprezo, pensava que as pessoas me olhava com pouco caso. Depois do grupo, mudou muito a minha vida.

Eu acho que vivi muito bem, antes eu pensava ser discriminada, pois já estava muito velha, não prestava mais para nada. Graças a Deus eu renovei de novo. Graças a Deus a idade não é o fim da vida das pessoas. Eu me sinto uma pessoa nova, sobretudo depois que comecei a participar da Igreja. A doença é uma coisa que a gente tem que passar mesmo. Quando a gente era mais nova fazia muita extravagância, agora a gente colhe aquilo foi feito, então a gente não pode reclamar, Deus sabe o que faz.

As visitas eu acho muito bom, só não faço porque me sinto fraca, mas eu gosto que as pessoas venham me visitar. Eu tenho vontade que Deus me muita força para mim visitar também.

Os ramos é uma bênção, da Ressurreição de Jesus. Serve para livrar de um vento forte, a gente acende uma vela benta, queima um pouquinho do ramo.

Água benta é muito bom. Às vezes eu estou sentindo mal, tomo daquela água e a dor passa. É um remédio.

Eu adoro as missas, aprende muitas coisas. A gente era católica, mas entendia bem, agora entendo melhor.

Sobre a religião, eu sou católica desde quando eu nasci. Ela ajuda tudo que a gente pede, consegue com toda fé. Quando eu rezo me sinto muito aliviada. Eu rezo um Pai Nosso com uma Ave Maria, o Creio em Deus Pai, o terço. Eu recebi uma graça muito grande, o meu Marcelo bebia de mais da conta, mais de anos que ele bebia. Rezava desde as 4 horas da manhã, todo santo dia, para Virgem Imaculada. Hoje ele não bebe mais, é outra pessoa”.

#### **24. Cecília de Castro**

“A vida parece que era tudo escuro. Agora tudo está bom para mim. Eu passei muitas dificuldades, uma delas, foi que a minha filha arrumou um filho sem casar. Fiquei muito arrasada, parece que até hoje, estou meia boba, mas está passando.

A minha idade ainda tem muito valor, sou forte e quero ser forte até o fim da vida. Nesta idade, só a doença que vem. A gente vai ficando velha, mas se Deus quiser, tudo melhora.

Visitar é muito bom e enriquece bastante. Agora não estou visitando porque a minha filha está trabalhando e o meu netinho fica sempre comigo.

Os ramos, faço o chá, guardo, acho muito bom um ramo bento. Todo ano eu mando benzer os ramos, sempre eu tenho em casa. É uma devoção de fé, porque acredito realmente, tenho muita fé.

Água benta, eu tenho muita fé, quando estou doente, jogo na casa, dou para os filhos beber, para mim. Sempre eu tenho água benta em casa.

A gente reza o terço, se reúne no tempo da campanha da Fraternidade. Eu sou da Renovação Carismática. Para mim, tudo me enriquece.

Tenho muita fé e vou à missa desde pequena. Me sinto muito bem. A minha religião é a católica, que me faz muito bem, eu tenho muita fé é com a católica. A religião me ajudou a superar, quando o meu marido me largou e eu apeguei em Deus. eu venci e ele está lá sofrendo, porque ele não pegou na mão de Deus”.

## **25. Hélia América**

“Eu tinha o meu esposo muito doente e me prendia muito em casa. Depôs que ele faleceu comecei ir no grupo. Dentro do grupo a gente encontra muitas colegas da mesma idade, que tem os mesmos assuntos, então a gente começa até melhorar. A dificuldade era grande, pois os grupos de terceira idade começaram em pouco tempo.

Depois que surgiu o grupo no Urias Magalhães, foi melhor, pois é bem próximo de casa. No grupo, todas são minhas irmãs. O grupo é muito importante para mim. O grupo me ajuda a viver mais e ajuda a aceitar a idade. Vejo que não só eu que estou com 73 anos mas têm muitas pessoas que também, tem esta idade e são todas alegres.

Eu gosto desta idade, não diminuo a minha idade por nada. Eu estou velha na idade, mas no meu espírito, ainda estou jovem. Hoje eu vivo contente.

As visitas que eu faço é tão gratificante. Quando o meu filho mais velho faleceu, eu fiquei numa situação ruim dentro de casa. A irmã Álda me convidou para fazer visitas e isto me ajudou demais, me confortou muito, precisa de ver, foi muito bom.

Aqueles ramos, a gente tem uma fé tão grande, na hora de uma situação grave, de uma aflição, a gente pega os ramos e cruza eles, para evitar uma chuva forte.

A água benta é muito boa. A pessoa que crê em Deus, tem fé, a água é um remédio. Eu quando a tomo, logo penso em Deus. A água seja um remédio para curar todos os males do meu corpo, quando eu tomo.

As missas é a nossa vida, é sempre bom estar junto com Jesus, ouvir a sua palavra, é muito importante.

A religião é uma vida para a gente, segui-la, ser fiel e fazer tudo que é possível. A religião ajuda muito. Me dá força, me dá coragem, me dá tranquilidade, me dá paciência, tudo que aflige a gente, é a religião que ajuda muito”.

## **26. Ambrosina Pires**

“A dificuldade que tinha, era constantemente dentro de casa, ficava aperreada, parece que nada era bom. Fiquei viúva com 33 anos, com 5 filhos; a mais nova tinha 15 dias. Foi um sufoco, mas louvado seja Deus, criei todos sem nenhum que me desse trabalho. Em 1973 faleceu a minha filha mais velha, que deixou duas



filhas, morando comigo até hoje. Eu tenho um bisneto, minha paixão. Os outros, menos a caçula de 34 anos, casaram-se todos. O genro viúvo mora no mesmo lote. Ele casou de novo, mas é muito bom comigo, a esposa dele é muito boa, apesar da minha filha ter falecido, e esta outra ficou no lugar. Antes da minha filha falecer, ela me inscreveu neste grupo de terceira idade, eu estava em São Paulo, vim morar em Goiânia, com o tempo eu comecei a participar do grupo, louvado seja a Deus estou muito contente estar no grupo. Participo das missas, no Urias, na Vila N. S. Aparecida, em Campinas.

Eu acho muito importante as visitas, oh! Meu Deus, ajuda em muitas coisas. Você está ali com aquele pensamento, sozinho, chega uma pessoa, aquilo a pessoa se abre, o coração fica outro.

Eu guardo aqueles ramos, se tem uma chuva com vento forte, eu jogo um ramo no terreiro. Quando passa a chuva eu guardo o ramo de novo. Quando vence o ano, eu levo novos ramos para ser abençoados, os velhos eu queimo e espalho as cinzas sobre as plantinhas. Eu peço para Jesus abençoar o meu terreiro.

Água benta, eu tomo ela, passo nas dores, uso um algodão para espalhar no corpo, ela é um remédio.

A gente vai à missa e volta com o coração aliviado, parece que a gente vem com o coração amarrado e depois da missa desamarra. A gente volta da missa deixando muitos pecados para traz.

Com a religião levo a minha vida do jeito que eu entendo. A gente não pode ficar sem Jesus. Tentei ficar fora da Igreja por um tempo, não foi bom.

Agradeço a Deus pela minha idade, tenho 77 anos e agradeço a Deus pela saúde, pelos meus netos e bisnetos. A força de Deus ajudou-me a criar os meus filhos”.

## 27. Ducarmo da Paz

“Foi muito ruim. Agora depois que comecei participar do grupo foi uma coisa maravilhosa. Eu nunca imaginava participar da Igreja. Agradeço muito a Deus por tudo que tem me ajudado.

A idade, estou satisfeita, Deus está me dando muita saúde. Só tenho um problema nas pernas, as veias.

A gente visita nas quintas feiras e também levamos a sagrada comunhão.

Os ramos servem muito; faço um chá, outra vez fico com ele na mão para passar a dor.

A água benta, às vezes eu falo quando tem algum problema, gente olha a água benta. Ela é um remédio

A missa e a religião me ajudam em tudo, eu acho bom”.